



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Shuellen Sablyne Peixoto da Silva

A TRAJETÓRIA POLÍTICA E INTELECTUAL DE OCTAVIO BRANDÃO (1916/1922)

Maceió – Alagoas
2014

SHUELLEN SABLYNE PEIXOTO DA SILVA

A TRAJETÓRIA POLÍTICA E INTELECTUAL DE OCTAVIO BRANDÃO (1916/1922)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Maciel

Maceió – Alagoas
2014

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade

S584t Silva, Shuellen Sablyne Peixoto.
A trajetória política e intelectual de Octavio Brandão (1916/1922) / Shuellen Sablyne da Silva. – Maceió, 2014.
109 f.

Orientador: Osvaldo Maciel.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió, 2013.

Bibliografia: f. 103-109.

1. Brandão, Octavio. 2. Anarquismo – História. 3. Comunismo – História. 4. Intelectuais - Alagoas. I. Título.

CDU: 329.16

Folha de Aprovação

AUTORA: SHUELLEN SABLYNE PEIXOTO DA SILVA

(A trajetória política e intelectual de Octávio Brandão (1916/1922) / Dissertação de mestrado em História, da Universidade Federal de Alagoas, na forma normalizada e de uso obrigatório)

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 25 de Setembro de 2014.

Prof. Dr. Osvaldo Batista Acioly Maciel, Universidade Federal de Alagoas.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Golbery Luiz Lessa de Moura, Mpog/Incra

Prof. Dr. Osvaldo Batista Acioly Maciel, Universidade Federal de Alagoas.

Prof^a. Dr^a., Ana Paula Palamartchuk, Universidade Federal de Alagoas.

Dedico este trabalho a minha mãe, Marly Vidinha, que sempre foi um exemplo de mulher e guerreira que luta por seus ideais e, por isso, me incentivou a travar lutas por um mundo mais justo e livre de todas as opressões.

Agradecimentos

Não poderia deixar de agradecer primeiro aos trabalhadores brasileiros que, a partir da riqueza que geraram diariamente com seu trabalho, permitiram que a CAPES me concedesse uma bolsa de pesquisa possibilitando, assim, que eu concluísse o mestrado.

Agradeço à minha mãe, Marly Vidinha, por toda a dedicação e esforço em me ensinar a importância do conhecimento e pelo apoio dispensado durante toda a pesquisa.

Agradeço ao professor Osvaldo Maciel, meu orientador que me acompanha desde a graduação, por toda paciência, atenção, dedicação e confiança, as quais foram essenciais para a conclusão desta pesquisa.

Ao meu companheiro, Eli Magalhães, por estar ao meu lado me ajudando na construção desta pesquisa e tornando a vida um pouco mais simples.

Deixo meu agradecimento também, a meus amigos, que me incentivaram, me deram apoio na construção deste trabalho e não me deixaram desistir frente às adversidades encontradas, em especial à Daniella Pontes, Fernanda Café, Isaac Moraes, Mariana Pércia, Júlio Arantes, Bárbara Suelen, Amanda Merconi, Clara Saraiva, Ellen Moraes, Davi Menezes, Fernanda Macedo, Lylia Rojas, Guthierre Ferreira e Wibsson Lopes.

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, me apoiaram e contribuíram para que esta pesquisa fosse concluída.

RESUMO

Este é um estudo sobre a trajetória política e intelectual de Octavio Brandão Rêgo, intelectual alagoano, personagem importante da história da esquerda brasileira que, ao longo da sua vida, travou lutas políticas e intelectuais ao lado da classe trabalhadora. Centraremos nossa pesquisa entre os anos de 1916 e 1922, pois foram anos em que as batalhas pessoais e políticas acabaram por tornar mais claras suas escolhas intelectuais e políticas. Escreveu o livro *Canais e Lagoas*, que preconizava a existência de petróleo em Alagoas, e defendeu a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida. Acreditamos que, por mais que menospreze sua atuação neste período em seu livro de memórias, Octavio defendeu o anarquismo com unhas e dentes dos anos 20 e sua entrada no PCB, em 1922, partindo de um rompimento ideológico e posterior negação da experiência com o anarquismo. Portanto, acreditamos que a pesquisa da trajetória política e intelectual de Octavio Brandão nesta fase pode nos oferecer pistas para entender a história da esquerda brasileira, seus fluxos e refluxos e suas agremiações teóricas na defesa da revolução no Brasil. Para tanto, revisitamos artigos escritos e publicados pelo intelectual neste período; o livro *Canais e Lagoas* que, apesar de ser centrado no estudo das ciências naturais, trata também da situação de miserabilidade do povo alagoano que chocou o jovem Octávio em suas pesquisas, além, é claro, de suas memórias, *Combates e Batalhas e O Caminho*.

PALAVRAS CHAVE: Octavio Brandão, Anarquismo, Comunismo.

ABSTRACT

This is a study on the political and intellectual history of Octavio Brandão Rêgo, intellectual from Alagoas, important character in the history of Brazilian leftwing politics that, throughout his life, fought political and intellectual struggles alongside the working class. We will center our research between the years 1916 and 1922, as were years in which the personal and political battles eventually lighten his intellectual and political choices. Wrote the book *Canais e Lagoas*, which proclaimed the existence of oil in Alagoas, and defended the workers' struggle for better living conditions. We believe, however much underestimate his activism during this period in his memoir, Octavio fiercely defended anarchism during the 20's and his adhesion to the PCB, in 1922, started from an ideological rupture and subsequent denial of the experience with anarchism. Therefore, we believe that the study of political and intellectual history of Octavio Brandão at this stage can offer us clues to understand the history of the Brazilian leftwing politics, its ebbs and flows and their theoretical associations in defense of the revolution in Brazil. To this end, we revisit articles written and published by the intellectual in this period; the book *Canais e Lagoas* that, despite being focused on the study of natural sciences, also deals with the situation of misery of the people from Alagoas that shocked the young Octavio in his research, besides, of course, his memories, *Combates e Batalhas* and *O Caminho*.

Keywords: Octavio Brandão, Anarchism, Communism

Sumário

Introdução	9
CAPÍTULO 1. Os primeiros anos da vida de Octavio Brandão em Alagoas e Pernambuco	19
1.1. Alagoas e os Passos Iniciais de Octávio	19
1.2. Educação em Alagoas	28
1.3. Estudos em Recife.....	31
1.4. Maceió e os Canais e Lagoas	35
1.5. Conferências e polêmicas sobre <i>Canais e Lagoas</i>	38
1.6. Breves Conclusões	48
CAPÍTULO 2. Os primeiros passos nas lutas dos trabalhadores	50
2.1. Segundo passo libertador: A luta ao lado dos trabalhadores em Maceió	50
2.2. Antônio Canellas e a <i>Semana Social</i>	54
2.3. O trabalho como professor e as batalhas intelectuais	58
2.4. A propaganda revolucionária e o primeiro exílio	61
2.5. O complô Maximalista.....	66
2.6. Breves Conclusões	69
CAPÍTULO 3: A vida no Rio de Janeiro e o Anarquismo	71
3.1. A vida política brasileira	71
3.2. A vida no Rio de Janeiro.....	80
3.3. Educação dos trabalhadores	83
3.3.1. Anarquismo e Religião.....	83
3.3.2. A responsabilidade dos intelectuais na educação para a revolução	86
3.3.3. A revolução será anarquista	90
3.4. Breves Conclusões	98
Conclusão	100
Referências Bibliográficas	103
Fonte documental.....	103
Bibliografia	106

Introdução

Este é um estudo sobre a trajetória política e intelectual de Octavio Brandão Rêgo, alagoano que, pela luta política no estado, foi obrigado a mudar-se para o Rio de Janeiro com apenas 19 anos. Lá, mesmo em uma cidade nova e muito distinta de Maceió, não deixou de travar suas lutas políticas e intelectuais ao lado da classe trabalhadora. Participou do PCB a partir do final de 1922 e, ao longo da sua vida, acabou tornando-se um dos personagens importantes para a história da esquerda brasileira no século XX.

Centraremos nossa pesquisa entre os anos de 1916 e 1922, pois foram anos em que as batalhas pessoais e políticas acabaram por tornar mais claro suas escolhas intelectuais e políticas. Escreveu o livro *Canais e Lagoas*, que preconizava a existência de petróleo em Alagoas, e defendeu a luta dos trabalhadores por condições melhores de vida. Acreditamos que, por mais que menospreze sua atuação neste período em seu livro de memórias, Octavio defendeu o anarquismo nos anos 20 e sua entrada no PCB, em 1922, partiu de um rompimento ideológico e posterior negação da experiência com o anarquismo.

Portanto, acreditamos que a pesquisa da trajetória política e intelectual de Octavio Brandão neste fase pode nos oferecer pistas para entender a história da esquerda brasileira, seus fluxos e refluxos e suas agremiações teóricas na defesa da revolução no Brasil. Para tanto, revisitamos artigos escritos e publicados pelo intelectual neste período; o livro *Canais e Lagoas* que, apesar de ser centrado no estudo das ciências naturais, trata também da situação de miserabilidade do povo alagoano que chocou o jovem Octávio em suas pesquisas, além, é claro, de suas memórias, *Combates e Batalhas* e *O Caminho*.

O estudo da vida de um intelectual é uma tarefa que exige do pesquisador um olhar para a sociedade na qual o "objeto de estudo" está inserido. Segundo Chartier, "o campo da história intelectual cobre o conjunto das formas de pensamento, individuais ou coletivas, filosóficas ou comuns, inventadas ou recebidas, conceitualizadas ou atuadas"¹.

Desta forma, uma de nossas preocupações centrais é que o estudo da trajetória política e intelectual de Octávio Brandão esteja inserido em seu devido contexto histórico. Assim, no que diz respeito a nossa pesquisa, buscamos sempre como objetivo não apenas um estudo comparativo entre as obras produzidas por Octávio Brandão, mas mostrar que suas obras estão sempre enraizadas, de alguma maneira, na sociedade de seu tempo e nas opções

¹ CHARTIER, Roger. Intelectual (História). IN: BURGUIERE, André (org.). **Dicionário das Ciências Históricas**. Trad. Henrique de Araujo Mesquita, Rio de Janeiro: Malo, 1993, p. 448.

políticas tomadas pelo seu autor. Ainda sobre a história intelectual, Chartier afirma:

Não se trata, por conseguinte, de caracterizar socialmente as obras a partir da posição dos indivíduos ou dos meios que as produzem, assim como não se trata de qualificá-las a partir de sua área social de difusão, mas de compreender como cada um dos campos de produção intelectual traduz, segundo suas próprias estruturas e referências, as determinações exteriores que sobre ele pesam. (...) Assim é definida (e praticada) uma história intelectual no sentido mais amplo, que por um lado não ignora que seus objetos são socialmente determinados, mas que, por outro, considera essas determinações através das propriedades específicas que, em cada caso, a mediatizam².

Octavio Brandão foi uma figura importante para a história da esquerda no Brasil. Durante sua história, demonstrou um grande esforço em conhecer as teorias revolucionárias e, já na década de 20, travara contato com o anarquismo, o bolchevismo e o marxismo. Sua preocupação terminou levando-o a ser o responsável pela primeira tradução para o português do *Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels³.

O seu livro de 1926, *Agrarismo e Industrialismo*, é a primeira produção teórica de fôlego e publicada enquanto livro, que pensa a realidade brasileira sob a ótica do Marxismo. No livro *A Derrota da Dialética*⁴, Leandro Konder faz uma crítica ao *Agrarismo e Industrialismo*, afirma que é um livro que demonstra as diversas confusões teóricas de Octavio Brandão que, apesar de ter lido muito sobre a teoria marxista (principalmente levando em consideração outros militantes e a falta de material traduzido para o português), ainda cometia confusões primárias, segundo o autor.

Mesmo diante desta crítica, Konder reconhece a importância do livro para a história da esquerda, tendo em vista que as teses propostas neste estudo foram aprovadas em congresso e aplicadas pelo próprio PCB. Sobre o livro e o conhecimento teórico de Brandão, Konder afirma:

O tom convicto, peremptório, que Brandão utilizava para expor suas posições, nas condições da época, aumentava seu poder de persuasão. Pouco afeitos à reflexão filosófica, seus leitores eram levados a crer que ele *sabia* das coisas; eram levados a sentir vergonha de terem dúvidas e aceitar aquilo que era afirmado com tanta ênfase. As afirmações eram impressionantes; só depois é que se verificaria que a história não viria a confirmá-las.⁵

² CHARTIER, Roger. Intelectual (História). IN: BURGUIERE, André (org.). **Dicionário das Ciências Históricas**. Trad. Henrique de Araujo Mesquita, Rio de Janeiro: Malo, 1993, p. 449.

³ A tradução foi feita em 1922. É possível encontrar mais informações em KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: A recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

⁴ KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: A recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

⁵ KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: A recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos**

As novas noções e descobertas feitas nas produções intelectuais de Octavio Brandão, apesar de demonstrar um grande avanço intelectual, encontram limites que dizem respeito aos limites impostos pela própria sociedade da época. Por exemplo, a intuição fabulosa de Octavio Brandão junto com a descoberta de indícios de petróleo em terras alagoanas, feita em seu estudo *Canais e Lagoas*⁶, era um grande passo em 1918, porém ocorreu em um ambiente de circulação incrédula desta hipótese. A existência de petróleo no Brasil só foi comprovada muitos anos mais tarde, através das pesquisas de Monteiro Lobato.

Quanto ao estudo sobre Octavio Brandão, sabemos que, a primeira vista, qualquer biografia é uma apresentação da vida de um indivíduo. Mas não queremos trabalhar esta dissertação a partir desta abordagem, que também consideramos importante. Queremos realizar esta pesquisa com base na intersecção entre história intelectual e biografias, sempre ponderando o papel que cumprem a documentação e a memória do intelectual Octavio Brandão. É desta forma que acreditamos que vamos conseguir perceber toda sua produção intelectual e sua trajetória dentro do contexto histórico no qual estava envolvido. Por isso, não pretendemos realizar um estudo apenas linear da vida e obra de Octávio Brandão, assim como se refere Schmidt:

Certamente, não falo das biografias tradicionais - narrativas factuais e lineares da vida dos "grandes homens" desde o nascimento até a morte - cujo objetivo principal é o de apresentar o biografado como modelo de conduta a ser seguido: um "discurso de virtudes", nas palavras de Michel Certeau. Nem das biografias sensacionalistas - do estilo "Os segredos de...", "A vida íntima de..." destinadas a saciar os apetites voyeuristas dos leitores. Refiro-me, sim, às biografias que, partindo das experiências de um indivíduo, abordam questões mais gerais relacionadas à época na qual o mesmo viveu.⁷

Yara Aun Khoury afirma que existe um alargamento dos horizontes da história e da memória, a partir do reconhecimento historiográfico de que todos os homens são construtores da história e da memória. Isto significa, para a autora, "tomar a cultura e a memória como referência significativa na exploração e compreensão da realidade social em sua complexidade"⁸. Em outras palavras:

Com esse olhar pensamos a história como um processo complexo e contraditório, construído e transformado cotidianamente. Buscando entender como processos amplos de dominação e exploração se forjam e se expressam no dia-a-dia das pessoas, em todas as dimensões da vida social, enfrentamos

30. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 185 e 186.

⁶ BRANDÃO, Octavio. **Canais e Lagoas**. Maceió: Edufal, 2001. 1 v.

⁷ SCHIMIDT, Benito Bisso. **Em busca da terra da promessa**: a história de dois líderes socialistas. Porto Alegre: Editora Livraria Palmarinca, 2004, p. 21.

⁸ KHOURY, Yara Aun. Edgar Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A formação das tradições**: 1889-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. , p. 116.

alguns desafios: o de superar versões únicas da história; o de admitir e destrinchar as questões da diferença, da diversidade, da multiplicidade, da pluralidade, como alternativas colocadas na sociedade, sem negar a contradição e o conflito; o desafio de buscar ver essas diferenças e essa diversidade forjadas por um embate de forças sociais, de campos que se opõem ou se complementam; de buscar ver como hegemonia se engendram e carências e necessidades se constituem no embate dessas forças.⁹

Para realizarmos esta pesquisa, diante dos pressupostos expostos, procuramos diversos acervos produzidos por e sobre Octavio Brandão, desde obras e cartas escritas pelo intelectual, até textos e críticas de terceiros sobre o mesmo. Para tanto, analisamos o Fundo Octavio Brandão, encontrado no Arquivo Edgar Leuenroth (AEL), na UNICAMP; as coleções do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), onde encontramos diversos documentos do e sobre o Octavio Brandão; e o Arquivo Público do Estado de Alagoas, onde revisitamos os principais jornais da grande mídia alagoana durante os anos que Octavio Brandão estava em Alagoas¹⁰.

Sobre o período que tratamos, principalmente os primeiros anos, encontramos pouca documentação. Encontramos artigos publicados em jornais, no qual se apresentam posições políticas e intelectuais de Octavio, no entanto a maioria da documentação arquivada, trata-se de documentação de outros períodos da vida de Octavio. Neste sentido, também optamos pelo uso do livro de memória *Combates e Batalhas*, que foi imprescindível para o desenvolvimento desta pesquisa.

Porém, esbarramos em uma questão: o livro de memórias de Octavio Brandão trata-se de uma tentativa do próprio autor de (re)construir sua memória e sua história. Todo o discurso do livro é construído na terceira pessoa, o autor refere-se a ele mesmo com diversos adjetivos, como o "combatente", o "revolucionário", dentre outros. Ou seja, toda a memória é construída como se o autor fosse outra pessoa olhando sua própria vida. Inclusive, em muitos momentos do livro é possível perceber um confronto entre o Octavio que escreve e o Octavio do livro, principalmente no que diz respeito à dicotomia entre Anarquismo X Comunismo.

Desta forma, é possível perceber ao longo do livro diversas construções (informações, julgamentos e valores) que são incompatíveis com a época, a exemplo do olhar sobre o anarquismo e seu suposto afastamento destes. Desta forma, sabemos que "nada, pois, se compara ao método histórico fundamental de comparação e confirmação de fontes variadas, já

⁹ KHOURY, Yara Aun. Edgar Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A formação das tradições: 1889-1945**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. , p. 117

¹⁰ Procuramos os jornais da grande mídia dos anos que Octávio Brandão estava em Maceió também no Instituto Histórico e Geográfico, porém todos os jornais do período de nossa pesquisa encontravam-se muito danificados e, portanto, não era permitida a consulta.

que o mais das vezes o escritor mergulha numa obra imaginária para escapar à vida real"¹¹. Assim, usamos toda a documentação que encontramos acerca de Brandão no período em comparação com as suas memórias, posto que entendemos que, diante da importância do *Combates e Batalhas* para o desenvolvimento de uma pesquisa como a nossa, não podíamos deixar de usá-lo, no intuito de analisar as informações constantes na documentação e construídas em seu livro.

Quanto aos acervos de documentação que encontramos relativos ao Octavio Brandão, é possível perceber uma grande preocupação do Octavio em preservar sua memória de maneira intacta, sempre destacando sua grande trajetória política, o acerto de suas opções e a importância que teve para o movimento dos trabalhadores brasileiro.

Algo que de fato é passível de diversos elogios, tendo em vista que através da documentação guardada por este intelectual é possível encontrar diversas pistas para desvendar a história dos trabalhadores do Brasil e a história do Partido Comunista Brasileiro.

Apesar deste aspecto positivo e importante cabe ressaltar que, para nós, o fundo Octavio Brandão, encontrado no AEL e feito pelo próprio Octavio Brandão, é um arquivo da vida do intelectual, cuja preocupação é construir sua própria memória (ou justificá-la). Desta forma, é necessário ter uma certa atenção e cuidado ao analisar estes documentos, afinal eles podem nos apresentar muito mais do que o que está explícito, ao passo que podem esconder diversos outros aspectos importantes para análise, mas que não o são para a manutenção da imagem do militante histórico em questão. Le Goff afirma que este é um aspecto sob o qual nós, historiadores, temos que estar preocupados seja qual for o documento.

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto de dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos neutra do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É, antes demais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produzam, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si própria. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe

¹¹ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009, p. 59.

ao historiador não fazer o papel de ingênuo¹².

Ressalte-se com isto que, com esta citação, não quero aqui afirmar que os acervos do Octavio Brandão contém documentos falsos/mentirosos ou que não devem ser analisados. Longe disso, quero afirmar que este acervo deve ser analisado levando-se em consideração o período em que foi formado, de onde veio e como foi formado, quais as intenções que se podem verificar na preservação deste acervo etc. Desta forma, é possível evitar o anacronismo na análise e perceber que a formação deste arquivo tem uma intenção clara, o que não difere da formação dos demais arquivos/acervos, tal como afirma Chartier:

É claro que nenhum texto, mesmo o mais aparentemente documental, mesmo o mais objetivo, mantém uma relação transparente com a realidade que ele apreende. [...]A relação do texto com o real constrói de acordo com modelos discursivos e recortes intelectuais próprios a cada situação de escritura.¹³

É dessa forma que procuramos analisar os arquivos do Octávio Brandão, procurando continuidades e descontinuidades, não apenas para reconstituir o passado, mas para entender a própria formação dos acervos e como esta formação e organização pode nos apresentar elementos de análise novos. Como estas camadas podem nos dar acesso ou tornar opaco um período passado.

Coadunamos também com a Heloísa Belloto que afirma que a verdadeira utilidade de acervos na pesquisa histórica é que eles apresentam “‘flagrantes’ possíveis e confiáveis dos diferentes aspectos da experiência humana”.¹⁴ A nossa hipótese é que a formação do acervo do Octávio Brandão tinha como pretensão a manutenção da imagem do "revolucionário Octávio Brandão", particularmente o comunista. É preciso um olhar crítico à essa montagem para ampliarmos as possibilidades de leitura do acervo pois como este teve sua vida de alguma forma ligada ao movimento dos trabalhadores e à esquerda brasileira, é possível conhecer mais da história da esquerda e dos trabalhadores através deste arquivo.

Caracterizar os fundos do Arquivo Edgar Leuronth e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas não é uma tarefa tão fácil, pois são dois fundos completamente diferentes e, aparentemente feitos com intenções diferentes. O primeiro possui uma organização maior, já foi tratado, é dividido em séries e parece ter sido pensado de forma a preservar a memória do Octavio Brandão da forma como o próprio gostaria que esta fosse preservada. Já o segundo,

¹² LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5ª Edição. Campinas: Editora Unicamp, 2003, pp. 537 e 538.

¹³ CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude/ Roger Chartier, trad. Patricia Chittone Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 56.

¹⁴ BELLOTTO, Heloísa. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 270.

parece mais um depósito de tudo o que diz respeito à determinada pessoa, guardada por um admirador, uma espécie de coleção.

O acervo Octavio Brandão que se encontra do Arquivo Edgar Leuronth, é muito rico. O arquivo foi doado por uma de suas filhas, Dyonisia Brandão, a única das três que ainda mora no Brasil, e que, segundo o inventário do acervo, decidiu colocar a coleção de documentos em uma instituição científica para que este ficasse a disposição de pesquisadores e estudiosos.

O acervo encontra-se totalmente microfilmado e é de fácil acesso a pesquisa, para qualquer pesquisador ou interessado. Contém diversos manuscritos, cartas, textos políticos, textos literários e suas obras mais famosas (Canas e Lagoas e Agrarismo e Industrialismo). Além disso, no fundo é possível encontrar também uma entrevista feita com o comunista em 1977, sobre sua trajetória, além de um acervo especial sobre Laura Brandão, sua esposa.

O fundo contém documentos que datam a partir do ano de 1946 com as correspondências de saudação a sua chegada ao Brasil e termina com as análises políticas sobre os anos 60. Apesar disso, é possível encontrar documentos dos anos anteriores ou que se refiram aos anos anteriores de sua vida. A maior parte da documentação dos anos anteriores foi perdida nas fugas e extradições que marcaram a vida deste militante, mas Octavio registrou tudo em seu livro de memória, *Combates e Batalhas*.

Toda a organização em séries e dossiês que se encontram neste fundo do Octavio Brandão, foi organizada pelo mesmo. E, em seu tratamento, o AEL optou por mantê-las como estava originalmente¹⁵, poucos são os recortes de jornais encontrados neste arquivo, a maior parte do arquivo é datilografado. São os esforços políticos e teóricos de Octavio, esforços que muitas vezes, principalmente através das cartas, demonstram o medo que este intelectual tinha de cair no ostracismo.

Diferente do acervo encontrado no AEL, a documentação do IHGAL não segue um padrão. Parece ter sido uma junção de recortes de jornais e rascunhos de documentos que falavam sobre e pertenciam a Octavio Brandão. O acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas não possui nenhum documento original, todos são cópias. Apresenta um período de abrangência um pouco maior, pois o arquivo engloba documentações desde a década de 20 até a década de 60. Na indicação avulsa existente em uma das pastas, consta que foi doado pelo senhor "Dyonisio Brandão". Achamos que aqui encontra-se uma grande confusão, pois

¹⁵ Inventário analítico do acervo Octávio Brandão/ coord. Elaine Marques Zanatta. Campinas: Editora Unicamp, 1986.

em nenhum registro é encontrado este senhor. Suspeitamos que este seja na verdade Dyonisia Brandão, a filha de Octávio que doou também havia doado um outro acervo para o arquivo AEL.

Nas cartas de Octávio encontradas no AEL, é possível perceber um diálogo muito forte com o primo Theo Brandão, diálogo que em alguns momentos demonstrava aspectos de parceria. Suspeitamos que alguns dos recortes de jornais encontrados neste acervo tenham sido doados por este primo. Mas estas são apenas hipóteses que levantamos.

Muitas das publicações encontradas na coleção do IHGAL são encontradas nas suas primeiras versões no AEL, em forma manuscrita ou datilografada. Mas o que de fato caracteriza o acervo encontrado no IHGAL é a junção de grande parte das notícias e textos que foram publicados por Octavio Brandão e sobre ele, particularmente na imprensa operária. São recortes de jornais, por vezes com o mesmo texto publicado diversas vezes, mas que nos ajudam a mapear a trajetória política e intelectual deste comunista de acordo com a imprensa brasileira do período.

Para os objetivos expostos até aqui, dividimos esta dissertação em três capítulos. No primeiro, tratamos sobre os anos iniciais da vida de Octavio Brandão, sua infância no interior de Alagoas, sua educação e depois partida para Recife. Em Recife, Octávio curso a faculdade de Farmácia e iniciou suas pesquisas sobre a ciências naturais, uma das suas paixões. No ano de 1916 escreveu *Canais e Lagoas*. Este livro representa uma das grandes batalhas intelectuais de Octávio, pelo relevância da pesquisa, o autor acha-se injustiçado pela falta de reconhecimento acreditando, desta forma, ter existido um complô contra ele. Portanto, procuramos transpor um pouco da discussão sobre a existência do petróleo no Brasil e trazer a visão de outro intelectual sobre o mesmo processo, Monteiro Lobato.

No segundo capítulo trazemos uma discussão sobre a aproximação do jovem ao movimento dos trabalhadores, ainda enquanto morava em Alagoas. A aproximação de Antonio Canellas e o despertar da crítica à burguesia alagoana, através das propagandas revolucionárias sistemáticas. Culminando com a prisão do jovem em 1919 e aquele que ele denomina de "primeiro exílio", pois foi quando teve que sair fugido de Alagoas para o Rio de Janeiro.

Por fim, no terceiro capítulo, tratamos sobre a vida de Octávio Brandão no Rio de Janeiro. No entanto, antes disso, travamos uma discussão sobre as correntes ideológicas e políticas que existiam no movimento dos trabalhadores brasileiros, para só então entrar nas

discussões políticas e teóricas feitas por Octávio a partir de então. É possível perceber a atividade intelectual de Octávio completamente voltada para a educação dos trabalhadores quanto a situação deles próprios, a Revolução Bolchevique e a necessidade de uma revolução anarquista.

Quanto à produção teórica sobre o intelectual, encontramos alguns estudos de mais fôlego sobre a vida de Octávio Brandão, sob diferentes perspectivas. Leandro Konder, no livro *Derrota da Dialética*¹⁶, fala sobre a trajetória de Octávio Brandão, porém a abordagem revela uma secundarização da trajetória política de Octávio em relação à de Astrojildo Pereira, intelectual contemporâneo de Octávio Brandão. Roberto Mansilla Amaral¹⁷ desenvolveu uma pesquisa na Universidade Federal Fluminense, na qual ressalta a secundarização da história do Octávio Brandão no PCB e como no fim da vida o intelectual acaba sendo relegado dentro do próprio partido que defendeu a vida inteira. Sob outra ótica, Alice Plancharel¹⁸ desenvolveu uma pesquisa sobre a vida de Octávio Brandão, na qual defende que o intelectual, ao longo de sua trajetória, procura esconder seu passado anarquista.

Octávio Brandão é uma figura emblemática na história da esquerda do Brasil. Teve uma vida política marcada por altos e baixos e, por mais que tenha tido uma grande importância intelectual e política, passou os últimos anos de sua vida "esquecido" pelo partido que reivindicou durante toda a sua vida, o PCB.

É necessário entender este intelectual dentro do meio em que viveu e de acordo com o momento conjuntural no qual sua militância estava envolvida. Ele viveu em momento de efervescência da luta de classes, onde o mundo passava por uma revolução socialista (Rússia - 1917). Acompanhou os caminhos e descaminhos traçados pela esquerda, mesmo em um momento em que pouco se sabia sobre teoria marxista. Buscava respostas para os problemas cotidianos nas suas leituras, desta forma primeiro ele se aproximou do anarquismo, para, posteriormente, virar comunista e, em certa medida, até renegar seu passado anarquista¹⁹. A construção e preservação da memória de Octávio Brandão coadunam com a sua vontade e

¹⁶ KONDER, Leandro. **A derrota da dialética**: A recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

¹⁷ AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma Memória Silenciada**: Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917 - 1980). 2003. 351 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

¹⁸ PLANCHAREL, Alice Anabuki. **Memórias & omissão**: Anarquismo & Otávio Brandão. Maceió: Edufal, 1997.

¹⁹ Esta é uma hipótese levantada pela intelectual Alice Anabuki Plancharel, que pode ser encontrada no livro: PLANCHAREL, Alice Anabuki. **Memórias & omissão**: Anarquismo & Otávio Brandão. Maceió: Edufal, 1997.

esforço feito para deixar sua contribuição política e intelectual ao Brasil.

CAPÍTULO 1. Os primeiros anos da vida de Octávio Brandão em Alagoas e Pernambuco

*Vivi num ambiente de pobreza econômica, dificuldades financeiras, perseguições políticas, preterições sociais, dores morais, injustiças intelectuais. A existência consumiu-se no trabalho, na paixão, na amargura, no esforço penoso. Mas em vista de algo historicamente necessário.*²⁰

Este capítulo tem por objetivo traçar uma discussão, através de um debate baseado em sua biografia, sobre os primeiros anos de vida de Octavio Brandão em Alagoas e Pernambuco, sua infância, educação, primeiras pesquisas no campo intelectual e de descobertas da natureza viva, sua grande paixão, e o livro *Canais e Lagoas*, do qual o autor seguiu falando até o fim dos seus dias por sentir-se injustiçado pela falta de reconhecimento.

Para tanto, julgamos necessário, além de entender a trajetória de Octavio Brandão, fazer breves discussões sobre a historiografia alagoana, a educação dos filhos dos senhores de engenho no estado no início do século XX, sobre as críticas e discussões intelectuais a cerca do livro *Canais e Lagoas* e dos indícios descobertos quanto à existência e exploração do petróleo no Brasil.

1.1. Alagoas e os Passos Iniciais de Octávio

Em 1822 Alagoas passa a compor o Império enquanto Província. Até então, o território era parte de Pernambuco. Segundo Dirceu Lindoso:

Constituída inicialmente, até o século XVIII, com apenas uma referência regional da antiga capitania de Pernambuco, passa ainda nesse século à condição de comarca, que se estende até o século XIX. Em 1817 adquire a forma autônoma de sua diferenciação, convertendo-se por ato régio numa capitania, que em 1822 compõe o corpo do Império na condição de uma província. Proclamada a República em 1889, a província das Alagoas muda sua forma política, e se converte em um dos Estados da federação brasileira.²¹

²⁰ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.XXVI.

²¹ LINDOSO, Dirceu. Representação Social na Escrita da Cultura Alagoana do Século XIX. In: LINDOSO, Dirceu. **Interpretação da Província**. Maceió: Secult, 1985. p. 49-78. (Cultura Popular/Cadernos de Cultura), pp. 74 e 75.

Assim como Diégues Junior no livro *Banguê das Alagoas*²², Moacir Sant'Ana atribui o povoamento nas terras que posteriormente vieram a ser chamadas de Estado de Alagoas à indústria do açúcar, pois, segundo o autor: “os primeiros povoados quase sempre surgiam e se desenvolviam em torno dos engenhos de fabricar açúcar”²³, afinal esta foi a grande fonte econômica do estado.

Sant'Ana afirma que a cultura da cana-de-açúcar começou a ganhar espaço maior a partir de 1835 nas Alagoas. No entanto, foi entre 1849 e 1859 que a indústria do açúcar cresceu mais em Alagoas, “o número de engenhos elevou-se em cerca de 50% [...] existiam 316 engenhos, quantidade elevada para 475, daquele ano para o de 1859, sendo que 17 destes ainda estavam se levantando e 32 outros achavam-se parados”²⁴. Sant'Ana atribui o crescimento ao fato de que 1846 foi o ano que os Estados Unidos fixaram o monopólio do algodão no comércio internacional e, portanto, a partir daí, teria acontecido um crescimento na indústria açucareira no estado, já que o mercado fechou-se para a produção de algodão que ali havia, processo que faz com que a primeira supere a última

Vale ressaltar que, apesar de apontar com clareza o predomínio da cana-de-açúcar nas terras alagoanas, o autor aponta a existência de fazendas e engenhos onde era possível encontrar vasta produção de algodão, além de produções menores de feijão, arroz, mandioca e milho. Aliás, a produção de algodão era também um dos pilares da economia alagoana no fim do século XIX e início do século XX.

O surgimento de indústrias no estado também ocorre a partir do final do século XIX, mesmo que em número reduzido. Segundo Luiz Sávio de Almeida, não há referências explícitas de indústria fora dos limites da agricultura, pois era dentro destes limites onde encontravam-se “moendas banguzeiras, as bolandeiras, a fiação e tecelagem, todas elas sendo a prática de continuidade que somava os interesses de produtores agrícolas, industriais, comerciantes e financiadores do processo”²⁵.

No entanto, ainda no século XIX, os grandes engenhos de cana-de-açúcar começaram a ser substituídos pelas usinas, que possibilitavam maior produtividade. Assim, a produção de algodão recupera espaço. Sant'Anna aponta como um dos principais motivo para a decadência

²² DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **O Banguê nas Alagoas**: Traços da influência do sistema econômico do engenho e açúcar na vida e na cultura regional. 3ª Maceió: Edufal, 2012.

²³ SANT'ANA, Moacir Medeiros de. **Contribuição à história do açúcar em Alagoas**. Recife: Museu do Açúcar/IAA, 1970, p. 229.

²⁴ IDEM, p. 230.

²⁵ ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Crônicas Alagoanas**: Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas. 2. ed. Maceió: Edufal, 2013, p. 32.

dos engenhos a falta de rodovias, e a deficiência das existentes, para o escoamento dos produtos da província. Em 1866 existiam apenas duas estradas nas Alagoas. “uma atravessava o município de Maceió, esticando-se quase numa linha reta até a então Vila Imperatriz, hoje União dos Palmares, e a outra [...] se dirigia de Maceió a Quebrangulo”²⁶. No entanto, a condição destas estradas era deplorável. A situação era agravada pela falta de pontes, o que deixava o transporte de algumas cidades para Maceió a mercê da maré cheia, afinal, a grande parte do transporte de cana era feito pelas vias naturais, como as lagoas Mundaú e Manguaba, os rios Coruripe, São Miguel, Santo Antônio Grande, Santo Antônio Mirim, Camaragibe e Maguaba.

Outro grande motivo da decadência é a falta de crédito para os agricultores alagoanos, problema que, aliás, segundo o autor, sempre concorreu para asfixiar a indústria açucareira nordestina. Era uma dificuldade que vinha de longa data e não era exclusiva de Alagoas, ocorria também em outras províncias nordestinas mais fracas, para as quais não existia facilidade para obtenção de recursos nos estabelecimentos bancários.

Era essa escassez de dinheiro que impedia aos Senhores de Engenho efetuarem a melhoria do maquinismo de suas fábricas, que não lhes possibilitavam sequer satisfazer os compromissos inadiáveis, forçando-os a entregar o açúcar a negociantes capitalistas, por preço inferior.²⁷

Mesmo diante da decadência dos engenhos em detrimento das usinas, que possuíam mais condições técnicas e tecnológicas, os senhores de engenhos, coronéis e figuras políticas imperiais mantiveram seu poder nas terras alagoanas. Mesmo o fim do século e a chegada da República não mudariam este cenário.

A proclamação da República marca o fim da centralização monárquica e, desta forma, as antigas províncias, atuais estados, passam a ter em suas mãos o poder das decisões políticas. Na verdade, “o novo regime foi a concretização dos interesses das oligarquias ou dos grupos detentores de poder econômico nos Estados, a quem já não convinha mais um regime de governo que centralizasse na corte, o Rio de Janeiro, a prerrogativa de todas as decisões”²⁸. Ou seja, a descentralização da economia viria a impulsionar o aprofundamento do capitalismo, já que os verdadeiros beneficiados foram os setores hegemônicos das classes dominantes, principalmente, as oligarquias do café no centro-sul do país.

Já na última década do século XIX, as relações de força traduziam-se em

²⁶ SANT’ANA, Moacir Medeiros de. **Contribuição à história do açúcar em Alagoas**. Recife: Museu do Açúcar/IAA, 1970, p.310.

²⁷ IDEM, p 322.

²⁸ TENÓRIO, Douglas Apratto. **Metamorfose das Oligarquias**. Curitiba: Hd Livros, 1997, p. 09.

supremacia do Sudeste cafeeiro, tendo São Paulo como polo de desenvolvimento. A aparente igualdade jurídica introduzida pela Federação ocultava, na verdade, profundas desigualdades regionais. A desvalorização da moeda, o desemprego e a contenção de crédito traziam infortúnios aos mais carentes.²⁹

Quanto à proclamação da República, as decisões e rumos políticos do país contaram com uma ínfima participação da população que era, naquele período, em sua grande maioria, analfabeta.

Porém, os ventos que traziam a “nova sociedade”, traziam também esperanças de dias melhores. Afinal, segundo, Douglas Apratto, “liam-se notícias que traziam de outras partes os sinais de progresso, sinônimo de civilização que os telégrafos e as revistas do sul insistiam em mostrar como fato inevitável de povos adiantados”³⁰. Em contrapartida, “outros se desesperavam com a demora da chegada desses melhoramentos às plagas tão distantes da terra, berço ilustre do proclamador e do consolidador da República”³¹.

As promessas de progresso não se concretizaram nas primeiras décadas da República. Sant'Anna³² vai falar sobre o avanço na construção de estradas e pontes em Alagoas, ressaltando a construção de cinco pontes de madeiras apenas no ano de 1913 e a construção de estradas por iniciativa particular, a estrada que ligava Água Branca a Quebrangulo, em 1914.

Porém, algumas medidas eram mais urgentes, afinal era preciso “remodelar a cidade, mudar seus ares provincianos, tal como estava acontecendo nos grandes centros, era imprescindível para se chegar a melhores estágios”³³. Por isso, praças foram construídas e ruas foram abertas, não só em Maceió, mas nas cidades do interior como Penedo, Camaragibe, Viçosa e Coruripe³⁴.

Oswaldo Maciel afirma que Maceió, capital da província a partir do ano de 1839, já começa a incorporar elementos da modernidade mesmo antes, desde a primeira metade do século XIX.

Centro comercial e político desde a primeira metade do século XIX, para a capital afluíam desde comerciantes e representantes de firmas estrangeiras até pequenos agricultores e miseráveis, expulsos das áreas rurais pela ampliação dos canaviais, passando também pelos filhos dos coronéis que

²⁹ MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: Uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 22.

³⁰ TENÓRIO, Douglas Apratto. **Metamorfose das Oligarquias**. Curitiba: Hd Livros, 1997, p. 19

³¹ IDEM, p. 19.

³² SANT'ANA, Moacir Medeiros de. **Contribuição à história do açúcar em Alagoas**. Recife: Museu do Açúcar/IAA, 1970, p 311.

³³ IDEM, p. 24.

³⁴ TENÓRIO, Douglas Apratto. **Metamorfose das Oligarquias**. Curitiba: Hd Livros, 1997.

vinham em busca de melhor educação e de colocação no quadro do funcionalismo estadual. Parece-nos que é nesse período que a população da cidade começa a perder os laços de comunidade, característicos dos pequenos núcleos populacionais, incorporando facetas da modernidade. Nas ruas, novos transeuntes compõem um quadro com elementos estranhos. Uma parte dos seus habitantes não mais se reconhece nem sabe de suas origens e vida.³⁵

É nessa conjuntura de promessas de dias melhores, sete anos após o golpe militar que proclamou a República brasileira e expulsou a família real do país, que nasce Octavio Brandão Rêgo. O garoto nasceu na Zona da Mata alagoana no sítio Jenipapo, localizado nas margens do rio Paraíba, no município de Viçosa, no dia 12 de setembro de 1896³⁶.

Octávio foi o segundo filho³⁷ do casamento entre Maria Loureiro Brandão Rêgo, conhecida como Maroquinha, e Manoel Correia de Melo Rêgo que era conhecido como Néco Felix. Este mesmo casamento ainda teve como fruto mais quatro filhos, porém, por conta das más condições de vida da época, além de Octavio Brandão, só sobreviveu, Maria Brandão Vilela, conhecida como Mariinha .

Muito embora não cite em seu livro de memória, no texto *Vida Vivida*, Octavio³⁸ fala de uma segunda irmã, apenas por parte de pai, chamada Cecy. "Cecy faleceu jovem e bela, deixando cinco filhos"³⁹.

Na tentativa de deixar claro sua origem de classe, Octavio ressalta que seus avós não eram ricos. Do avô paterno ele ressalta a origem camponesa e afirma: "trabalhava duramente a terra, no cabo da enxada, com o próprio esforço e a própria família, sem explorar o trabalho alheio"⁴⁰. A avó paterna, conhecida como Pastorinha, era rendeira. Octavio lembra com muito carinho das tardes que passava sentado ao lado de sua avó observando seu trabalho de rendeira. A lembrança carinhosa resultou na homenagem posterior no livro *O Caminho*⁴¹, Pastorinha inspirou uma das personagens, com o mesmo nome.

Teotônio Torquato Brandão, avô materno de Octavio, nasceu em Coqueiro Seco, no ano de 1840, e aos 8 anos foi morar em Barro Branco, onde já adulto constituiu um engenho. Mesmo citando que seu avô foi senhor do Engenho de Barro Branco, Octavio opta por não falar em sua memória sobre a decadência dos engenhos nas terras de Alagoas no início do

³⁵ MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. **Trabalhadores, Identidade de Classe e Socialismo**: Os gráficos de Maceió (1895-1905). Maceió: Edufal, 2009, p. 49.

³⁶ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978.

³⁷ O primeiro filho do casal faleceu.

³⁸ Ao longo deste texto, optamos por chamar Octávio Brandão apenas pelo primeiro nome.

³⁹ *Vida Vivida* - Recordações. Fundo Octavio Brandão. AEL

⁴⁰ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 39.

⁴¹ BRANDÃO, Octavio. **O Caminho**. Maceió: Edufal, 2007.

século XX, que davam espaço para as usinas de açúcar. Para justificar o fato de não ter sua origem de classe reconhecida a partir dos filhos de engenho de Alagoas, ele opta por deixar claro que, para chegar a possuir o engenho, o avô precisou trabalhar muito como agricultor no cabo de enxada de baixo do sol do agreste alagoano e que, quando morreu, deixou muitas dívidas. Portanto, parte do engenho foi vendido para o pagamento delas. Portanto, ele nunca teria sido um “menino de engenho”.

*Nunca fui menino de engenho*⁴², produto de um ambiente feudal ou semifeudal. Nasci e vivi numa pequena cidade do interior. Comecei a formar-me no seio da pequena-burguesia urbana, defensora de ideias progressistas e vítima do domínio dos grandes proprietários rurais semifeudais.⁴³

Sem dúvidas, um dos episódios mais tocantes da vida de Octavio foi a morte de sua mãe, Maroquinha. Em suas memórias ele declara que desde o início a vida lhe negou a doçura. Perdeu a mãe com menos de quatro anos. Maroquinha morreu com apenas vinte e nove anos de infecção puerperal. Octavio lembra do episódio com pesar:

Entrei na vida pela porta da orfandade e da amargura. Conservei na memória a visão trágica e terrível. Guardei no coração, a vida inteira, a imagem sempre viva e dolorosa, a imagem sublime de Mamãe - morta!⁴⁴

Com a morte de sua mãe sua vida deu uma guinada. Mariinha e Octavio foram levados para a casa do avô materno, no engenho Barro Branco. Mas sete meses após a morte da mãe, o avô Teotônio Torquato Brandão também faleceu. Após a morte do avô, o pai, Neco Felix, foi buscar as crianças para enviá-los à escola. Mariinha preferiu ficar com as tias, e apenas Octavio partiu com o pai, para uma vida que não tinha grandes luxos.

A criança entrou na Vida pela porta da pobreza. E foi pobre, a vida inteira. O pai não podia comprar leite. O filho precisava de alimentos fortes. No entanto, bebia café ralo. Não teve leite na infância. Comia feijão com farinha de mandioca e a uma carne grosseira, o charque ou ceará. Nenhum legume, exceto jerimum. Fruta, apenas banana, quando era possível comprar. Vestia uma roupa ordinária de algodão. Era pobreza em tudo.⁴⁵

Em Viçosa, o pai de Octavio Brandão, possuía uma pequena farmácia popular, posto que era um prático de farmácia. Para Brandão, isto o colocava na chamada pequena-burguesia. “Pequeno-burguês urbano empobrecido, prático de farmácia em Viçosa. A princípio teve um empregado. Depois, empobrecendo, dispensou-o passou ele próprio a

⁴² A frase destacada pelo próprio autor de *Combates e Batalhas*, pode demonstrar uma tentativa de Octavio Brandão de ressaltar que, apesar de ser nascido em um engenho de cana-de-açúcar, viveu a maior parte de sua vida fora deste engenho, em meio a ideias progressivas. Portanto, nada o ligaria àquele ambiente de atraso.

⁴³ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, pp. 38 e 39.

⁴⁴ IDEM, p.44.

⁴⁵ IDEM, p. 48.

trabalhar, sem assalariados, auxiliado unicamente pelo filho”⁴⁶.

Brandão caracteriza sua educação como severa. Neco Félix era um pai muito rigoroso com o pequeno Octavio, muitas vezes nem o deixava brincar. O que resume este rigor para Octavio era a sentença que o pai sempre repetia: "Da farmácia para a escola, da escola para a farmácia"⁴⁷.

Porém o próprio Octavio afirma que essa severidade na educação, comum no período em questão, teve lados bem positivos, tendo em vista que foi criado em um ambiente que ele denomina de "ambiente de pureza moral", no qual Brandão afirma não ter convivido com "más companhias" ou com "meninos deformados e viciados".⁴⁸

A farmácia popular de Neco Félix era frequentada por pessoas de todo tipo: trabalhadores rurais negros, ex-escravos e mestiços. Esses trabalhadores impressionavam o pequeno Octavio com as mais diversas histórias, que posteriormente inspiraram o livro *O Caminho*.

Papai e esses Homens do Trabalho foram os meus primeiros educadores. Na farmácia, ouvia esses trabalhadores com atenção e respeito. Ficava impressionado. Minha infância desde os mais verdes anos, foi embalada, esclarecida e iluminada pelas lendas, histórias e narrativas dos caboclos e negros, pelos feitos épicos dos índios e dos negros Palmarinos.⁴⁹

Mesmo na sociedade alagoana da época cheia de atrasos culturais e históricos, Neco Félix combatia preconceitos sociais e defendia ideias progressistas. Não é a toa que Octavio o responsabiliza por boa parte de sua formação no terreno do pensamento. Neco Félix, mesmo morando em uma cidadezinha do interior alagoano em 1889, quando, na visão de Octavio "as notícias eram incertas e contraditórias", já estava entre os simpatizantes dos republicanos. Amaral afirma:

O próprio Neco Félix simpatizava com a causa republicana num momento em que, ainda no interior do Estado, as notícias do advento do novo regime eram incertas e contraditórias. Chegou, até mesmo, a se tornar vereador e um dos signatários da ata da sessão extraordinária da adesão à República que a Câmara Municipal local realizou, no dia 30 de novembro de 1889. Pouco depois, no entanto, decepcionou-se com ela. Passou a ser um opositor daquilo que considerava um governo reacionário que estava nas mãos dos proprietários rurais e da grande burguesia.⁵⁰

⁴⁶ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.41.

⁴⁷ IDEM, p.48.

⁴⁸ IDEM, p.48.

⁴⁹ IDEM, p.56.

⁵⁰ AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma Memória Silenciada: Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917 - 1980)**. 2003. 351 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, p. 26.

Octavio Brandão caracteriza seu pai como um opositor sistemático. Um homem cheio de indignação. Ele atribui ao pai a primeira lição antiimperialista, já que Neco Félix, ao referir-se aos ingleses donos da estrada de ferro Great Western, vivia a repetir: "Esses gringos são uns ladrões! E repetia: - São uns ladrões!".⁵¹

Aqui vale uma reflexão: por mais que Viçosa fosse uma cidade do interior alagoano, a verdade é que o município encontrava-se no círculo das principais cidades de Alagoas, pelos fatores que já destacamos acima, relacionados à agricultura e produção de cana-de-açúcar, já que os grandes engenhos estavam concentrados na Zona da Mata. Segundo Maciel, em termos de números populacionais, Viçosa tinha a segunda maior população do estado, ficando atrás apenas da capital Maceió⁵².

Durante seus primeiros anos escolares, Octavio estudou em escolas na cidade onde morava, Viçosa. A primeira escola que frequentou, aos quatro anos de idade, ficava quase em frente à farmácia do seu pai. A professora que marcou sua vida foi a professora Maria do Ó, uma mulata muito severa que, como era comum naquele período, sempre recorria a palmatória. Por conta deste método, Octavio afirma: "Num ambiente de terror, aprendi a ler. Um passo importante na vida".⁵³

A escola frequentada por Octavio foi a mesma que Graciliano Ramos frequentou nos anos iniciais de sua educação. Foi nessa escola que Octavio lembra que conheceu Graciliano e onde leu o livro *Iracema*, do José de Alencar, que despertou no garoto o interesse pela triste história dos índios e índias, que acabou sendo refletida no livro *O Caminho*. A professora Maria do Ó também fez parte da vida do escritor Graciliano Ramos, porém não foi sua primeira professora.

No livro *Infância*, Graciliano relembra o dia que seus pais resolveram colocá-lo na escola primária, notícia que o garoto tomou com ar de pânico, afinal ele já tinha ouvido que a escola “era o lugar para onde se enviavam as crianças rebeldes”⁵⁴ e ele era um menino comportado e tímido.

Graciliano lembra de Maria do Ó como uma “mulata fosca, robusta em demasia”⁵⁵ que, tal qual caracteriza Octavio, era uma figura extremamente rígida, que não abria mão de

⁵¹ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.49.

⁵² MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. **Trabalhadores, Identidade de Classe e Socialismo**: Os gráficos de Maceió (1895-1905). Maceió: Edufal, 2009, p. 49.

⁵³ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.58.

⁵⁴ RAMOS, Graciliano. **Infância**. 11. ed. São Paulo: Record, 1976, p. 111.

⁵⁵ IDEM, p. 170.

gritos e palmatória. Segundo o próprio Graciliano, a solução para fugir do terror Maria do Ó foi tentar chamar o mínimo de atenção possível, desta forma ele descreve a sua participação em sala de aula: “Ali, no encolhimento e na insignificância, os livros fechados, embruteciame em leves cochilos, quase só”⁵⁶.

Segundo Dênis de Moraes, a educação severa fez de Graciliano um garoto cheio de defesas que se julgava inferior aos amigos e vizinhos⁵⁷. Situação um pouco diferente de Octavio Brandão que, ainda em suas memórias, lamenta que os familiares o subestimassem intelectualmente, apesar de achar normal, tendo em vista as poucas oportunidades que um menino pobre tinha no interior das Alagoas.

Por isso, lembra com carinho do presente dado pelo tio Alfredo Brandão, ainda em 1906, quando foi aprovado em exame na escola. O tio o presenteou com o dicionário de português, o qual ele atribui boa parte do desenvolvimento do seu vocabulário as noções de Geografia, História do Brasil e História Universal, pois:

Na farmácia, aproveitando o tempo, aprendi rapidamente a conhecer as figuras e gravuras do dicionário, sobretudo os retratos de homens célebres do Brasil e dos outros países. Bastava vê-los de longe e já sabia de quem se tratava.

A criança colocava a mão sobre certas palavras do dicionário, ocultando a parte onde era explicada a significação, e ia dizendo-a, como estava no livro.⁵⁸

Infelizmente, em Viçosa, em 1908, não havia escolas em condições de desenvolver a educação de Octavio. A escola pública da professora Maria do Ó, era uma escola primária, e o garoto já tinha concluído essa fase escolar. O pai não tinha muito e, portanto, não tinha como custear a educação do jovem Octavio em outra escola. Por isso, entregou-o ao tio materno, o dr. Alfredo Brandão. Aos onze anos, foi a última vez que viu o pai, que se mudou para uma cidade no agreste alagoano, Palmeira dos Índios:

Meu pai foi empobrecendo mais e mais. Contraiu dívidas e não podia pagá-las. Tinha cerca de 47 anos de idade. Sofria do fígado. Mudou-se para Palmeira dos Índios, no agreste, a zona de transição entre as matas e os sertões. Aí, a 3 de janeiro de 1911, esse homem tão bom morreu na mais profunda miséria. O cadáver foi envolto num lençol e, assim, atirado à terra madrasta.⁵⁹

Octavio não conseguiu despedir-se do pai. Quando recebeu a notícia de sua morte, em Viçosa, o velório já havia ocorrido.

⁵⁶ RAMOS, Graciliano. **Infância**. 11. ed. São Paulo: Record, 1976, p. 171.

⁵⁷ MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: Uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 31.

⁵⁸ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.60.

⁵⁹ IDEM, p. 60.

1.2. Educação em Alagoas

Os avós paternos de Octavio Brandão tiveram seis filhos. Assim como outros senhores de engenho do período, Teotônio Torquato Brandão investiu na educação dos filhos. Mandou a filha mais velha, a Maroquinha, educar-se em Maceió e enviou três filhos à escola superior.

Nas Alagoas dos engenhos de açúcar, muitos dos filhos dos senhores de engenho eram encaminhados para as carreiras de doutores ou seminarista, mais por ostentação do que por vocação. Já bacharéis e doutores, estes não tinham interesse no trabalho do campo e na maioria das vezes saíam dos engenhos para clinicar e trabalhar com famílias burguesas da cidade. Neste contexto, em Alagoas alguns hábitos mudaram, houve o desaparecimento das grandes famílias e a decadência dos grandes engenhos.

Dos engenhos saíram grandes nomes e figuras da vida cultural e política de Alagoas, devido a educação que proporcionavam os senhores de engenho a seus filhos. São exemplos: Visconde de Sinimbu, Espiridião Eloi Barros Pimentel, Antonio Buarque de Lima, Inacio Mendonça Uchoa e Floriano Peixoto.

Saíram das Alagoas, também, grandes poetas, escritores, pensadores, músicos, e também grandes pintores, a exemplo de Rosalvo Ribeiro. Mas poucos deste tiveram como objeto das suas obras o tema propriamente das terras alagoanas, fato que Octávio, posteriormente, faz questão de ressaltar. Mesmo assim, é necessário colocar as dificuldades culturais do Estado. Diegués afirma:

Não há margem para atividades intelectuais puras; a arte ou a literatura não podem constituir profissões, nem dão ensejo a que isso se torne exequível, porque as profissões de natureza econômica exigem o trabalho de todos. Pela própria origem da terra, pelo espírito de sua colonização, pela evolução de sua história, sente-se a natureza econômica da constituição alagoana.⁶⁰

Àquela época, poucos eram os homens intelectuais e eram estes que estavam envolvidos na maioria das atividades da intelectualidade, seja no âmbito público ou não. Eram os mesmos que cuidavam dos liceus, das escolas primárias e ainda assumiam cargos da administração pública. A participação em jornais e em associações de diversas modalidades era comum, desde os mais progressistas aos mais conservadores. Uma das maiores associações de Alagoas neste período era a Montepio dos Artistas. Dela faziam parte muitos dos intelectuais e personalidades de Alagoas e, assim como outras associações:

[...] possuía, além da função da benemerência, a de congregar artistas de

⁶⁰ DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **O Bangüê nas Alagoas**: Traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional. 3ª Maceió: Edufal, 2012, p. 238.

diversas categorias através de festas sociais e reuniões; de propagar a ilustração através de conferências e palestras; e de prestar solidariedade a grupos, pessoas e comunidades que estivessem com dificuldades, como os flagelados da seca do Ceará em 1900.⁶¹

Era a função dos letrados investir no progresso do país e era desejo comum entre os intelectuais desde os mais progressistas e considerados de esquerda até os conservadores.

Foi assim na família Brandão, o avô Teotônio Torquato, senhor de engenho, com muito esforço, segundo Brandão, investiu na educação dos filhos. Os tios de Octavio receberam educação em escolas superiores fora do estado e, um deles, Eloi Brandão virou seminarista, outro, Manoel Brandão, tornou-se médico.

O entendimento da importância do ensino na vida de uma criança ou adolescente fez com que Maroquinha insistisse no leito de morte para que seus irmãos cuidassem da vida e educação dos seus filhos. Este é um dos motivos que fez com que os tios Eloi e Alfredo Brandão custeassem os estudos de Octavio em Maceió e Recife.

Em 1908, o jovem Octavio partiu pela primeira vez de Viçosa. Foi para Maceió, onde viveu e estudou até 1911. Partiu de trem na companhia da tia Augusta e seu marido, o comerciante Honorato de Sá. Só voltava a Viçosa nas suas férias.

O primeiro colégio que frequentou em Maceió, escolhido pelo seu tio, padre Elói Brandão, foi o Colégio Diocesano dos Irmãos Maristas. Este era um colégio de origem francesa, portanto, foi onde Brandão começou a estudar a língua francesa.

Leu, em francês, *Gênio do Cristianismo* de Chateaubriand. No livro, o adolescente lembra da fascinação pelas descrições da Natureza como a noite na catarata do Niágara. Apesar disso, lembra também que "O livro não me prendeu. Posteriormente, compreendi que era ideologicamente nocivo e literariamente falso, artificial"⁶².

O que Octavio quis dizer com isso estava ligado às preferências religiosas da escola, que eram impostas aos alunos. Ainda neste ano, adolescente, Octavio caracteriza que começou uma das suas batalhas.

O tio Elói, lente de Português e diretor espiritual do Seminário de Alagoas, no Alto do Farol em Maceió, foi logo ver-me. Era um convicto e um combatente fiel à doutrina. Tinha vastos planos a respeito do sobrinho. Pretendia fazer dele um campeão da Igreja Católica.⁶³

⁶¹ MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. **Trabalhadores, Identidade de Classe e Socialismo:** Os gráficos de Maceió (1895-1905). 3ª Maceió: Edefal, 2009, p. 127.

⁶² BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas:** Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.62.

⁶³ IDEM, p.61.

Quando morava com o pai, Octavio convivia com a completa indiferença religiosa. A única vez que sabia que havia entrado em uma igreja tinha sido para o seu batismo. Lembra categoricamente que nunca havia ido à missa. Porém ele afirma: "no Colégio Diocesano, começou o envenenamento religioso do pequeno caboclo brabo".⁶⁴

No princípio, o garoto resistiu, recusou a estudar catecismo. Porém era severamente castigado por sua "rebeldia". Ele relembra: "Cada tarde, o próprio diretor do colégio, Irmão Teodoro, não permitia que eu fosse ao recreio como os outros e colocava-me de castigo, em pé, durante 2 longas horas voltado para a parede".⁶⁵ A resistência foi inútil. Depois de alguns dias de castigo, ele teve que se render e, assim, passou a seguir as normas religiosas do Colégio Diocesano.

Mas nem todas as lembranças dessa escola são ruins. Foi no colégio Diocesano que Octavio conheceu Jorge de Lima que, posteriormente, veio a ser um dos maiores poetas alagoanos. Os dois viraram grandes amigos. Jorge de Lima, em suas memórias, refere-se a Octavio da seguinte forma:

Descobri Octavio Brandão no mesmo colégio, nascido três anos depois de mim, em 1896. No seu temperamento, já naquela idade rebelado, não havia comodismo; e a sua coragem quase juventude me atraiu logo [sic]. (...) Esse digno revoltado com quem mantenho até hoje uma amizade perfeita, em 1912 já era ateu diante do meu espanto cristão.⁶⁶

Em 1909, Octavio saiu do Colégio dos Maristas, matriculou-se no Liceu Alagoano. Logo percebeu que apesar da vantagem de não ser um colégio religioso, e talvez por isso mesmo, os alunos possuíam uma linguagem obscena que o chocou.

Segundo Octavio, foi no Colégio 11 de Janeiro que seu interesse por ciências naturais ficou mais latente e, em 1911, começou a estudar. Foi neste ano também que o gosto pela literatura aumentou. Octavio conta em sua memória, *Combates e Batalhas*, que escondido do tio Alfredo Brandão, leu diversos livros do Eça de Queiroz e impressionou-se com as ironias quanto ao clero.

Neste contexto, apesar da oposição categórica do seu tio, Eloi Brandão, Octavio passou a afastar-se cada vez mais da religião. "As dúvidas foram aumentando sobre a concepção religiosa da vida e do universo. Em 1911, comecei a desintoxicar-me do

⁶⁴ IDEM, p. 62.

⁶⁵ IDEM, p. 62.

⁶⁶ LIMA, Jorge de. *Minhas memórias - Tempos de Magia e Contemplação*. Apud: AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma Memória Silenciada: Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917 - 1980)**. 2003. 351 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, p. 27.

catolicismo. Recusei continuar a praticá-lo. Sofri pressão cada vez maior da família materna".⁶⁷

Além dos livros do Eça de Queiroz, Octávio leu também *Germinal*, de Zola, onde achou as primeiras referências a Bakunin. Chamou a atenção do garoto, pois, ainda em Viçosa, ouvia o pai falar mal do czar Nicolau II. Segundo Octavio Brandão, seu pai mostrava-lhe também fotografias das manifestações populares na Rússia de 1905 e falava da simpatia pelos estudantes e operários na luta contra o tzarismo. Por isso, afirma: "Nos lábios do meu pai, comecei a admirar os grandes revolucionários da Rússia".⁶⁸

Em 1910, leu nos jornais de Maceió sobre a Revolta da Chibata, que estava acontecendo no Rio de Janeiro. Tratava-se de uma insurreição armada dos marinheiros que estavam cansados dos abusivos castigos que sofriam. Brandão afirma que acompanhou "com interesse tudo quanto encontrei a respeito nos jornais. Fiquei impressionado com esses acontecimentos. Senti simpatia pelos marinheiros e horror ao governo que massacrava os filhos do povo".⁶⁹

Aquela insurreição, de fato, impressionou o garoto, de tal forma que anos depois o episódio da Revolta da Chibata ganhou grande destaque no livro *O Caminho*.

1.3. Estudos em Recife

Numa manhã de fevereiro de 1912, com apenas 15 anos, Octavio partiu para Recife, em busca de novas oportunidades de estudo. Deixando para trás uma Alagoas cheia de incertezas políticas, governada pela Oligarquia dos Malta, ligada à produção açucareira, desde 1900⁷⁰.

Em Recife, Octavio viveu até 1914. Foi aprovado na Escola de Farmácia, curso que lhe rendeu a mesma profissão do seu pai. Coursar a faculdade só foi possível graças ao tio Alfredo Brandão. Para Octavio, o tio mantinha um apreço enorme pelo sobrinho, apesar de ser um homem seco e ríspido. Octavio declara ao longo da sua memória a grande gratidão que nutre pelo tio, que além de auxiliá-lo a se formar em farmácia, incentivou nele o gosto pelas ciências naturais. Por isso, a obra *Canais e Lagoas* foi dedicada a Alfredo Brandão, assim como uma coleção de espécimes mineralógicos, descobertos por Octavio, também recebeu

⁶⁷ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.65.

⁶⁸ IDEM, p. 57.

⁶⁹ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 66.

⁷⁰ TENÓRIO, Douglas Apratto. **Metamorfose das Oligarquias**. Curitiba: Hd Livros, 1997.

seu nome.

Esta coleção, formada por Octavio Brandão, foi entregue à Sociedade Perseverança e Auxílio dos Caixeiros de Maceió, em 1920, quando Octavio não podia voltar para Alagoas. Porém, em 1960 quando pode retornar ao estado já não encontrou mais nada da coleção supracitada. Ele fala no *Combates e Batalhas* "Alagoas nem sequer guardou as provas científicas, colhidas desde 1916, sobre a existência de petróleo em seu subsolo".⁷¹

Em Recife, o apreço pelo estudo das ciências naturais ficou mais forte. Principalmente porque, no primeiro momento, Octavio morava só. Portanto dedicou muito tempo para o estudo das ciências naturais, já que tinha o desejo de vir a ser um naturalista.

Ao longo de sua biografia, ele afirma que sua vida foi marcada por três passos libertadores. Foi em Recife que aconteceu o primeiro.

Dei logo o primeiro passo libertador. Tornei-me partidário do *materialismo filosófico* - científico naturalista. Era o resultado de um lento processo que vinha desenvolvendo-se há tempos. (...) Coloquei um primeiro marco na vida. Abri uma perspectiva. Comecei a forjar o próprio destino, em nome do materialismo filosófico.⁷²

Aqui cabe fazer uma ressalva sob a pena de não cairmos no anacronismo. Todas as fontes que o faziam se afirmar materialista filosófico e um pouco mais a frente, revolucionário, ainda eram escassas. No Brasil do início do século XX, poucos livros relativos a teorias sociais eram traduzidos. Não é possível afirmarmos que Octavio tinha clareza de toda a teoria materialista.

Em seu livro *Derrota da Dialética*, Leandro Konder chega a afirmar que estas "confusões" são fruto de um esvaziamento de reflexão, tendo em vista os poucos materiais de leitura teórica traduzidos para o português⁷³. Achamos que, pelo contrário, não podemos estudar este período histórico julgando ser fruto de deturpações, e sim, como afirma Batalha⁷⁴, tentando "compreender as condições e formas de circulação/divulgação destas idéias".

O próprio Octavio reconhece esta limitação. Tanto que procurava e conseguia ter acesso a mais livros e, conseqüentemente, mais teoria, porque conseguia ler em francês, graças ao Colégio Diocesano de Maceió. Quanto a esta questão ele afirma:

⁷¹ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 107.

⁷² BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.68.

⁷³ Para maiores informações, ver: KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: A recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

⁷⁴ BATALHA, Claudio H. M. **A Difusão do Marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX**. In: MORAES, João Martin de (org.) **História do Marxismo no Brasil**, Vol II. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

Infelizmente, o materialismo filosófico que defendi a partir de 1912, não era nem poderia ser consequente. É que, na época, me faltava tudo: o conhecimento profundo e a experiência vivida. Além disso, no terreno social, eu era, de fato, partidário do idealismo filosófico. Sofria a mesma contradição e falta de unidade de todos os materialistas anteriores a Marx e Engels⁷⁵.

As leituras e as incertezas quanto à religião que já permeavam a cabeça do garoto, aqui no momento em que se sentia mais livre, acabaram. Neste momento, Octavio deixou de ser católico de vez.

No Nordeste, em 1912, o ambiente era completamente dominado pela reação - pelos grandes proprietários rurais semifeudais, grandes burgueses e clericais. Predominava a *mistura caótica* das sobrevivências católicas e feudais da Idade Média europeia com o *fetichismo das épocas mais bárbaras*⁷⁶. (...) Nesse ambiente, a propaganda do materialismo filosófico tinha de suscitar choques e conflitos. A pressão social foi tremenda. Fiquei num isolamento doloroso durante 5 longos anos.⁷⁷

Quando passou a reivindicar-se materialista e a ser propagandista do materialismo, despertou a fúria de seus familiares. Octavio precisou resistir a ameaças para continuar a defesa dos seus ideias:

O tio Alfredo dizia: "Receio prestar contas a Deus por ter contribuído para os estudos de um ateu". Impôs o dilema: voltar ao catolicismo ou abandonar os estudos. Ameaçou o sobrinho: "-Não lhe pagarei mais os estudos. Você voltará a Viçosa e trabalhará como simples empregado"⁷⁸.

O tempo em que morou em Recife foi aproveitado por Brandão para o aprofundamento do conhecimento em ciências naturais e do materialismo filosófico. No campo do naturalismo, o que, sem dúvidas, foi o tema ao qual ele dedicou mais atenção, Octávio leu autores como: Darwin, Haeckel, Humboldt, Martius, Hartt, Branner, Ratzel, Karl Ritter, Jean Brunhes e Eliseu Reclus.

No que concerne a literatura sobre filosofia e materialismo, Octavio afirma ter lido Heráclito, Demócrito, Epicuro, Lucrecio, Giordano Bruno, Spinoza, Diderot e d'Holbach. Lia também livros de literatura que o fascinavam, a exemplo do *Fausto* de Goethe e *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

Mas, sem dúvidas, o seu fascínio era por conhecer e entender as ciências naturais. É

⁷⁵ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.71.

⁷⁶ É possível que neste trecho, destacados por nós, o autor esteja referindo-se aos cultos populares ou de matriz africana. Neste caso, atribui uma valoração negativa chamando a esta manifestação cultural de bárbara. Esta atribuição se contrapõe a descrição que Octávio Brandão faz de si próprio, de menino criado em contato com a cultura dos negros e indígenas e sem contato algum com o catolicismo! Sobre esta questão, ver BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978.

⁷⁷ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 69.

⁷⁸ IDEM, p.70.

tanto que o autor de *Combates e Batalhas* afirma que organizou na sua própria casa um pequeno laboratório, com ácidos, bases e sais. Foi neste laboratório que fez as primeiras experiências químicas.

Fez longas caminhadas aos redores da cidade de Recife, no intuito de conhecer de perto a Natureza e a vida dos povos que ali moravam. Para Octavio, a principal finalidade de suas caminhadas era "fundir o passado e o presente em nome do futuro, estudar nos próprios locais a história das lutas do povo brasileiro"⁷⁹. O fruto dessas andanças foi o texto que veio a ser publicado no *Jornal do Recife*, a 17 de maio de 1914, o estudo denominado "Aspectos pernambucanos nos fins do Século XVI".

Neste estudo, Octávio descreve as paisagens naturais e as condições históricas, econômicas e sociais da capitania de Pernambuco. Descreve a cidade de Olinda, as fontes econômicas: os engenhos de açúcar, o pau-brasil e a cultura do algodão. Nos chama atenção a descrição da natureza que, baseada em suas observações, funde os aspectos sociais com os biológicos daquele espaço.

Para além das matas, existe o sertão, havendo entre os dois uma zona de transição, o agreste.

Doloroso, dilatando-se a perder de vista, o sertão infundia na alma uma angústia inominável. A natureza tinha sido cruel para ele. As raras árvores eram tristes e silenciosas. Nenhum homem por aquela amplidão. Entretanto, algumas nopallas e bromeliaceas davam um pouco de vida à agonia da paisagem...⁸⁰

Octavio anuncia este como início de uma fase de sua vida, a primeira etapa do desenvolvimento de uma atividade que se prolongou até 1917, quando terminou de escrever *Canais e Lagoas*, um estudo sobre a história natural e geográfica das terras de Alagoas.

Mesmo com os interesses paralelos, Brandão manteve seus estudos na Escola de Farmácia e, desta forma, formou-se em dezembro de 1914. Seu trabalho final foi relacionado aos estudos da natureza.

Apresentei uma longa tese científica sobre aspectos da botânica brasileira: a família das labiadas em geral e a erva-cidreira em particular. No ato da colação de grau, fui saudado carinhosamente pelo dr. Arnóbio Marques, professor de história natural, que me abraçou e anunciou solenemente: "O sr. terá um grande futuro na ciência!"⁸¹

Depois que se formou, Octavio voltou a sua terra natal. Passou os nove primeiros meses de 1915 em Viçosa, onde trabalhou na farmácia do seu tio e médico, Manoel Brandão. Foi

⁷⁹ IDEM, p.73.

⁸⁰ BRANDÃO, Octavio. **Aspectos Pernambucanos no fim do século XVI**. IN: Arquivo Edgar Leuenroth.

⁸¹ IDEM, p.79.

onde pode começar a praticar o aprendizado do seu curso.

1.4. Maceió e os Canais e Lagoas

Ainda em 1915, o jovem Octavio partiu para Maceió, onde viveu até 1919, apenas passando as férias em sua terra natal, Viçosa. Foi em Maceió que viveu suas primeiras experiências ao lado do movimento operário, tendo contribuído para alguns jornais da classe trabalhadora. Foi em Maceió também que concluiu seu estudo que seria publicado sob o título de *Canais e Lagoas*, e em Maceió teve contato com intelectuais progressistas, que viraram seus companheiros, dos quais Octavio lembra com grande carinho.

Em Maceió, encontrei um pequeno grupo de amigos: o poeta Faustino de Oliveira, empregado no comércio; o esteta José Avelino Silva, também empregado no comércio; o pintor João Moreira e Silva; os militantes Rosalvo Gueres e Olímpio Sant'Ana. Deram-me conforto moral. Deles guardei grata recordação.⁸²

Ao chegar em Maceió, com a ajuda de Manoel Brandão, seu tio materno, abriu uma pequena farmácia, cujo nome era *Pasteur* a pedido do mesmo tio. A farmácia ficava no bairro da Levada, região muito pobre, onde, segundo Octavio, sua primeira professora, Maria do Ó, passou os últimos anos de sua vida.

Foi através do trabalho na farmácia que Octavio teve contato com o povo que vivia naquele bairro, pescadores, canoieiros e lavradores pobres daquela região que ele denominava de região dos canais e das lagoas. Esta experiência significou para o jovem o chocante contato mais próximo com a realidade brasileira, que "era a miséria e o abandono do nosso povo".⁸³

Naquele momento, Octavio começava a ser visto em Alagoas como um jovem intelectual promissor. Por isso, ainda em 1915 teve oportunidade de desenvolver sua veia poética e publicar no principal jornal do estado, o *Jornal de Alagoas*. Neste órgão, Octávio publicou *A Poesia da Terra Natal*, um poema com o título de *Fausto*, além de alguns sonetos como *Á Árvore de Ouro*.

Como já dissemos, grandes intelectuais saíram de Alagoas. Mas para Octavio o grande problema dos nossos intelectuais era o menosprezo total pela terra natal e até pelo Brasil. A exemplo do pintor Rosalvo Ribeiro, que tem grande parte de suas obras inspiradas nas paisagens europeias. Para Brandão,

⁸² BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.81.

⁸³ IDEM, p. 82.

Nada tinham de *realista*, isto é, não partiam da realidade viva, concreta, palpitante, em perene movimento, desenvolvimento e transformação. Voltavam-se para a Europa em geral e para uma Grécia artificial, de fancaria [sic], tão longe da verdadeira Grécia Clássica. Esperavam da Europa o santo e a senha. Fechavam-se na sua Torre de Marfim. Cantavam suas dores mesquinhas, pessoais. Choravam seus amores infelizes, de um romantismo decadente e sepulcral. Nada tinham de comum com o realismo e o romantismo heróico de Castro Alves e Euclides da Cunha. Escreviam futilidades, frivolidades. Eram fósseis, múmias. Tinham parado no passado morto - no romantismo bolorento, no parnasianismo formalista ou no simbolismo de frases pomposas e vazias.⁸⁴

Sem dúvidas, grande parte dos intelectuais alagoanos estava ligada aos grandes proprietários rurais, posto que a educação formal ainda era muito cara e, portanto, acabava sendo exclusividade destes. Além disso, boa parte virava "bacharel" em universidades europeias, como a de Coimbra, ou em outros estados do país, como Recife e Rio de Janeiro. A formação fora do estado permitia o contato com outras culturas, o que fazia com que parte desses buscassem "modelos de organização social que deveriam ser aqui implementados"⁸⁵, e inspirassem sua arte a partir do que era considerado cultura civilizada.

Acreditamos que a combinação entre a vida na farmácia e o contato tão forte com o povo da terra, junto à revolta pelo desprezo a sua terra natal e a paixão pelas ciências naturais, despertaram ainda mais o interesse do jovem Octavio Brandão a desenvolver a obra *Canais e Lagoas*. Na realidade, para além do estudo mineralógico das terras alagoanas, o livro tenta despertar o olhar do leitor para a tão bela natureza alagoana que ele sempre admirou. Sobre o estudo da natureza, Octavio afirma:

O estudo da Natureza é o ponto de partida para o descobrimento das riquezas do país, para o seu desenvolvimento industrial, para a verdadeira industrialização, a criação da siderurgia, da alta metalurgia, a produção de meios de produção.

A natureza é o fundo da paisagem humana, social.⁸⁶

Por isso, em 1916 iniciou suas andanças aos redores de Maceió, na tentativa de estudar cada vez mais de perto a vegetação, as lagoas e os povos ribeirinhos. Octavio afirma que em abril de 1916, com uma canoa a motor, iniciou suas viagens no território alagoano e percorreu 1500 quilômetros. Destes, 600 foram a pé⁸⁷.

Preocupado com o futuro do Brasil, cheio do entusiasmo e da esperança da adolescência, marchei ao vento, ao sol e à chuva. Atravessei cidades e

⁸⁴ IDEM, p. 84.

⁸⁵ MADEIRA, Maria Das Graças de Lioila. Itinerário do Educador Alagoano Francisco Domingues da Silva (1847-1918). In: VERÇOSA, Élcio. **Intelectuais e Processos Formativos em Alagoas (séculos XIX e XX)**. Maceió: Edufal, 2011, pág. 52.

⁸⁶ BRANDÃO, Octavio. **Canais e Lagoas**. Maceió: Edufal, 2001. 1 v., p. 10.

⁸⁷ IDEM, p. 21.

povoações, o litoral e o interior, vales e montes, baixios e tabuleiros, matas e capoeira, campinas e planaltos. Afundei nos grotões selvagens. Subi rios e riachos, por vezes até nascente⁸⁸.

Nestas viagens conheceu de perto vegetações ainda não exploradas pelos homens, conheceu de perto o povo que vivia à margem dos canais e das lagoas, sua cultura, história e folclore. O livro é marcado pela exposição desta região através de uma linguagem metafórica e poética. Sobre as lagoas o autor afirma:

Cada uma das lagoas é como um coração a contrair-se na sístole da vazante e a dilatar-se na diástole da enchente. Os rios fazem o papel de veias, isto é, de vasos que levam sangue ao coração. Os canais são como artéria a conduzir-se e a dispersar a água das lagoas pelo corpo do oceano.⁸⁹

O autor expõe e caracteriza com riqueza de detalhes os rios, as lagoas, os minerais, o clima e a flora alagoana. Chega a criar hipóteses matemáticas para, de acordo com suas observações, prever quando novas enchentes ocorreriam no estado. Segundo Octavio, o objetivo no livro não é descrever uma enchente e sim "mostrar que há um ciclo para as *cheias*, do mesmo modo que existe um para as secas, como Euclides da Cunha acentuou".⁹⁰

Fica claro, neste trecho, a influência que a obra de Euclides da Cunha exerce sobre a construção do livro *Canais e Lagoas*. Durante vários momentos do livro, Octavio Brandão faz menção ao autor de *Os Sertões*.

Outro aspecto presente no livro é a exaltação do povo do Norte. "Quando o [sic] brasileiro e, especialmente, o nortista não é um incapaz. É um povo destinado a um grande futuro, quando desperta da modorra em que vive".⁹¹

Sem dúvidas, nas andanças de Octavio Brandão para o desbravamento da região dos canais e das lagoas, uma das coisas que mais lhe chamou atenção foi a condição de miserabilidade na qual vivia o povo ribeirinho. De tal forma, que foi impossível o livro restringir-se a exploração dos aspectos naturais e não propor soluções para aquelas camadas populares que, segundo Brandão, "foram fadados a grandes destinos e que vivem, no entanto, nem sei como".⁹²

A solução apontada pelo autor é que as terras sejam divididas para o povo ribeirinho⁹³

⁸⁸ IDEM, p.86.

⁸⁹ IDEM., p. 41.

⁹⁰ BRANDÃO, Octavio. **Canais e Lagoas**. Maceió: Edufal, 2001. 1 v., p. 113.

⁹¹ IDEM, p. 142.

⁹² IDEM, p. 102.

⁹³ Não estamos indicando que ele estava propondo algo como reforma agrária ou que aqui pudéssemos vislumbrar um nexa com a luta pela reforma agrária, porém é possível que a pesquisa realizada no *Canais e Lagoas* tenha contribuído para potencializar o engajamento de Octávio com essas questões mais na frente.

e que sejam tomadas medidas de higienização. Além disso, percebendo a exploração da natureza em larga escala pelo homem, propõe diversas medidas de preservação da natureza.

São necessárias algumas noções de higiene, uma certa instrução e *maior repartição da terra*, de modo que o trabalhador de enxada fique preso a ela, e não trabalhando em terra alheia.

*A atual organização social é a causa essencialíssima da miséria do nosso povo. Existem outras, não nego, mas esta é a principal. (Grifos do autor)*⁹⁴

No entanto, para o próprio Octavio Brandão, não é nenhum dos aspectos expostos acima que faz desta uma obra de grande importância. O aspecto que fez com que o autor buscasse o reconhecimento da sua obra durante toda a sua vida foi a descoberta feita de indícios de petróleo em Alagoas. Octavio afirma ter encontrado indícios petrolíferos em 14 lugares do Estado e, portanto, já sugere a construção de um porto, a desobstrução e a drenagem dos rios. Propõe diretamente:

A exploração do petróleo nos lugares seguintes: na praia ao sul da foz do rio Maragogi; no sítio Camacho; em Japarutuba; em Pitingui; na Barreira do Boqueirão; ao norte de Porto de Pedras; na foz do rio Manguaba; na Barra de Camaragibe; no Riacho Doce, na estação Utinga; na Volta d'água; no Broma, na Bica da Pedra e no Porto Francês.⁹⁵

A falta de reconhecimento do seu trabalho sempre foi um incômodo ao longo da vida de Octavio. Ninguém acreditava que pudesse existir petróleo no Brasil, muito menos em Alagoas. Novos estudos que falavam sobre a existência do Petróleo só vieram a surgir nos anos trinta, feitos por Monteiro Lobato e Oscar Cordeiro que, talvez por ironia do destino, são considerados os pioneiros da defesa do petróleo no Brasil. Amaral afirma: "Apenas em 1939, vinte anos após a publicação do *Canais e Lagoas*, finalmente o 'diamante negro' jorrava, mas por ironia da história, em Lobato, município da Bahia".⁹⁶

1.5. Conferências e polêmicas sobre *Canais e Lagoas*

Sobre seus estudos dos *Canais e Lagoas*, Octavio Brandão, mesmo antes da publicação do livro completo, realizou três conferências na cidade de Maceió, socializando resultados parciais de suas pesquisas. As três tiveram caráter diferenciado.

Canais e Lagoas ficou pronto em outubro de 1917. Mesmo antes da sua conclusão, alguns trechos puderam ser lidos, pois foram publicado no jornal *A Semana Social*, editado

⁹⁴ BRANDÃO, Octavio. **Canais e Lagoas**. Maceió: Edufal, 2001. 1 v., p. 142.

⁹⁵ BRANDÃO, Octavio. **Canais e Lagoas**. Maceió: Edufal, 2001. 1 v., p. 145.

⁹⁶ AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma Memória Silenciada: Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917 - 1980)**. 2003. 351 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, p. 32.

pelo tipógrafo Antônio Canellas. A série foi publicada através de dez edições do jornal, no período entre 10 de abril de 1917 até 03 de julho do mesmo ano.

Mesmo concluso em 1917, o livro só foi editado e publicado no ano de 1919. Octávio dedicou a obra ao tio Alfredo Brandão, pela influência que este exerceu em sua educação, e à amada mãe, Maria Loureiro Brandão. A ela, Octávio dedica um poema:

Que mais te poderia dar do que este meu livro, escrito com ternura, e cheio de luz, de sonho e de dor.
 Não cheguei a conhecer sequer o mundo de amor que teu coração, como uma ânfora ideal, guardava para o filho sem consolo.
 Não deixaste mais que uma lembrança apagada na memória humana. Mas esta lembrança que, para os outros, nada vale, para mim é um pensamento amargo.
 Ó nem sequer te conheci!
 Não tenho ouro para elevar um monumento de mármore à tua memória querida. Por isto, dedico à tua boa e simples e carinhosa alma esta página, que irá evocar do esquecimento de uma campa humilde, lá no torrão natal - um nome, uma saudade e uma dor!⁹⁷

A primeira conferência foi realizada no dia 24 de fevereiro de 1917, no Teatro Deodoro, em Maceió. Segundo Octavio a conferência foi "em homenagem à Constituição da República".⁹⁸ A realização da primeira conferência do jovem intelectual mereceu uma nota no *Jornal de Alagoas*. No dia 22 de fevereiro de 1917, sob a direção do senhor Luiz Silveira, é possível ler no jornal:

O jovem intelectual patricio sr. Octávio Brandão, nosso particular amigo, veio ontem, pessoalmente trazer-nos um convite para assistirmos à sua já aqui anunciada conferência sobre as nossas lagoas, a realizar-se ao próximo sábado do corrente, às 11 horas, no Teatro Deodoro.
 Ficamos muito gratos a gentileza do distinto conferencista.⁹⁹

A segunda conferência aconteceu no dia 12 de outubro de 1917, quando a pesquisa de Octávio já estava mais próxima da conclusão, portanto, contou com elementos que não poderiam ser encontrados na primeira. A conferência foi feita no Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano e foi denominada *A Mineralogia e Geologia dos Canais e Lagoas*.

No seu livro *Combates e Batalhas*, Octávio afirma que "Compareceram muitos rapazes e moças, intelectuais e simples homens do povo".¹⁰⁰ Também esta conferência contou com uma chamada no *Jornal de Alagoas* e, desta vez, com elogios mais diretos ao jovem intelectual.

⁹⁷ BRANDÃO, Octavio. **Canais e Lagoas**. Maceió: Edufal, 2001. 1 v., p. 21.

⁹⁸ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.89.

⁹⁹ **CONFERENCIAS**. *Jornal de Alagoas*, Maceió, nº:42, 22 de Fevereiro de 1917. In: Arquivo Público de Alagoas.

¹⁰⁰ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.89.

O farmacêutico Octavio Brandão realiza no dia 12 do corrente, às 19 horas, no Instituto Arqueológico, sua conferência, dissertando sobre *A mineralogia e geologia dos canais e lagoas alagoanos*.

Dado os conhecimentos e o talento do jovem escritor é de prever o magnífico sucesso que vai obter seu novo trabalho.¹⁰¹

Nesta conferência, ao que parece, Octavio apresentou com mais clareza a composição mineralógica das terras pesquisadas e falou da descoberta pioneira da existência de 14 lugares com indícios de petróleo no estado.

Na segunda conferência, descrevi a composição mineralógica dos terrenos percorridos. Mostrei sua formação geológica, isto é, o longo processo do surgimento e desenvolvimento histórico da terra alagoana. Apresentei publicamente as provas colhidas nas pesquisas de campo e investigações diretas: folhelhos petrolíferos, muitos outros minerais encontrados, materiais geológicos, espécimes paleontológicos, (plantas e peixes fossilizados, petrificados).¹⁰²

Segundo Octavio, o impacto da descoberta de indícios petrolíferos na conferência de 1917 despertou a raiva dos trustes estrangeiros e seus agentes no Brasil. Para o autor, já a partir desta conferência, ele teria sido vítima de perseguições.

Trustes e agentes fizeram tramas de toda espécie, começando pela conspiração do silêncio. Seus "técnicos" e "cientistas", corrompidos, afirmavam a mentira de que em Alagoas, as rochas cristalinas ficavam logo abaixo da superfície. Portanto, era "impossível" que aí existisse petróleo...¹⁰³

Aqui, cabe um breve excerto para percebemos não só a importância que a descoberta e a afirmação de Octavio possui, mas também o viés interpretativo que ele dava ao fato de que tal descoberta estava sendo silenciada. Para tanto, remontamos a um debate ocorrido duas décadas depois. Monteiro Lobato no livro *O escândalo do petróleo e ferro*, apresenta a tese de que existiu um boicote a exploração do petróleo brasileiro, não por complô contra nenhum pesquisador, mas por necessidade do capitalismo para o qual era mais rentável manter o monopólio do líquido negro nas mãos do imperialismo norte americano.

Como então o Brasil se conservou de olhos fechados por tanto tempo? [...] O petróleo está hoje praticamente monopolizado por dois imensos trusts a Standard Oil e a Royal Dutch & Shell. Como dominaram o petróleo, dominaram também as finanças, os bancos, o mercado do dinheiro; como dominaram o dinheiro, dominaram também os governos e as máquinas administrativas.¹⁰⁴

Depois de muita luta política na imprensa e nos órgãos responsáveis já no final da

¹⁰¹ **CONFERENCIAS.** Jornal de Alagoas, Maceió, nº:228, 07 de Outubro de 1917. In: Arquivo Público de Alagoas

¹⁰² BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas:** Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.89.

¹⁰³ IDEM, p.105.

¹⁰⁴ LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo e ferro.** São Paulo: Brasiliense Ltda, 1957. 7 v. (Obras Completas de Monteiro Lobato), p. 9.

década de 30, Monteiro Lobato recebe uma carta assinada por Harry Koller, ex-geólogo da Standar Oil, na qual seus argumentos são ressaltados:

Harry Koller ingenuamente confessa tudo que há quatro anos venho afirmando pela imprensa. Confessa o programa dos trusts, nossos abastecedores de petróleo, de manter o Brasil em estado de escravidão petrolífera. Confessa a campanha de organização de contratos para o acaparamento das boas estruturas com o fim de impedir que os nacionais as explorem. Confessa a intensidade com que estudam nossa geologia e adquirem terras. Confessa o interesse que demonstram em impedir a exploração do petróleo brasileiro. Confessa tudo quanto, qual Cassandra em terra de surdos, vivo proclamando por todos os meios.¹⁰⁵

Monteiro Lobato fala sobre Alagoas, cita como um caso escandaloso. Em 1922 o Serviço Geológico e Mineralógico Federal, subordinado ao Ministério da Agricultura, indicou que se desenvolvesse a perfuração de poços em Alagoas, especificamente na região de Riacho Doce. Para Octávio, essa indicação fez parte de uma grande batalha travada por ele já enquanto morava no Rio de Janeiro.

O jovem tentou conseguir uma vaga para trabalhar no Museu Nacional, onde já desenvolvia trabalho voluntário. A situação financeira no Rio de Janeiro estava cada vez pior. Apresentou sua pesquisa, porém, a resposta que recebeu foi que havia na sua frente mais de 2400 pessoas indicadas e as ordens para o Ministério da Agricultura, dada pelo então presidente Epitácio Pessoa, era “de não fazer novas nomeações”¹⁰⁶.

Em contrapartida, Octavio acredita que a apresentação de sua pesquisa suscitou, no mínimo, curiosidade e que foi por força deste encontro que se indicou o início da pesquisa nas terras dos canais e lagoas. Em 1926, Eusébio de Oliveira, apresentou um relatório ao ministro da Agricultura, o qual é comentado por Monteiro Lobato:

Mas a intenção de não tirar petróleo prova-se também como um fato concreto dos mais interessantes. Na minha “Carta Aberta” afirmei que o “petróleo já fora revelado no Brasil, mas que sua descoberta vinha sendo sabotada”. Vou provar o asserto (sic) com apresentação de dois documentos. O primeiro é um trecho do relatório apresentado em 1926 ao Ministro Lyra Castro pelo Sr. Eusébio de Oliveira, então Diretor do Serviço Geológico. Diz ele: 'ESTADO DE ALAGOAS. O Serviço Geológico até hoje não conseguiu vencer as grandes dificuldades que se têm apresentado nas sondagens de Riacho Doce devido à natureza extremamente friável das camadas e às dobras caprichosas, as quais, facilitando o escorregamento das camadas, fazem que o furo diminua de diâmetro, inutilizando a perfuração. Nas sondagens ali executadas (Riacho Doce) TEM SIDO ENCONTRADO PETRÓLEO LIVRE. Por isso e pela possibilidade de se encontrar outros sistemas geológicos abaixo da conhecida série de Alagoas (cretaceo superior

¹⁰⁵ IDEM, pp. 105 e 106.

¹⁰⁶ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.154.

ou terciário), *a execução dessa perfuração até atingir as rochas cristalinas é perfeitamente justificável* sendo sem fundamento as críticas que, do ponto de vista científico, têm sido feitas à execução desse furo'.¹⁰⁷ [Grifos do autor]

Por isso, Monteiro Lobato chama o caso de Alagoas de escandaloso, tendo em vista que ainda na década de 20 o petróleo jorrou naquelas terras, porém foi ignorado pelo poder público. De acordo com o autor, ainda em 1918, o geólogo alemão José Bach, que vinha fazendo estudos no trecho alagoano da costa nordestina, comunicou as autoridades que na região de Riacho Doce, havia petróleo para abastecer o mundo¹⁰⁸. Lobato, considera Bach como o primeiro a estudar e afirmar a existência de petróleo naquela região, porém não teve tempo para explorar, pois “logo que formou uma pequena companhia para explorá-lo, 'foi morrido afogado' numa lagoa”¹⁰⁹. Assim como as pesquisas de Octavio, as pesquisas de José Bach não foram ouvidas pelo poder público.

Somente alguns anos depois do episódio relatado por Eusébio de Oliveira, o escândalo tem prosseguimento. Monteiro Lobato, junto com Edson de Carvalho e Lino Moreira, anos após a morte de Bach fundaram a Cia. Petróleo Nacional e tentaram as primeiras perfurações.

No entanto, o Departamento Nacional de Produção Mineral abriu campanha explícita contra a empresa. Segundo Lobato, vários foram os meios usados na tentativa de desmoralizar a empresa, tais como acusações na imprensa e sabotagens, que o próprio vai descrever em seu depoimento no livro *O escândalo do petróleo e ferro*.

E mesmo diante das intrigas, sabotagens e pouco recurso, Edson de Carvalho consegue perfurar 250 metros e fazer jorrar petróleo em Alagoas. Monteiro Lobato, afirma que Osman Loureiro não cabia em si de tanto entusiasmo diante do que seus olhos viam, por isso mandou ao ministro da Agricultura telegrama em que contava a descoberta em terras alagoanas. Aliás, Lobato aponta como seu grande aliado nesta luta Osman Loureiro, governador do estado de Alagoas entre os anos de 1933 a 1940.

Quando os geólogos representantes do governo chegaram a Maceió, constataram: “o petróleo saía mesmo. Mas em vez de puxar o forceps, Bourdot saca do bolso um ofício de Fleury da Rocha exigindo a entrega imediata da sonda federal com que Edson estava perfurando”¹¹⁰.

¹⁰⁷ LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo e ferro**. São Paulo: Brasiliense Ltda, 1957. 7 v. (Obras Completas de Monteiro Lobato), pp. 81 e 82.

¹⁰⁸ IDEM, p. 63.

¹⁰⁹ LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo e ferro**. São Paulo: Brasiliense Ltda, 1957. 7 v. (Obras Completas de Monteiro Lobato), p. 49.

¹¹⁰ IDEM, p. 50.

A notícia foi escandalosa, ganhou espaço na imprensa e em comícios, repercutiu de norte a sul do país. Para Lobato, era a prova do que ele já vinha dizendo. Havia ganhado um aliado, Osman Loureiro, que via diante dos olhos a possibilidade de riquezas em terras de povo tão miserável e que, desta forma, tomou a batalha para si. Assim, passa a ser identificado por Lobato como “homem de destino”¹¹¹. Só no dia 25 de dezembro de 1935, Loureiro conseguiu firmar contrato com a empresa de estudos geofísicos *Piepmeyer e Cia* e, mesmo assim, ainda encontrou diversos entraves federais para realizar as pesquisas. Sobre o caso, Lobato afirma:

Graças à visão, decisão pronta, energia e hombridade de Osman Loureiro e Edson Carvalho, o pequeno estado nordestino vai ter petróleo, vai enriquecer-se tremendamente, vai exportá-lo até para São Paulo (...) Os Interesses Ocultos¹¹² são poderosíssimos, oniscientes e onipresentes. Controlam os bancos. Controlam o mundo. Daí as inesperadas e invencíveis resistências anti-petrolíferas que os pioneiros encontram de todos os lados, sobretudo nas zonas já bastante desenvolvidas economicamente. Os pioneiros só poderão vencer atacando as linhas de menor resistência – os estados de gente magra.
Bendita sejas tu, ó sadia magreza alagoana!¹¹³

Salta à vista a diferença de análise entre Octavio Brandão e Monteiro Lobato quanto ao caso do petróleo no Brasil. Enquanto Octavio afirma que a atitude do governo era parte de um complô dirigido contra ele, Monteiro percebe o fato como expressão da ordem econômica mundial, como parte da manutenção do monopólio de mercado por grandes empresas do imperialismo norte-americano e não como um boicote de silêncio individualizado contra nenhum dos pioneiros da descoberta do petróleo no Brasil.

Como consta no livro *Canais e Lagoas*, havia indícios fortes, relativos à geologia das terras alagoanas, que indicavam a existência do petróleo e o autor indica onde explorar. A existência de petróleo em alguns dos locais indicados por Octavio Brandão foi confirmada alguns anos depois, como o exemplo de Riacho Doce exposto acima.

Em contrapartida, a defesa de que houve um complô contra a Octavio passou a ser feita por ele com mais força a partir do final da década de 40, quando voltou de seu exílio. O petróleo, portanto, já era uma realidade no país. A forma como ele se insere no debate a como constrói a memória relativa ao assunto, parece-nos, portanto, mais uma maneira de auto-

¹¹¹ IDEM, p. 55.

¹¹² Interesses Ocultos é o termo utilizado por Lobato para denominar o que ele caracteriza como rede de dominação capitalista, neste caso o monopólio do petróleo por dois imensos trusts, a Standard Oil e a Royal Ducht & Shell.

¹¹³ LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo e ferro**. São Paulo: Brasiliense Ltda, 1957. 7 v. (Obras Completas de Monteiro Lobato), p. 62.

afirmação de sua importância política e intelectual para o Brasil. A volta ao Brasil não veio acompanhada de grandes homenagens e reconhecimentos, trata-se de um recomeço de vida depois de anos exilado na Rússia. Desta forma, a defesa da existência de um “complô” parece ser mais uma das formas de justificar o fato de não ser ele reconhecido como o “pioneiro do petróleo” no Brasil.

Octavio Brandão nunca se conformou com o fato de não ter sido reconhecido como o responsável pela descoberta do petróleo no Brasil. Mesmo diante disto, ele declara em suas memórias sua felicidade pelo desenvolvimento posterior do petróleo no Brasil: "Apesar de tudo, essa batalha não foi em vão. É uma grande alegria verificar os progressos do monopólio estatal do petróleo. Que a Petrobrás avance vitoriosamente! Que o Brasil conquiste a libertação nacional e social!"¹¹⁴.

Muitos anos depois, Monteiro Lobato dedicou uma homenagem ao alagoano já na abertura do seu livro *Escândalo do Petróleo e do ferro*:

Há mais de um quarto de século, um menino de 20 anos, filho do Norte, lançou um livro de gênio - caótico, meio ciência, meio hino divinatório, o mais profundo grito d'alma do seu tempo e o menos ouvido e compreendido. Considerado "louco", foi perseguido, difamado e escoraçado de sua terra. Mas suas palavras ficaram - e quero que na entrada deste livro figurem algumas, que cito com profunda emoção (...) O livro de Otávio Brandão foi publicado em 1919, há 37 anos, portanto, e os petróleos de Alagoas - e do Brasil inteiro - continuam sabotados...¹¹⁵

Voltando ao início do século, apesar de toda a polêmica em torno da descoberta de indícios de petróleo, as duas primeiras conferências de Octavio Brandão foram bem acolhidas pela imprensa e pelos intelectuais da cidade. Já a terceira conferência que aconteceu no dia 31 de março de 1918, na mesma sede da Sociedade Perseverança e Auxílio teve outro caráter.

Cada vez mais envolvido com a luta dos trabalhadores, Octavio centrou a segunda parte da conferência nos problemas sociais do estado e na necessidade de dividir as terras e educar o povo dos canais e lagoas.

Alagoas era um estado muito miserável, dominado por grandes oligarquias e coronéis do açúcar. As principais fontes de renda eram a indústria açucareira e a algodoeira. A população era, em sua maioria, analfabeta. Segundo Maciel, índices na casa dos 80% de analfabetismo eram comuns no Nordeste, e em Alagoas não podia ser diferente:

¹¹⁴ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.104.

¹¹⁵ Octavio Brandão o pioneiro do petróleo brasileiro desde 1917 (recorte de jornal). Coleção Octávio Brandão. IHGAL.

ÍNDICES DE ANALFABETISMO EM ALAGOS (1872 - 1920)¹¹⁶

ANO	ALFABETIZADOS	ANALFABETOS	% de analfabetismo sobre a população total
1872	41.913	306.096	88,0
1890	70.115	441.325	86,5
1900	129.563	519.710	80,0
1920	144.535	834.213	85,2

O que Brandão narrou na sua terceira conferência foi o estado de miserabilidade que ele viu na região dos canais e lagoas, pessoas que sobreviviam do que pescavam diariamente. É claro que, em uma sociedade dominada pelos coronéis do açúcar, a conferência de um jovem intelectual promissor, como era visto Octavio Brandão, propondo divisão das terras e educação do povo, não poderia ser bem recebida.

Nos anos posteriores, Octavio reconheceu diversas falhas que seria possível encontrar neste livro. A primeira, e uma das que ele considera principal falha, é o fato de o livro não se basear na dialética marxista e sim, nas palavras do autor, "numa dialética primitiva e espontânea"¹¹⁷. Junto a este primeiro problema, o autor aponta também a falta de relação dos problemas sociais e do uso das riquezas naturais ao imperialismo norte-americano, além de não apontar qual é o verdadeiro problema da divisão das terras no estado, que para o autor, está relacionada à condição semifeudal do país.

Por fim o autor afirma que não apresenta caminhos para a resolução dos problemas levantados, "apresenta apenas aspectos parciais do sistema social dominante e não mostra o caminho para a libertação nacional e social do Brasil"¹¹⁸.

Achamos que problemas relativos à falta de clareza teórica no estudo de Octavio Brandão são mais que comuns no início do século XX no Brasil, principalmente no que diz respeito à teoria marxista, tendo em vista que a primeira versão do livro *Manifesto do Partido Comunista*, de Karl Marx e Frederich Engels, foi traduzida para o português só em 1922, pelo

¹¹⁶ MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. **Trabalhadores, Identidade de Classe e Socialismo: Os gráficos de Maceió (1895-1905)**. Maceió: Edufal, 2009, p. 57.

¹¹⁷ BRANDÃO, Octavio. **Canais e Lagoas**. Maceió: Edufal, 2001. 1 v., p. 16.

¹¹⁸ IDEM., p. 17.

próprio Octávio Brandão. Além disso, a própria realidade na qual está inserido o intelectual pode limitar o entendimento teórico na sua totalidade. Por isso, todos os elementos elencados pelo autor, anos depois, não diminuem o valor da obra.

Canais e Lagoas é uma obra ímpar, na qual Octavio Brandão apresenta as mais diversas características da natureza de Alagoas, combinado com a realidade miserável do povo sofrido que vivia nesta terra. O estudo profundo da geografia, a mineralogia e a geologia da região permitiu que o autor pudesse ser o primeiro a sugerir a possibilidade de existência de petróleo no Brasil.

As críticas ao livro Canais e Lagoas ainda persistiram por muito tempo. Em 1919, já morando no Rio de Janeiro, Octavio continuou as pesquisas pelas ciências naturais e apresentando conferências das mais diversas. Em suas memórias, Octávio cita críticas feitas por intelectuais contemporâneos a ele, a exemplo do escritor Lima Barreto, Monteiro Lobato, José Oiticica, o professor Fábio Luz, o jornalista José Patrício Filho, dentre outros.

O jornalista José Patrício Filho era um dos colunistas do Jornal *A Notícia*, do Rio de Janeiro. Na edição do dia 22 de Outubro, assinando sob o pseudônimo de João das Regras, o Jornalista presta homenagem a Octavio Brandão.

“Canais e Lagoas” não tem, entretanto – apesar de o ser – a aridez de forma característica aos livros de conhecimento experimentais. Em cada página surge um trecho de estimável louvor literário, que, pela louvável preocupação do detalhe sincero, pouco a pouco nos vai revelando a paisagem, os costumes, a humanidade regional, com uma ternura e uma veracidade que são o mais cabal documento dos louváveis sentimentos patrióticos do autor. [...] “Canais e Lagoas” nos revela para o futuro escritor poderoso com a capacidade de estudo e de realização literária propícia a cantar, dentro da verdade científica, as maravilhas da nossa terra, que ama de um amor esclarecido e útil.¹¹⁹

Em Alagoas, o escritor também recebeu diversos elogios. O Poeta Faustino de Oliveira dedicou uma série de três artigos, publicados no ano de 1920 no *Jornal do Comércio* sobre o livro do jovem alagoano. O poeta não poupa elogios a obra de Octávio que, para ele, além de ser de uma grande importância científica, é de uma grande qualidade artística.

O seu livro não é botão de flor que indeciso se entreabre. É fruto sazonado, é milagre palpável, é dia plenamente claro, desbordando em oceanos marulhantes de luz.
É uma documentação perfeita das grandes verdades adstritas ao passado, presente e futuro da nossa pátria de vastos empreendimentos, onde se revolve uma multiplicidade infinita de problemas, que se chegassem a ser

¹¹⁹ REGRAS, João das. **Canais e Lagoas – por Octávio Brandão**. IN: *A Notícia*, Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1919.

resolvidos, legariam a nossa História a maior afirmação de progresso conquistado por um povo.

Em “Canais e Lagoas” há páginas que são verdadeiras epopeias, incomparáveis cantos gloriosos a beleza bárbara e pagã da nossa terra, que surge na maravilha delirante das suas lagoas rebrilhando à festa das alvoradas ou melancolizando-se à tinteira de açafião do sol poente, nos seus canais serpenteantes, na opulência embriagadora das nossas paisagens, nas suas matas vibrando em hinos milenares de exuberância, nas suas colinas ondulando além pelos horizontes esbatidos.¹²⁰

Mas não é só a riqueza em termos de literatura que Faustino Oliveira ressalta na obra. O poeta dedica grande espaço do seu artigo para chamar atenção dos alagoanos para as “injustiças” sofridas por Octavio, garoto de classe média que tentou dedicar sua obra intelectual às riquezas e belezas alagoanas. Que se debruçou sobre os problemas sociais do estado. Que enfrentou as oligarquias canavieiras e propôs que as terras fossem divididas, que o povo da região dos *Canais e Lagoas* tivessem direito à dignidade. Faustino Oliveira trata das dificuldades da infância de Octavio, na tentativa de demonstrar a superação do garoto que, apesar de todos os entraves, conseguiu desenvolver aquele trabalho intelectual que, para Faustino, era de grande qualidade. Por fim, termina seu último artigo demonstrando a indignação de ver o exílio e as dificuldades de Octavio.

Li algures que “todo espírito de escól (sic), que tem contrastar com o meio, há de sofrer no isolamento uma tortura íntima, que é a vingança dos deuses, o tributo da superioridade”.

Octávio está nesse caso.

Os seus sofrimentos, as suas âncias de afogado, a sua agonia de soterrado vivo em meio à maravilha de sua pátria privilegiada, não são mais do que o amargo tributo da sua superioridade, o castigo lançado de além túmulo pelos deuses sobre os homens que os destronaram um dia do Olympio, cheios das grandes verdades das novas eras, para reinar sobre eles, através dos séculos futuros.¹²¹

Canais e Lagoas, apesar de ter recebido muitos elogios, também recebeu críticas de intelectuais e jornalistas da época. Octavio cita algumas em suas memórias. Em nossa pesquisa, nos chama atenção o texto publicado no jornal *A Batalha*, que circulava na cidade de Lisboa em 1920. No artigo, escrito por B.¹²², a obra é reconhecida como uma obra de qualidade, melhor dizendo, um trabalho de certo valor tanto científico quanto artístico. Já no início o autor afirma “faltaríamos á verdade se por acaso afirmássemos considerar como uma obra-prima o livro recentemente publicado por Octavio Brandão com o título *Canais e*

¹²⁰ OLIVEIRA, Faustino. **Canaes e Lagoas**. IN: *Jornal do Comércio*, Maceió, 13 de Janeiro de 1920.

¹²¹ OLIVEIRA, Faustino. **Canaes e Lagoas**. IN: *Jornal do Comércio*, Maceió, 13 de Janeiro de 1920.

¹²² Encontramos a cópia do artigo no Instituto Histórico e Geográfico em Alagoas. Na cópia, apesar do texto ser assinado por B., consta que este seria um pseudônimo de Neno Vasco.

Lagoas”¹²³.

O autor da crítica consegue reconhecer traços em *Canais e Lagoas* que lembram obras de Humboldt, uma das inspirações de Octavio. Porém também percebe que a juventude de Octavio Brandão faz com que sua obra padeça de defeitos grandes. Os principais citados são falta de objetividade, Octávio desvia do assunto principal com facilidade ao longo do livro, falta de originalidade e “exageros” linguísticos.

Não podemos deixar de lhe apontar alguns defeitos no seu livro; e assim é que em certos capítulos, mistura ele com algumas páginas de verdadeiro compêndio de corografia, as exclamações e as apóstrofes as mais exageradas num estilo cheio de pompa, todo alegórico e hiperbólico, que destoa um pouco do gênero didático da obra.

Além disto, muitas das suas imagens e semelhanças são – na nossa opinião – destituídas de graça e originalidade.¹²⁴

Octavio Brandão não gostou das críticas que recebeu, pois para o autor nenhum dos intelectuais “se preocupou com os problemas levantados na obra”. Octavio acreditava que as críticas que recebeu faziam parte da conspiração do silêncio, a mesma que abafaria o livro por trinta anos.

Canais e Lagoas foi editado e publicado em 1919, no Rio de Janeiro a partir de economias do próprio Octavio. Sua ideia inicial era fazer uma série de três livros, chegou a publicar a segunda edição, porém, a dedicação aos estudos teve que ficar para segundo plano. No Rio de Janeiro, Octavio precisou trabalhar e, além disso, envolveu-se cada vez mais na vida política.

Décadas depois, quando Octavio voltou ao Brasil do segundo exílio (quando teve que ir com sua família para a Rússia) já no final da década de 40, fez questão de relembrar aos brasileiros sua obra. Ao voltar para o Brasil, já com o petróleo sendo uma realidade, Brandão procurou repercutir sua descoberta¹²⁵.

1.6. Breves Conclusões

Jovem garoto, neto de senhor de engenho, Octavio Brandão, mesmo diante de uma infância difícil, teve oportunidades de educação dignas dos filhos da burguesia alagoana. A

¹²³ B. **Sobre o livro Canais e Lagoas**. IN: *A Batalha*. 12 de junho de 1920.

¹²⁴ B. **Sobre o livro Canais e Lagoas**. IN: *A Batalha*. 12 de junho de 1920.

¹²⁵ Encontramos críticas positivas em jornais e inclusive textos do próprio Octávio Brandão sobre a sua obra, *Canais e Lagoas*, até da década de 60 em jornais de Alagoas, São Paulo e Rio de Janeiro.

paixão pela ciências naturais fez com que, mesmo estudando no curso de farmácia em Recife, o garoto desenvolvesse pesquisas marcantes, como o Canais e Lagoas.

Não queremos aqui defender que este é um grande clássico da literatura e geologia brasileira. Porém, achamos que tem importância histórica, principalmente no que diz respeito ao entendimento de toda a construção da memória de Octavio Brandão. É emblemática a forma como ele trata o desenvolvimento tardio da exploração do petróleo no Brasil como "conspiração do silêncio" voltada contra ele. A diferença de análise é colocada com mais clareza quando vamos às opiniões de Monteiro Lobato, que diante do mesmo fato, analisa como consequência do desenvolvimento do capital, para o qual era mais rentável manter o petróleo nas mãos dos grandes trustes imperialistas.

Vale ressaltar que é a partir da pesquisa das ciências naturais que nasce o interesse pela luta contra as injustiças sociais, interesse que vai permear o restante da vida de Octavio Brandão no Brasil e fora do país.

CAPÍTULO 2. Os primeiros passos nas lutas dos trabalhadores

*Pensamento que não se transforma em ação,
Para mim tem valor limitado, mesquinho:
Sonho que não é um poema... ideal – guião caminho -
Alma que não crepita, alma sem erupção...
[...]
Amo tudo que sobe tudo que se eleva:
A quimera a evoluir o ideal libertador...
O ferro, a espada... para a imensa luz, a treva...
E o pensamento que se torna redentor...
Portanto, para ti, o meu anseio, ó Ação!
Para teu esplendor, esta minha alma estética...
Toda a minha estupenda e vasta exaltação
Para ti, ó Dinâmica – a ti, Energética!¹²⁶*

Este capítulo tem por objetivo traçar uma discussão sobre os contatos de Octavio Brandão com o movimento dos trabalhadores e a esquerda, no período em que ele vivia em Alagoas. Os embates, batalhas e a primeira prisão.

Aqui, faz-se necessário traçar uma discussão sobre a imprensa operária no Brasil, tendo em vista que toda a trajetória de Octavio Brandão foi permeada pela participação ativa em periódicos deste tipo no país ou fora dele. Além disso, para termos mais clareza dos caminhos percorridos em sua trajetória político-ideológica julgamos importante iniciar a discussão sobre os embates intelectuais que Octavio teve, as aulas sobre ciências naturais, permeadas com discussões filosóficas, a aproximação e conseqüentes confusões com as teorias revolucionárias em voga naquele período.

2.1. Segundo passo libertador: A luta ao lado dos trabalhadores em Maceió

Foi em Maceió, em 1917, que Octavio deu aquele que denominou de segundo *passo libertador* da sua vida. Passou a defender as causas dos trabalhadores e travar uma batalha contra a Primeira Grande Guerra Mundial. "Iniciei a nova batalha duríssima pelo povo brasileiro e pelos direitos, ideais e reivindicações imediatas dos trabalhadores. Coloquei o segundo marco na vida"¹²⁷.

Ainda em Recife, em 1914, ouviu falar e leu sobre a Guerra Imperialista e viu que

¹²⁶ BRANDÃO, Octavio. **Ação**. IN: *A Plebe*, São Paulo, 3 de Julho de 1920.

¹²⁷ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.111.

quase todos os intelectuais brasileiros ficaram ao lado dos anglo-franceses, ou seja, ao lado da Tríplice Entente. Apesar de confuso, Octavio declara que não conseguia perceber a guerra como uma luta por uma justa questão, portanto desde o início, não defendeu a guerra.

De toda forma, o estopim decisivo para dar este segundo passo libertador foi o contato com a miséria do povo.

O exame direto das condições de vida e trabalho dos operários e lavradores pobres causou-me um abalo profundo. Fiquei impressionado perante o contraste entre riquezas do Brasil e a miséria das populações. Vi a opressão geral. Pensei: - Como gastar tempo a estudar a Terra, quando o trabalhador é um escravo? Como combater pela emancipação dos trabalhadores?¹²⁸

Travar a luta ao lado da classe trabalhadora para Octavio significou principalmente a colaboração em diversos jornais operários daquele período, ou seja, a luta para que os trabalhadores pudessem compreender o quanto eram explorados.

Diferente do processo de formação da classe trabalhadora europeia que veio com a revolução industrial, no Brasil e, conseqüentemente, em Alagoas, essa constituição aconteceu de forma lenta, por um lado, com uma “transição” do trabalho escravo para o juridicamente livre; e por outro contando com a intervenção do Estado na economia (particularmente no fomento à criação de indústrias) e na consolidação de direitos para os trabalhadores. Segundo Plancharel, a gênese colonial da formação social brasileira engendrou “relações sociais particulares, de modo a caracterizar a coexistência entre diferentes formas de trabalho como uma dessas especificidades”.¹²⁹ Neste contexto, os trabalhadores brasileiros tiveram que aprender/forjar a ser livre.

As condições de trabalho eram péssimas¹³⁰ com jornadas de trabalho que chegavam a durar 16 horas, com salários baixos, sem descanso semanal e nem férias remuneradas. Porém, o Estado, possuidor de grande aparelho repressivo, agia reprimindo as movimentações desarticulando politicamente as lutas proletárias. Em sua tese de doutoramento, Thiago Oliveira¹³¹ coloca que:

A classe dominante brasileira, amedrontada pelas experiências das constantes ameaças de revoltas de escravizados vividos nas últimas décadas de escravidão, temiam violentas sublevações populares dirigidas pelos anarquistas.

¹²⁸ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978., p.112.

¹²⁹ PLANCHAREL, Alice Anabuki. **Memórias & omissão: Anarquismo & Otávio Brandão**. Maceió: Edufal, 1997, p. 40.

¹³⁰ PLANCHAREL, Alice Anabuki. **Memórias & omissão: Anarquismo & Otávio Brandão**. Maceió: Edufal, 1997.

¹³¹ OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. **Anarquismo, Sindicatos e Revolução no Brasil**. 2009. 267 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009, p. 50.

É nesta conjuntura de repressão e, ao mesmo tempo, de sublevação popular, que surgem diversos jornais direcionados aos trabalhadores brasileiros, tendo em vista, inclusive que “a imprensa escrita foi, por décadas, o veículo de comunicação por excelência no Brasil”¹³². Esses periódicos tinham grande influência entre seus leitores, muitos eram escritos pelos próprios operários, outros, por intelectuais que tomavam seu partido. Para Araújo e Cardoso¹³³ os redatores “souberam aproveitar o momento histórico para agir como catalizadores das insatisfações sociais, econômicas e políticas”. Por isso adotamos a noção de Maciel sobre imprensa operária:

Propomos a noção de imprensa operária como a de uma imprensa comprometida com os trabalhadores, isto é, como veículos impressos de divulgação constante de textos, idéias, eventos, notícias, etc. que contribuam na construção de uma identidade coletiva dos trabalhadores (ou de categorias de trabalhadores) e de sua representatividade legítima. Ora, esta noção implica uma necessidade de inserção – por mínima que seja – destes órgãos da imprensa entre os trabalhadores.¹³⁴

Compreendemos que a imprensa operária não pode ser entendida como algo factual ou como mero registro do movimento operário. Achamos que esta apresenta elementos que auxiliaram a formação do operariado enquanto classe. É por isso que, assim como Gonçalves, entendemos a imprensa como uma forma/instrumento de intervenção na vida social. Acreditamos que:

Seu estudo pode se dar como objeto/fonte, uma vez que desaparece a categoria imprensa na forma abstrata para dar lugar ao movimento vivo de idéias, protagonistas e, principalmente, para que emergjam dessa produção de sentidos, como resultado da operação histórica, sujeitos dotados de consciência determinada na prática social.¹³⁵

Os diversos jornais operários do Brasil conseguem ampliar o espaço de denúncia e crítica ao governo e aos patrões, assim, mostram-se como porta vozes das classes subalternas. Além disso, conforme Gonçalves,¹³⁶ cumprem função “pedagógica apoiado nos conteúdos de crítica social e exortação à organização dos trabalhadores”. Coadunando com esta ideia, Maria Luiza Pinheiro e Luiz Balkar Pinheiro¹³⁷, colocam que tal trabalho de conscientização se voltava para a organização contra os patrões, o Estado que lhes dava guarida, e as péssimas

¹³² MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 84.

¹³³ ARAÚJO, Sílvia; CARDOSO, Alcina. **Jornalismo e militância operária**. Curitiba: Editora da Ufpr, 1992.

¹³⁴ MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. **Trabalhadores, identidade de classe e socialismo**: Os Gráficos de Maceió (1895 - 1905). Maceió: Edufal, 2009, pp.115 e 116.

¹³⁵ GONÇALVES, Adelaide (Org.). **Ceará Socialista**: anno 1919. Florianópolis: Insular, 2001, p. 9.

¹³⁶ IDEM, p. 9

¹³⁷ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte; PINHEIRO, Luiz Balkar Sá Peixoto (Org.). **Imprensa Operária na Amazonia**. Amazonia: Edua, 2004, p. 10.

condições de vida e trabalho.

Francisco Foot Hardman defende que a imprensa deste período é usada como principal instrumento de formação e informação. Segundo ele:

Numa época em que os grandes meios de comunicação de massa inexistiam, a imprensa, em especial o jornalismo, possuía um papel decisivo como veículo social de informação e formação: a imprensa operária em particular, destaca-se por sua função de articuladora de interesses históricos de classe como fator de atração e propaganda, na tentativa de aglutinar elementos de uma consciência operária comum.¹³⁸

No Brasil dos primeiros anos de República, as ideias de uma sociedade justa e livre, povoou a mente de diversos intelectuais e artistas. Edilene Toledo afirma:

No contexto do Brasil da Primeira República, as reivindicações operárias, influenciadas, em parte, pelo anarquismo, eram também um esforço de democratização da sociedade, porque muitas vezes as lutas não visavam somente a melhorar salários e reduzir jornadas de trabalho, mas assegurar o direito à própria existência, ou seja, a garantir condições de democracia e civilidade, em que o movimento e a organização dos trabalhadores pudessem ser reconhecidos como um elemento legítimo da sociedade¹³⁹.

No caso do Norte e Nordeste, segundo Batalha,¹⁴⁰ o impacto da imigração é bem menos significativo, portanto, a influência desta no movimento e na imprensa operária nordestina é bem pequena, ao contrário do que acontece no eixo Rio – São Paulo¹⁴¹.

Os referenciais teóricos existentes no Brasil contribuíam para uma “certa confusão” na adesão de um referencial ideológico. Fazendo com que muitos militantes anarquistas fossem engajados no sindicalismo revolucionário. Toledo¹⁴² afirma ainda que “Embora muitos anarquistas tenham participado da construção de organizações sindicais em São Paulo no início do século, a teoria e a prática dos sindicatos não eram anarquistas”.

Entendemos que caracterizar os intelectuais engajados deste período como sendo de esquerda ou socialistas, com base nos critérios de hoje, é extremamente complicado. A conjuntura vivida por esses militantes era completamente diversa da que temos nos dias

¹³⁸ HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!:** memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3ed. rev. e ampl. - São Paulo: Ed. UNESP, 2002, p. 311.

¹³⁹ TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A formação das tradições: 1889-1945.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 55.

¹⁴⁰ BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. **O movimento operário na Primeira República.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 12.

¹⁴¹ Maria Nazareth Ferreira considera este período do qual estamos tratando como “anarcossindicalista”, autores como Edilene Toledo, consideram que este período é muito mais diverso e possui outras formas teóricas de ver o mundo e de produzir imprensa, como os Sindicalistas-Revolucionários. Não se restringindo portanto somente ao anarcossindicalismo. Aprofundaremos a discussão sobre a influência do anarquismo no movimento dos trabalhadores no segundo capítulo desta dissertação, por hora, achamos necessário pontuar esta discussão.

¹⁴² TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A formação das tradições: 1889-1945.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 110.

atuais. Os referenciais teóricos em português eram praticamente inexistente. De alguma forma, este quadro ajuda a explicar as características do pensamento e da atuação de Brandão.

Octavio Brandão ajudou a publicar e colaborou em diversos jornais da imprensa operária. Desde jornais que se diziam revolucionários, como *A Semana Social*, a jornais que reivindicavam o poder dos Sindicatos apenas. A questão é que o referencial teórico deste intelectual ainda estava se formando. Mais a frente o contato com José Oiticica o aproxima do anarquismo, porém durante toda a construção de sua memória, Octavio Brandão se reivindica mesmo como comunista, como que numa tentativa de negar o passado de proximidade anarquista, como defende Plancharel em seu livro *Memórias & Omissão: Anarquismo & Otavio Brandão*.¹⁴³

2.2. Antônio Canellas e a *Semana Social*

Ainda em Viçosa, em 1916, Octavio teve contato com uma imprensa voltada para os trabalhadores. Conheceu o jovem Antônio Bernado Canellas que, com apenas 16 anos, já escrevia um pequeno jornal chamado *Tribuna do Povo*. Canellas nasceu na cidade do Rio de Janeiro, e a *Tribuna do Povo* foi o primeiro jornal editado pelo carioca, o que fazia dele, segundo Iza Salles¹⁴⁴, um dos editores e ativistas mais jovens do país. Segundo Salles, não se sabe o motivo pelo qual o jovem Antônio Canellas viria a escolher morar na cidade de Viçosa, no entanto, foi nesta cidade que o jovem editou 18 edições do jornal *Tribuna do Povo* e deu início a uma campanha contra a guerra imperialista combinada com a denúncia das injustiças do sistema capitalista, campanha que foi estendida e ganhou força quando Canellas se mudou para Maceió, em 1917¹⁴⁵.

Não encontramos nenhum texto do Octavio Brandão na *Tribuna do Povo*, porém, chama-nos atenção a constante propaganda da farmácia do seu tio, Manoel Brandão, onde o próprio Octavio trabalhava. Além disso, na edição do dia 21 de setembro, encontramos a seguinte homenagem ao jovem:

Passou no dia 12 do vigente, o aniversário natalício de Octavio Brandão. Moço poeta, servido por uma inteligência lúcida, talhado para os bons combates "o seu intelecto resplandece como as estrelas". Muito jovem ainda, apenas conta 19 primaveras, porém, ele deixa a cada momento os traços

¹⁴³ PLANCHAREL, Alice Anabuki. **Memórias & Omissão: Anarquismo & Otávio Brandão**. Maceió: Edufal, 1997.

¹⁴⁴ SALLES, Iza. **Um cadáver ao sol**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

¹⁴⁵ IDEM, p. 40.

radiantes de seu amor aos livros. Lá, na terra de Martins Junior, sua inteligência ficou gravada nos corações dos moços estudiosos. E aqui, na terra dos marechais ele triunfa como a "Águia do Haya". Embora tarde, queira o moço letrado aceitar o meu abraço sincero de saudação amiga, de envolta com a minha saudade.¹⁴⁶

Em 1917 a situação política e econômica do Brasil se acirrou, portanto o país foi palco de grandes lutas dos trabalhadores. O povo brasileiro já vinha sentindo na pele o alto custo de vida, devido ao envio de ajuda pelo Governo brasileiro aos *fronts* de Guerra e a crise econômica mundial que se aprofundava.

A entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial serviu de estopim para o agravamento da degradação nas condições de vida dos assalariados. Durante a Guerra, gêneros alimentícios básicos, a exemplo de açúcar, feijão e carnes, foram subtraídos do abastecimento interno para serem fornecidos aos "Aliados". Com isso, os alimentos que ainda restavam nas prateleiras tiveram seus preços aumentados, enquanto os salários continuavam baixos. Esta foi uma das principais alavancas para o movimento operário neste período. Várias greves e mobilizações estouraram pelo Brasil afora, a burguesia ficou apreensiva, já que, em nível mundial, havia uma revolução na Rússia e a ameaça comunista era eminente.

As contradições entre a burguesia e o proletariado agravavam-se, o trabalhador era cada vez mais explorado, os operários multiplicavam-se e os produtos de primeira necessidade ficavam mais caros e longe do poder aquisitivo dos mesmos. Durante este período é que ocorre um dos episódios mais importantes na história da luta dos operários no Brasil. Segundo Edilene Toledo, "verdadeiras multidões saíram às ruas para protestar e reivindicar. Manifestações quase diárias ocorreram no Rio de Janeiro e em São Paulo, contra o alto custo da vida, o trabalho de mulheres e crianças e outros tantos problemas que afligiam a vida dos trabalhadores"¹⁴⁷.

Neste mesmo período em Alagoas, segundo Plancharel, os movimentos populares e da classe trabalhadora organizaram-se contra a adesão do Brasil à guerra e contra o alto custo de vida¹⁴⁸.

Emergindo dos locais de trabalho, ruas e praças de Maceió, os movimentos popular e da classe trabalhadora organizam-se contra a adesão do Brasil à guerra de 1914-1918 contra a Alemanha; [...] realizam numa praça de

¹⁴⁶ *Tribuna do Povo*, Viçosa, nº6, 21 de setembro de 1916.

¹⁴⁷ TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A formação das tradições: 1889-1945**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 79.

¹⁴⁸ PLANCHAREL, Alice Anabuki. **Memórias & Omissão: Anarquismo & Otávio Brandão**. Maceió: Edufal, 1997.

Maceió, em 1917, um comício contra aquela adesão¹⁴⁹.

Foi organizado também em Maceió, em 1917, o Comitê de Defesa Proletária, do qual Octavio participava, que encaminhou ao governo do Estado um ofício solicitando que fosse baixado um Decreto que regulamentasse o controle nos preços dos produtos e o valor do aluguel.

O jornal *A Semana Social*, dirigido pelo tipógrafo Antônio Canellas surge no início do ano de 1917. Octavio Brandão teve uma participação ativa neste periódico, primeiro com a publicação de parte do seu estudo *Canais e Lagoas*, posteriormente escrevendo artigos sobre os mais diversos temas, inclusive a entrada do Brasil na Guerra e a carestia da vida, que colocava o povo cada vez mais no estado de miséria.

O estudo *Canais e Lagoas*, passa a ser publicado já na segunda edição do periódico, além disso, tal qual acontecia na *Tribuna do Povo*, o anúncio da farmácia de Manoel Brandão é uma constante nas páginas do jornal. Os primeiros textos assinados por Octavio para o periódico, em geral, estão relacionados à atividade intelectual, suas conferências ou artigos sobre artistas da época.

O primeiro artigo que encontramos do jovem Octavio, no qual ele faz uma crítica para além do trabalho intelectual, é o texto *O que é patriotismo*, publicado na edição do dia 27 de outubro. O artigo é uma polêmica direta com a propaganda do patriotismo brasileiro feita pelo poeta Olavo Bilac, através da Liga de Defesa Nacional, ligada a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial.

A obra do patriotismo é ser uma obra de paz que só espalhe a vida e o bem e não guerra e a morte, como querem os senhores. Guerra é uma coisa ilógica, um retrocesso; é uma bofetada na cara de todos os gênios que iluminaram a humanidade - gênios que se chamara Platão, ou Cristo ou Tolstoi.¹⁵⁰

Octavio relembra, em sua memória, que combateu de forma árdua a guerra e defendeu a paz mundial. Sobre este artigo relembra "À noite, eu ia à saleta da redação o jornal, perto da Praça da Cadeia. Publiquei em *A Semana Social* um artigo atacando a guerra e o militarismo do poeta Olavo Bilac e da Liga da Defesa Nacional, nacionalreira, patrioteira"¹⁵¹.

Nesta mesma edição do periódico, Octavio escreve outro artigo no qual ele compara a situação de miséria na Rússia com a situação de Alagoas, a comparação dá-se por conta do impacto que a leitura do livro *A Mãe*, do Gorki, causou no jovem. O fato é que a história do

¹⁴⁹ PLANCHAREL, Alice Anabuki. **Memórias & Omissão: Anarquismo & Otávio Brandão**. Maceió: Edufal, 1997, p. 65.

¹⁵⁰ Brandão, Octavio. **O que é Patriotismo?**, *A Semana Social*, Maceió, nº 25, 27 de Outubro de 1917.

¹⁵¹ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.113.

jovem Pavel, protagonista do livro, na Rússia czarista despertava em Octavio grande admiração e animação, sentia que a luta de Pavel pela libertação do povo russo, era a sua luta pela libertação do povo brasileiro.

Em Alagoas, como na Rússia a miséria do povo é sem nome: a sua timidez insondável, a sua passividade sem fim. E sobre tanta miséria paira a ganância dos comendadores capitalistas e a alegria dos bandidos políticos que vivem a corvejar a carcaça popular em busca das últimas migalhas. Pavel, meu herói sem nome! Que tua palavra obscura tremule na terra alagoana, levante-a num ímpeto estupendo, retorça-a e sobre sobre ela num clarão de revolta - esta revolta que nos falta.¹⁵²

A admiração por Gorki o acompanhou durante muitos anos na vida. No prefácio da epopeia *O Caminho*, Octavio conta que quando morava em Moscou fez diversas tentativas para falar com o autor de *A Mãe*, sob o objetivo de "obter dele um documento de importância histórica - uma vibrante Mensagem aos povos da América Latina, chamando-os à luta contra a incultura e a barbaria, contra o imperialismo e as sobrevivências do feudalismo".¹⁵³ Infelizmente, Octavio não conseguiu fazer contato algum com o escritor que faleceu em 1936. Segundo o autor de *O Caminho*, as causas para este contato não ter existido é que havia "ordens diretas para impedir, por todas as formas, toda e qualquer ligação de Gorki com os intelectuais dos outros países"¹⁵⁴.

Muito embora, os artigos citados acima tenham incomodado a burguesia local por seu conteúdo, sem dúvidas, o que marcou a história do semanário foi sua última edição. No dia 26 de outubro de 1917 o presidente do Brasil Venceslau Braz aderiu à Primeira Guerra Mundial, a partir dali, o país não mandaria apenas mantimentos e remédios, mandaria também os brasileiros para lutar.

A edição seguinte do periódico, que foi publicado no dia 03 de novembro, contou com um grande artigo sobre a entrada do Brasil na Guerra. Era um protesto explícito e corajoso para época. O artigo declarava:

Este gesto do Brasil declarando guerra à Alemanha, representa a consumação da mais imoral canalhice da quadrilha governamental organizada desde 1889 e reformada de 4 em 4 anos. [...] A quadrilha de malfeitores [...] viu agora esgotada todas as fontes de onde extrai fraudulentamente os recursos da nação. [...] Mas os quadrilheiros acharam que esta situação não podia continuar. Era lá possível que neste país não houvesse mais nada a roubar? [...] Pois bem: vender-se-ia esse povo. Mais tarde vender-se-á o território do país¹⁵⁵.

¹⁵² Brandão, Octavio. *A Mãe – Maximo Gorki*, *A Semana Social*, Maceió, nº 25, 27 de Outubro de 1917.

¹⁵³ BRANDÃO, Octavio. *O Caminho*. Maceió: Edufal, 2007, p. 17.

¹⁵⁴ IDEM, p. 17.

¹⁵⁵ CANELLAS, Antonio. *O atentado governamental contra a vida e sossego do povo: Bruscamente e*

Esta matéria gerou comoção geral, a burguesia alagoana ficou ensandecida, e parte do restante da população também, afinal o semanário dizia que os governantes queriam vender o povo brasileiro ao imperialismo. Segundo Octavio Brandão, após a publicação do artigo, uma multidão de empregados do comércio, estudantes etc, montando cerca de cinco mil pessoas, fizeram um comício na praça dos Martírios e, depois, saíram para a redação do periódico.

Milhares de patrioteiros, estudantes e empregados no comércio, instigados por agentes do imperialismo anglo-francês, realizaram um comício e uma passeata e dirigiram-se à redação do jornal. Gritavam furiosamente: - Matar Canelas "espião boche"! "quebrar as costelas de Octávio Brandão".¹⁵⁶

Em suas memórias, Octavio ressalta que tentou precaver Canellas sobre o risco de perseguições, e o levou para Viçosa, mas o tipógrafo logo decidiu voltar a Maceió, para sua redação. Quando o protesto chegou próximo à redação, Canellas descansava, e precisou ser acordado por uma vizinha que o escondeu. Neste episódio, a redação do jornal foi completamente destruída e Canellas teve que sair da cidade, e posteriormente, passou a morar em Recife, onde continuou a participar ativamente da vida política do país e a editar jornais operários.

Foi a primeira, de muitas vezes, que Octavio precisou ficar escondido. Ficou sumido por quinze dias. Ao voltar para Maceió, sob o protesto e preocupação da família com a situação que viria enfrentar, o jovem Octavio recebeu a notícia do triunfo da revolução russa. Esta notícia deixou a cabeça dele confusa, cheia de novas ideias. De qualquer forma as notícias chegavam com atrasos e de maneira confusa, mesmo assim, Octavio afirma, a notícia reforçou sua abnegação para a luta pela libertação dos trabalhadores: "Enchi-me de coragem moral. Já tinha renunciado a qualquer esforço pelo dinheiro, vaidades e honrarias. Tratei de adquirir sangue-frio, serenidade e *endurance* - a capacidade ilimitada de resistência"¹⁵⁷. Sua história de luta no campo da esquerda estava apenas começando.

2.3. O trabalho como professor e as batalhas intelectuais

A paixão pelas ciências naturais não parou na construção do seu estudo *Canais e Lagoas*. Enquanto esteve desaparecido, Octavio aproveitou para escrever o programa de um curso de história da filosofia, que foi publicado no jornal *A Plebe* em 1919.

contra a vontade quase unânime da nação, os dirigentes levam o país a guerra. IN: A Semana Social, 03 de Novembro de 1917, nº 26.

¹⁵⁶ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas:** Memórias. São Paulo: Alfa-ômega, 1978, p.114.

¹⁵⁷ IDEM, p. 115.

Na Quinta do Paraíso, com sarcasmo, escrevi o programa de um curso de história da filosofia, desde os hindus e os gregos até Büchner e Haeckel - para os bois, "os cristianíssimos bovinos" do engenho Boa Sorte, em Viçosa. Esse curso terminava glorificando a rebeldia e elevando uma apoteose à revolução.¹⁵⁸

O jovem Octavio passou a dar aulas. Levava seus alunos para fazer excursões pelas redondezas da cidade de Maceió, com o objetivo de conhecer com eles "direta, teórica e praticamente a *Natureza Viva*, investigar os minerais, os vegetais e os animais encontrados"¹⁵⁹. A partir deste método, ele pretendia "despertar nos alunos e alunas, a paixão pela ciência e a cultura, o amor à Pátria, à Humanidade e à Natureza- a verdadeira *trindade*"¹⁶⁰. Octavio lembra com muito orgulho de seus alunos:

Os alunos Olímpia Moura, Carlos Nogueira, Natalício Lopes de Farias e o poeta Faustino de Oliveira, com o pseudônimo de Aurélio Lemos, no *Jornal do Comércio* de Maceió, publicaram narrativas das excursões, cheias de entusiasmo, de amor ao estudo, ao Brasil e à Natureza.¹⁶¹

O jornal *O Caduceu*, de 1918, relata algumas das aulas ao ar livre promovidas por Octavio. O método adotado pelo jovem despertou curiosidade e suscitou elogios.

É profundamente vergonhoso que o compêndio de Historia Natural adotado nos nossos cursos superiores, seja de um francês (Langlebert) que desconhecia completamente a natureza brasileira, o que não merece censuras, mas sucedendo o mesmo ao tradutor que passou o livro para o português sem o ampliar na parte relativa ao Brasil.

De modo que estudamos e conhecemos muitos vegetais, animais e minerais europeus ou africanos e no entanto, raríssimos – brasileiros.

Por isso, ao tomar conta da cadeira de Historia Natural na Academia de Ciências Comerciais de Alagoas, Octávio Brandão procurou fazer um curso nacional, todo ele com aplicações ao nosso país, especialmente, o nosso Estado, cuja natureza ele, carinhosamente, tem estudado.

Assim é que domingo passado, 11 de Agosto, às 9 do dia, à rua de Santa Maria, diante da maioria dos seus alunos, teve lugar uma aula prática de Historia Natural Regional consistindo na apresentação e explicação dos numerosos espécies que constituem a <Coleção Dr. Alfredo Brandão>, assim batizada em homenagem ao tio, ao padrinho e pai espiritual de Octavio.[...] Octavio Brandão dissertou sobre perto de 200 espécies quase todos alagoanos; mostrou praticamente como o granito e o arenito evoluem; apresentou moedas antigas, velhas notas de dinheiro, uma escritura (de terras) com 210 anos, um dicionário da língua Bunda (sic), um pedaço de pau brandão; falou sobre os grandes naturalistas do passado – Hart, Plínio, Tournefort, Linneu, Darwin, Haeckel, Burchner – cujos retratos pendem das paredes da sua sala de estudos, como também os de Dante, Goethe, Euclides da Cunha, Anthero, Nietzsche, Schopenhauer, Comte, Descartes, Voltaire, Renan, Strauss, Zola, Reclus, Kropotkine e Bakunine. Enfim mostrou como o

¹⁵⁸ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, pp.114 e 115.

¹⁵⁹ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.100.

¹⁶⁰ IDEM, p.100.

¹⁶¹ LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo e ferro**. São Paulo: Brasiliense Ltda, 1957. 7 v. (Obras Completas de Monteiro Lobato), p. 01 e 02.

schema do seu livro pode aplicar-se não somente aos Canais e as Lagoas, como também a qualquer parte do Brasil ou do mundo.¹⁶²

As aulas de Octavio não expressavam apenas a tentativa de fazer seus alunos conhecerem a natureza alagoana. O jovem passava aos seus alunos os seus referenciais teóricos que transcendiam os limites do estudo das ciências naturais. Nietzsche teve grande influência na formação do jovem intelectual. Até o ano de 1919, a leitura e estudo da filosofia de Nietzsche era parte cotidiana da vida de Octavio. Prova disso é que é possível encontrar textos do jovem Octavio em diversos periódicos, nos quais ele cita e disserta sobre Nietzsche. Ainda sobre suas aulas, o Jornal *O Caduceu* afirma:

Depois de ler todos esses trabalhos, Octavio Brandão disse que o dia 25 de Agosto de 1918 era o 18º aniversário da morte de Frederico Nietzsche e por isso para, sob a verdura imortal da vegetação alagoana e sob a azulescência divina do céu tropical brasileiro comemorar o crepúsculo do grande Bárbaro, do grande Vidente, convinha dizer alguma coisa. Por isso leu: um seu estudo sobre a obra do visionário Super homem, um trabalho de José Ingegnieros fazendo um paralelo entre Nietzsche e o Cristo e o altíssimo capítulo “Antes de nascer o Sol” do celebre “Como falava Zaratustra”.¹⁶³

Além do conhecimento em ciências naturais e filosofia, artes também fazia parte de sua aula:

Finalmente, para coroar a romagem e terminar através da Estética a peregrinação iniciada com a botânica e ampliada com a mineralogia, a fisiografia, a geologia, a meteorologia, a poesia e filosofia, Octavio Brandão resolveu fazer uma visita ao notável coroplasta dr. Virgilio Guedes e outra ao grande pintor João Moreira e Silva. Era uma pequena mas carinhosa homenagem que o professor de Historia Natural e os seus alunos prestavam aos esplendores da inteligências dos dois patrícios que tanto horam a terra alagoana.¹⁶⁴

A arte de lecionar Octavio exerceu por muito tempo, neste período para seus alunos, convidados e amigos, anos depois para os operários de vários estados do Brasil, através de conferências em sindicatos e associações. Os assuntos não eram mais relacionados com ciências naturais, eram a mais abnegada tentativa de apresentar a possibilidade de modificação da vida dos trabalhadores, de convencê-los que o patrão era o inimigo e que se os trabalhadores são os responsáveis por fazer a riqueza do país, portanto, poderiam parar o país.

Ainda em 1917, a partir dos estudos da natureza alagoana e das aulas, abria-se um futuro brilhante ao jovem Octávio, a possibilidade de tornar-se um intelectual reconhecido e respeitado na área de geologia. Porém, Octavio renunciou a estas possibilidades quando passou a travar lutas em defesa da classe trabalhadora do Brasil.

¹⁶² **História Natural Aplicada ao Brasil.** IN: *O Caduceu*. Maceió, , Ano III, Nº 3, 18 de Agosto de 1918.

¹⁶³ **Uma peregrinação espiritual.** IN: *O Caduceu*, Maceió, Ano III, Nº 5, 01 de Setembro de 1918.

¹⁶⁴ IDEM.

2.4. A propaganda revolucionária e o primeiro exílio

Ainda em Maceió, em Janeiro de 1918, Brandão fundou a Sociedade dos Irreverentes, cujos membros eram operários e empregados do comércio. Funcionava nos fundos de sua farmácia e servia de espaço para discussão sobre os problemas sociais do estado e o ateísmo. Segundo Amaral, a Sociedade dos Irreverentes tinha como um dos objetivos principais combater o “misticismo” da população carente de Alagoas¹⁶⁵. Esta foi uma das primeiras experiências militante, de fato, junto aos trabalhadores.

Além da sociedade dos Irreverentes, Octavio declara que em 1918 auxiliou na "luta vitoriosa pela conquista do repouso semanal, aos domingos, para os práticos de farmácia de Maceió"¹⁶⁶. O jovem participou de reuniões de vários sindicatos e relembra:

Espalhei manifestos. Auxiliei a organização dos sindicatos. Contribuí para congregar operários das fábricas, os trabalhadores do porto de Jaraguá, os ferroviários da Great Western, os tecelões, os empregados no comércio e os pescadores. Sustentei as greves. Lancei as palavras de ordem: - Aumento dos salários! Dia de 8 horas de trabalho! Defesa das liberdades! Organização de sindicatos de resistências!¹⁶⁷

Além do movimento com os operários, Octavio não se conformava com a injustiça e a miséria que sofriam os trabalhadores rurais. Também em 1918, percorreu a região, chamada por ele de região dos canais e lagoas, e zonas do interior Alagoana. Tentou fazer, sem sucesso, propaganda para que os trabalhadores expropriassem as terras que trabalhavam. Logo percebeu que eram propagandas inúteis, já que os trabalhadores não a compreendiam.

Mesmo com o fim do periódico *A Semana Social*, Octavio não desistiu de escrever em jornais operários e sua vontade de mudar a sociedade traduzia-se cada vez mais em propaganda revolucionária. No jornal *O Povo*, a 2 de setembro de 1918, do tipógrafo e amigo Santa Cruz Lima, Octavio, sob o pseudônimo de Salomão Bombarda, publicou um texto, cujo objetivo era propagandear o socialismo que deveria chegar no Brasil.

No artigo **Sob o tremular do estandarte socialista**, Octavio trava uma discussão sobre o que seria o socialismo ligando, de forma ainda confusa pela insuficiência de seu referencial teórico, a algumas das concepções de Nietzsche. Vale ressaltar, que neste período, Octavio lia, ainda em francês, as obras deste teórico, dentre as quais *Assim falava Zaratustra*, *A origem da tragédia*, *Humano, demasiado Humano*, *Mais além do Bem e do Mal*, *A Gaia*

¹⁶⁵ AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma Memória Silenciada: Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917 - 1980)**. 2003. 351 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, p. 40.

¹⁶⁶ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 116.

¹⁶⁷ IDEM, p. 126.

*Ciência, Aurora, O Anti-Cristo, O Crepúsculo dos Idolos, O Viajante e sua Sombra, A Genealogia da Moral*¹⁶⁸.

Neste mesmo artigo, Octavio contrapõe Nietzsche a Engels. Octavio afirma sobre Engels: "Engels, um grande revolucionário, acabou mesmo afastando-se das teorias subversivas"¹⁶⁹. Sobre Nietzsche afirma: "Frederico Guilherme Nietzsche, esse maravilhoso profeta, estranha floração que brotou entre as neves teutônicas, é mais adepto das ideias socialistas do que geralmente se pensa"¹⁷⁰. Ainda sobre o socialismo em Nietzsche, Octávio declara:

O socialismo não se contenta com a sua liberdade, com a livre expansão dos seus bons instintos, com o desdobramento do seu EU sobre todo o universo, com o desenrolar do seu individualismo sobre todas as almas. Ele quer mais: Deseja que todos os outros homens, especialmente os pobres, os deserdados, isto é, os escravizados se individualizem, se libertem, e desdobrem as suas forças, os seus membros, as suas energias manifestas, comprimidas pelas vastas paragens mundiais. Aí está porque Palante conclui que o socialismo representa o individualismo (...) Aí está igualmente um profundo ponto de contato entre o socialismo e as teorias de dois geniais individualistas: Nietzsche e Stiner.¹⁷¹

Em suas memórias, Octavio afirma que, por um período, dispensou muita admiração a Nietzsche, principalmente no que diz respeito às poesias e ao lirismo. O filósofo acabou sendo uma das suas referências por um curto período, não só pelo lirismo, mas por suas posições teóricas também.

A declarada propaganda revolucionária não poderia passar despercebida na terra dos marechais, as Alagoas. O jovem passou a despertar a ira dos grandes proprietários rurais do estado. Os jornais, que antes se referiam a ele como promissor jovem intelectual, com um belíssimo futuro pela frente, passaram referir-se a ele como jovem maximalista, ou seja bolchevique.

Segundo Luiz Sávio de Almeida, o ano de 1918 teria sido "considerado como de intensa atividade do grupo anarquista em Maceió"¹⁷². Porém, ainda segundo Almeida, neste mesmo ano, houve um boicote da grande imprensa em termos de divulgação das lutas dos trabalhadores, pois são raras as referências às greves e outras atividades. Um pequeno grupo de jovens se apresentava como anarquistas e faziam propaganda revolucionária para os

¹⁶⁸ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978.

¹⁶⁹ IDEM.

¹⁷⁰ BOMBARDA, Salomão. **Sob o tremular do estandarte socialista**. IN: *O POVO*, Maceió, nº 4, 2 de setembro de 1918.

¹⁷¹ IDEM.

¹⁷² ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Crônicas Alagoanas**: Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas. 2. ed. Maceió: Edufal, 2013, p. 125.

trabalhadores em busca de melhores condições de vida, ou seja, a “libertação” destes, além disso, faziam a denúncia das eleições como fraude. Segundo Almeida¹⁷³, os principais nomes são Octavio Brandão, Pedro Codá, Olympio Santana, Canellas.

A propaganda feita pelos jovens se intensifica no ano de 1918, mesmo depois do episódio acontecido no ano anterior com o periódico *A Semana Social*. Mesmo não morando mais em Maceió, Canellas continua sendo uma importante figura na história do movimento de esquerda de Alagoas, porém agora combinado com sua vida política em Recife. Seu jornal *Tribuna do Povo*, durante todo o ano de 1918 apresenta artigos e análises sobre Alagoas, inclusive, sobre as greves locais que não apareciam na grande mídia.

Nos fins de 1918 uma ilustre figura do movimento anarquista nacional chegava deportado à Maceió, era José Oiticica. Segundo Almeida, “na ponte de desembarque, estava esperando-o uma espécie de comissão anarquista de boas vindas; José Oiticica chegava e era recebido por um movimento organizado”¹⁷⁴. A chegada do famoso anarquista causou tal comoção entre os intelectuais militantes, que mereceu nota de destaque no jornal *Tribuna do Povo* de Pernambuco.

Pelo pacote Olinda chegou a Alagoas no dia 15 o nosso incansável e ilustrado camarada dr. José Oiticica, um dos mais ardorosos militantes libertários do Brasil. Os nossos companheiros de Maceió fizeram-lhe recepção condigna, tendo ido recebê-lo na ponte de desembarque comissões de todas as organizações sindicalistas de Alagoas. Que seja bem vindo a estas terras de opressão e servilismo o grande aposto da liberdade e da rebeldia!¹⁷⁵

Octavio publicou o estudo *Um Evadido da Realidade*¹⁷⁶, no *Jornal do Comércio* de Maceió, a 1º de junho de 1918.

Nesse estudo, levantei vários problemas. Denunciei a miséria do povo. Condenei o sistema dos latifúndios. Preconizei a divisão das terras e sua entrega aos camponeses. Reivindiquei uma arte e literatura de conteúdo social e nacional. E fiz um apelo a 36 intelectuais de Alagoas. Entre eles, o poeta Jorge de Lima, o historiador Moreno Brandão, o esteta José Avelino Silva e o poeta Faustino de Oliveira. Solicitei-lhes que se inspirassem na

¹⁷³ ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Chrônicas Alagoanas**: Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas. 2. ed. Maceió: Edufal, 2013, p. 121.

¹⁷⁴ ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Chrônicas Alagoanas**: Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas. 2. ed. Maceió: Edufal, 2013, p.128.

¹⁷⁵ **Dr. José de Oiticica**. IN: *Tribuna do Povo*, Orgam da federação de resistencia das classes trabalhadores de Pernambuco, Recife, nº 28, ANNO I, 20 de Dezembro de 1918.

¹⁷⁶ Não encontramos o texto *Um Evadido da Realidade*, nos arquivos que consultamos, portanto, não foi possível um contato com o texto original. Por tratar-se de um estudo sobre arte moderna, no livro *Combates e Batalhas* Octavio dedica-lhe um grande espaço. Ele considera este documento como um precursor da Semana da Arte Moderna, tendo em vista, que faz um apelo a alguns pintores alagoanos, para que estes passem a fazer uma arte social e nacional, realista e regional, acreditamos que aqui pode ter uma sobrevalorização de Octávio Brandão do papel cumprido pelo estudo em questão.

Natureza brasileira, descrevessem a vida dos trabalhadores, narrassem os sofrimentos das multidões laboriosas.¹⁷⁷

Tratava-se de uma propaganda clara por divisão de terras, chegando a conclusão de que estas deveriam ser entregues aos trabalhadores rurais. Uma luta contra a miséria do povo alagoano. Nas Alagoas dos marechais, canaviais e engenhos, da riqueza concentrada nas mãos de pouquíssimos enquanto a grande maioria encontrava-se na mais profunda miséria, uma propaganda como esta não poderia continuar circulando de forma livre. O mesmo jovem que causara grande incômodo, em parceria com Antônio Canellas, acerca da participação da Guerra Mundial, agora tinha voltado sua luta para acabar com os grandes monopólios e oligarquias rurais do estado.

Mesmo em Recife, Antônio Canellas continua a escrever sobre Alagoas, seus governos, problemas sociais e políticos. O contato com Brandão permanece forte, inclusive a *Tribuna do Povo*, jornal editado por ele na capital pernambucana é distribuído em Maceió. Pelo contato forte, Canellas julga ser importante continuar travando debates no campo político e teórico. Por isso, sobre o apelo feito por Octavio em seu texto, Canellas afirma:

Esse apelo a ser aceito de verdade por aqueles a quem foi dirigido, representaria um grande passo no sentido da emancipação do povo alagoano e da exaltação da terra de Alagoas. Mas duvidamos que esse apelo seja ouvido. Quando muito – e por deferência ao seu autor – será ouvido superficialmente, porém nunca será ouvido DE VERDADE. Não vá nisto ofensa alguma aos literatos, poetas, jornalistas e políticos burgueses a quem Octávio Brandão dirigiu o seu apelo. Nós sabemos que todas essas personagens se adaptaram ao meio em que vivem (foi em virtude dessa adaptação que conquistaram as posições sociais que atualmente ocupam) e não são livres de tomar uma decisão contrária aos interesses desse meio – que a tal ponto teriam de chegar se fossem tomar a sério a obra da redenção do Homem e da Terra.

Os fins visados por Octavio Brandão estão fora de toda discussão, no tocante à sua natureza humanitária e ao seu alcance social. São fins que se impõem indiscutivelmente ao acatamento de todos os homens de boa vontade. Mas quanto aos MEIOS de se atingirem esses fins, julgamo-los ineficazes e os reputamos filhos da ingenuidade do seu autor quanto à ação do Estado. O escritor do CANAES E LAGOAS faz, no apelo em questão, uma ideia do Estado que fica muito aquém da realidade por ser demasiadamente otimista.¹⁷⁸

Canellas acusa Octavio Brandão de ingênuo, posto que no texto em questão, uma das hipóteses levantadas é o chamado para que os intelectuais contemporâneos das Alagoas entrem na luta junto a Octávio, com o intuito de fazer com que o Governo preste atenção às terras da região dos Canais e Lagoas e, assim, mandem cortar os mangues e aterrar os

¹⁷⁷ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 118.

¹⁷⁸ **Em torno de um apelo**, *Tribuna do Povo*, Recife, nº 12, ANNO I, 1 de Julho de 1918.

pântanos, desobstruir os rios, abrir estradas etc. A crítica de Antônio Canellas está centrada no fato de considerar o apelo inútil, tendo em vista que esta já seria uma das obrigações do governo e apelos não fariam o governo cumpri-las. Portanto, propõe:

E para que não se diga que só destruimos, sem nada construir, eis o que pensamos ser o meio eficaz de se conseguir a redenção do Homem e da Terra. Para a redenção da Terra, é preciso primeiro redimir o Homem que a habita. O problema da redenção do homem está, pois, em primeiro lugar. Para redimir o Homem o que é necessário? Nada mais nem menos do que uma profunda e vasta revolução que leve a uma *desagregação horrorosa* o amalgama jeito de sangue, miséria e injustiça que atualmente é conhecido sob o nome de Sociedade; uma Revolução que despedace as algemas que hoje prendem o povo à servidão. Que saneie a atmosfera empestada desta sociedade burguesa, que faça tabua rasa das convenções sociais que hoje nos infelicitam e dos costumes arcaicos ainda hoje reinantes; que disperse, enfim, o rebanho humano e o leve a novas organizações mais conformes com a Justiça e a Razão.

É inútil tentar-se fazer consertos no edifício burguês porque o seu defeito está na base (que é a propriedade privada) e portanto o melhor é pô-lo abaixo logo de uma vez. Que os timoratos se intimidem ante a perspectiva de tão grandiosas transformações; porém nada impedirá que elas se realizem, pois a humanidade caminha para elas como as águas da serra para o fundo do vale. E depois de redimido o Homem quando entre humanos não mais houverem divisões injustas nem tirania e todos forem irmãos uma mesma obra, a Terra se redimirá também, todos a reconhecendo como a mãe comum que de todos merece carinho porque a todos alimenta.¹⁷⁹

As críticas de Antônio Canellas ao texto de Octavio tem um fundo teórico. Na verdade, na concepção do jovem carioca, a verdadeira solução para a superação da miserabilidade do povo da região dos canais e lagoas seria uma completa mudança no sistema de sociabilidade, mudança esta que só poderia ser feita através de uma revolução, embora não fique muito claro em que base teórica e estratégica ele se apoie.

O chamado aos intelectuais, para Canellas, não deveria ser para juntar força e fazer pedido às autoridades para que solucionasse o problema do povo alagoano e nem muito menos para que estes comessem a fazer arte a partir de suas “alagoanidades”. Na verdade, para Canellas, o principal objetivo seria unir forças para, ao lado do povo que sofre diariamente a miséria imposta na região dos canais e lagoas, conseguir a verdadeira transformação social. Para Amaral, o que demonstra Octavio neste texto não é uma concepção de transformação social próxima ao socialismo científico.

Octavio Brandão demonstrava possuir uma concepção mais utópica do que científica de socialismo – se é que se pode fazer tal analogia – uma vez que ainda ignorava alguns conceitos fundamentais do pensamento marxiano, entre os quais, 'violência revolucionária' e 'luta de classes'. Talvez fosse por

¹⁷⁹ **Em torno de um apelo**, Tribuna do Povo, Recife, nº 12, ANNO I, 1 de Julho de 1918.

essa razão que advogasse como *conditio sine qua non* para o êxito do processo revolucionário a procura incessante 'pelo amor e pelo direito de todos os grandes, de todos os poderosos para a beleza transcendente do altruísmo. Porque se elas não diminuïrem a ambição que as devora, a Revolução será fatal (...)'.¹⁸⁰

Apesar das críticas, não há um distanciamento entre Canellas e Octavio neste período. No jornal *Tribuna do Povo* de Pernambuco, é possível encontrar diversas referências a Brandão, assim como textos assinados por ele, sob o pseudônimo de Salomão Bombarda. Além disso, como já mencionamos, várias são as notícias encontradas no periódico sobre Alagoas, inclusive, sobre as lutas e greves dos trabalhadores do estado. Acreditamos que é possível que Octavio faça parte desta rede de informações sobre o cotidiano do trabalhador alagoano passado para o periódico pernambucano.

2.5. O complô Maximalista

As piores críticas recebidas por Octavio quanto a suas publicações não vieram de Canellas. Brandão passou a ser criticado nos maiores jornais da cidade de Maceió, o que, tendo em vista o fato de que os textos de Octavio voltavam os holofotes para as grandes oligarquias rurais do estado, não nos causa estranhamento. Segundo Octavio, as críticas chamaram a atenção da polícia contra o jovem¹⁸¹. No *Jornal de Alagoas*, encontramos diversos artigos de resposta e/ou polêmica às declarações de Octavio sobre os mais diversos temas, tanto os que diziam respeito ao *Um Evadido da Realidade*, quanto a outras posições como acerca das questões do nacionalismo e da revolução russa.

Na edição do dia 18 de Julho de 1919, encontramos um artigo chamado *Nacionalismo*, diretamente voltado à discussão travada por Octavio Brandão. Apesar de ter opinião divergente do jovem Octavio, o jornalista ressalta: "Em Octavio Brandão percebo a alma de um solitário remoto e lhe admiro o singular desdém, o desapego estranho pelo convencionalismo social, contra o qual ele opõem as energias de seus aventureiros surtos altruísticos".¹⁸²

As críticas a Octavio não pararam por aí. Ainda no *Jornal de Alagoas*, no ano de 1918, mais cinco edições mereceram textos direcionados diretamente ao jovem intelectual. Ainda

¹⁸⁰ AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma Memória Silenciada: Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917 - 1980)**. 2003. 351 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, p. 45.

¹⁸¹ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, 124.

¹⁸² CAVALCANTI, Povias. **Nacionalismo**. IN: *Jornal de Alagoas*, nº: 157, 18 de Julho de 1918.

sobre os assuntos publicados no estudo de Octavio, as edições de número 160 e 166, dos dias 21 e 28 de Julho, respectivamente, contaram com novos artigos de Povias Cavalcanti respondendo às críticas feitas pelo jovem.

No mês seguinte, a discussão era com outro jornalista, o sr. A. de Albuquerque, e o tema era a luta pelo socialismo. O artigo que nos chama mais atenção é denominado **Tiro de misericórdia**, publicado no dia 7 de agosto de 1918. Neste artigo, o jornalista trava uma batalha contra a ideia de socialismo defendido por Octavio, declarando

O meu caso é simples e muito claro. O sr. Octavio Brandão publicou uma crítica ou apelo ao manifesto socialista (...) ofendeu a justiça e desprezou as leis de coerência.

Com o mesmo direito com que o sr. Octavio exercitou as suas críticas chamando a sociedade e a política de "prostitutas" (...), eu também lhe critiquei os escritos, os manifestos.¹⁸³

No meio de toda esta polêmica pública, Octavio relembra que recebeu cartas do tio Alfredo Brandão, que estava no Rio de Janeiro. Elas "eram cruéis e ofensivas. Atacavam tremendamente as ideias socialistas e 'Um Evadido da Realidade'"¹⁸⁴. Muito embora, o jovem sentisse muita tristeza ao ler as cartas do tio, permanecia irredutível na luta por seus ideais.

Em 1919 a campanha contra o "maximalismo" e qualquer propaganda considerada revolucionária aumentou. No ano de 1919, em Alagoas, o governador do estado, Fernandes Lima, deu início a um forte movimento de repressão contra o movimento operário. Segundo Amaral, "o governo mandou invadir e fechar sindicatos, além de efetuar inúmeras prisões de seus membros"¹⁸⁵.

Luiz Sávio de Almeida acredita que o que aconteceu pode ser chamado de "complô maximalista", tendo a polícia ficado preparada para qualquer oportunidade sob a qual pudesse justificar este "complô".

Fernandes Lima, quando assumiu o governo colocou Manoel Buarque de Gusmão como 1º Comissário e Carlos Povina Cavalcanti iria ser o 2º. A Farmácia Pasteur, propriedade de Octávio Brandão, era um dos centros anarquistas, ficava na área do 1º Comissariado. As regiões do Jaraguá e Pajuçara estavam no 2º Comissariado.¹⁸⁶

Como é possível perceber, Octavio e seus companheiros foram vigiados durante um

¹⁸³ ALBUQUERQUE, A. de. **Tiro de misericórdia**. IN: Jornal de Alagoas, nº: 174, 07 de Agosto de 1918.

¹⁸⁴ BRANDÃO, Octávio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 119.

¹⁸⁵ AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma Memória Silenciada: Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octavio Brandão (1917 - 1980)**. 2003. 351 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, p. 46.

¹⁸⁶ ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Crônicas Alagoanas: Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas**. 2. ed. Maceió: Edufal, 2013, p.128.

bom tempo, não poderia ser surpreendente que logo viesse sua prisão. Segundo Almeida, o primeiro a ser preso é o senhor Rosalvo Guedes, empregado do comércio e ativo militante, depois de ser acusado de ter a responsabilidade por uma panfletagem ocorrida na porta do Teatro Deodoro, cujo teor seria propaganda “maximalista”.

No entanto, a própria polícia vai afirmar, dias depois, que teria encontrado uma carta com Rosalvo Guedes, na qual afirmava-se que os anarquistas nada teriam a ver com a panfletagem em questão. Mesmo assim, no dia 13 de março de 1919, por prestarem solidariedade ao seu companheiro Rosalvo Guedes, Octavio Brandão e Pedro Codá são presos.

Vão ser presos em seguida, Olympio Santana, Gracindo Silva e Lisboa Júnior. Havia sido descoberto pela polícia um aparelho anarquista, ou pelo menos se fazia crer a queda do grupo. A Polícia faz alarde de ter descoberto uma célula maximalista: o Conselho (a) S: G-Ganganelli. Seus componentes eram Jonas Medeiros, Odilon Lira, Pedro Codá, Olympio Santana, Abdoinack Fonseca, Cleodon Mendes, Gracindo Silva, Lisboa Júnior, Rosalvo Guedes e João Domingos. Dizia a polícia ter encontrado com Octavio Brandão, para ser distribuído, o programa socialista-anarquista de Malatesta; além disso, encontrou 14 tiras de papel amarelo contendo uma conferência de José Oiticica, que deveria ser realizada em uma reunião maximalista.¹⁸⁷

Na imprensa, logo após a prisão de Octavio, teve início uma longa campanha sobre os "maximalistas". Apenas dois dias após a prisão de Octavio, o *Jornal de Alagoas*, publicou um texto sob título de **O Maximalismo em ação: Documentos importantes**, no qual alegava a existência de documentos que demonstrariam a ligação dos jovens intelectuais de Alagoas ao movimento nacional, mas especificamente ao anarquismo. Ao fim do texto, cita a prisão dos jovens: "Foram detidos ontem o russo Isaac Benroli e os brasileiros Pedro Codá e Octavio Brandão para diligências. E as diligências prosseguem"¹⁸⁸.

No dia seguinte, o texto foi dedicado exclusivamente ao Octavio Brandão, já no título dizia: **Maximalismo em ação: A posição de um farmacêutico**. O artigo centrava na tentativa de provar a ligação de Octavio com o movimento nacional, ao bolchevismo e ao anarquismo.

Não precisará, por hora, prova melhor que pregam *folheto socialismo querem a derrocada das instituições e da sociedade*, conforme dissemos na edição do 15, do que os princípios por eles adotados propagados pelo PROGRAMA SOCIALISTA ANARQUISTA REVOLUCIONÁRIO de Malatesta, que em folhetos foram encontrados em poder de alguns dos

¹⁸⁷ ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Crônicas Alagoanas**: Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas. 2. ed. Maceió: Edufal, 2013, p. 132.

¹⁸⁸ **O Maximalismo**. IN: *Jornal de Alagoas*, Maceió, nº: 68, 28 de Março de 1919.

detidos.¹⁸⁹

Após alguns dias na prisão, Octavio conseguiu a liberdade, depois que, segundo Amaral, seu "tio Manoel Brandão pagou uma quantia de cinco mil réis de fiança"¹⁹⁰. Mesmo em liberdade a situação do jovem não era das melhores. Na terra dos marechais a perseguição colocava em risco a sua vida.

O secretário do Interior de Alagoas - Manoel Moreira e Silva - depois de mandar encarcerar-me, avisou a meus parentes que, se eu continuasse com as mesmas ideias, seria preso novamente e sairia debaixo de facão. Além disto, afirmou categoricamente - "Não me responsabilizo pela vida de Octávio Brandão!"¹⁹¹

A ameaça era clara e a solução única: deixar a terra natal. Octavio relata que preparou três tentativas de fugas. Para a família materna, o jovem não deveria partir, deveria tornar-se um rapaz sem ideias revolucionárias, um rapaz dito normal. Mas essa perspectiva estava fora de cogitação para Octavio.

Por isso, deixou Alagoas no dia 18 de maio de 1919, embarcando em um navio no porto de Jaraguá, usando o nome Octávio de Melo Rego. Lembra com sentimentos dos anos que passou longe de Alagoas: "Durante 41 anos, perdi a imensa doçura nostálgica do Nordeste e guardei no coração a dor mais profunda - dor de não poder voltar à terra natal!"¹⁹² Só em 1960 Octavio pode voltar à Alagoas.

2.6. Breves conclusões

Os primeiros anos de militância de Octávio Brandão foram muito intensos. Na terra dos marechais do açúcar, o jovem naturalista de apenas 19 anos, defendeu a divisão de terras, melhores condições de vida e trabalho para os trabalhadores e povo pobre, além disso, criticou os grandes capitalistas brasileiros que estavam lucrando com a guerra, enquanto o povo estava à míngua.

Ainda em Alagoas foi preso pela primeira vez, por conta de seus ideais e ainda com menos de vinte anos foi obrigado a exilar-se de sua terra natal. A influência de Nietzsche é evidente em seus textos durante este período. O jovem reivindica as formulações sociais do

¹⁸⁹ **Maximalismo em ação: Documentos importantes.** IN: Jornal de Alagoas, Maceió, nº: 57, 14 de Março de 1919.

¹⁹⁰ AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma Memória Silenciada: Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917 - 1980).** 2003. 351 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, p. 47.

¹⁹¹ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias.** São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 132.

¹⁹² IDEM, p. 133.

intelectual. Acreditamos que tanto algumas formulações sobre sociedade quanto algumas sobre moral, combinada com o contato com a miséria do povo alagoano, contribuíram para que Octavio mergulhasse ainda mais na vida militante, rompendo de vez com a religião e a família. Ao longo da sua trajetória, o contato com outros intelectuais faz com que a admiração que Octavio tinha por Nietzsche seja rompida e fique cada vez mais no passado.

CAPÍTULO 3: A vida no Rio de Janeiro e o Anarquismo

Não nego que, fora do pensamento livre se possa ser grande.

Mas afirmo que se fica maior dentro do pensamento libertário.¹⁹³

Neste capítulo trataremos da chegada do Octavio Brandão ao Rio de Janeiro, seu contato de perto com outros intelectuais, outras leituras, a aproximação maior com o anarquismo e a posterior entrada no Partido Comunista do Brasil.

Para tanto, torna-se necessário fazer um rápido panorama da vida política e intelectual do país e as correntes que atuavam neste período que, mesmo diante do recrudescimento da repressão tiveram grande importância. Desta forma, faremos uma análise sobre as posições políticas e intelectuais de Octavio Brandão com base nos textos publicados por ele em jornais da época, nos quais Octavio deixa suas posições bem claras e tenta, assim, convencer mais trabalhadores quanto a seus ideais.

3.1. A vida política brasileira

Falar sobre a formação intelectual e política de qualquer intelectual de esquerda no início do século XX é uma tarefa complexa. Primeiro porque se trata de um período em que há pouca clareza teórica. Segundo porque é também um período em que as ideias e movimentações são tratadas como de predominância meramente anarquistas. É tanto que o volume de trabalho que a historiografia sobre o movimento operário dedica a temas ligados às experiências anarquistas é muito grande.

De forma geral, cria-se a imagem de que o movimento operário na Primeira República é sinônimo de movimento anarquista. Porém, em nossa opinião, não é possível considerar todos os militantes que lutavam pelos direitos dos trabalhadores e por uma sociedade diferente como anarquistas naquele momento. A historiografia social do trabalho, nos últimos anos contribuiu para esta revisão do período.

Os anos de 1917 e 1919 foram de grande efervescência política no Brasil e no mundo. Como já citamos no capítulo anterior, em 1917 o Brasil presenciou uma greve geral que paralisou grandes centros urbanos, como São Paulo, durante dias. No mundo, corriam notícias

¹⁹³ BRANDÃO, Octavio. **Folhas Esparsas**. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1922.

da revolução proletária vitoriosa na Rússia. Mesmo que as informações fossem escassas, isto agitou os movimentos dos trabalhadores no Brasil.

O ano de 1919 conta também com muitas lutas e greves organizadas pelos movimentos dos trabalhadores. Segundo Edilene Toledo, é neste ano que o movimento operário brasileiro entra na sua fase mais intensa, ainda com características parecidas com as greves e mobilizações que aconteceram em 1917. As reivindicações continuam sendo as mesmas de 1917, giram em torno da luta por direitos trabalhistas e melhores condições de vida. Mas, para Edilene Toledo, as greves de 1917 e 1919 demonstram algo mais profundo:

As greves de 1917-19 ocorreram, na verdade, em virtude da organização dos próprios trabalhadores, mas contaram com a participação de líderes sindicalistas, anarquistas, socialistas e também de grupos democratas descontentes com a situação do país. Verdadeiras multidões saíram às ruas para protestar e reivindicar. Manifestações quase diárias ocorreram no Rio de Janeiro e em São Paulo, contra o alto custo da vida, o trabalho de mulheres e crianças e outros tantos problemas que afligiam a vida dos trabalhadores.¹⁹⁴

Entretanto, a repressão policial às manifestações e greves foi muito forte. Ainda segundo Edilene Toledo, muitos trabalhadores e intelectuais foram presos sobre a acusação de anarquismo ou maximalismo (que, naquele momento, era sinônimo de bolchevismo), e muitos trabalhadores estrangeiros foram deportados.

As prisões se encheram de trabalhadores real ou supostamente anarquistas, as organizações dos trabalhadores foram impedidas de funcionar, suas casas foram invadidas, reuniões foram interrompidas com violência. Os resultados das ações foram parciais, tanto no Rio como em São Paulo, pois não destruiu as organizações dos trabalhadores por completo. O Estado brasileiro e os empresários, porém continuavam apostando na repressão, e não nas reformas, para resolver questões sociais. Os esforços das autoridades públicas foram no sentido de esmagar a crescente organização operária e suas ligas, sindicatos e federações. As prisões foram inúmeras e muitos estrangeiros anarquistas, socialistas e outros foram deportados, particularmente em São Paulo. Também em São Paulo, os movimentos custaram a vida de muitos trabalhadores, talvez duzentos, segundo dados da época.¹⁹⁵

Foi neste período que Octávio Brandão foi preso pela segunda vez, já enquanto morava no Rio de Janeiro. Mas, apesar dos esforços do governo, o movimento continuou. Segundo Brandão, a repressão tinha um motivo: barrar o avanço do movimento dos trabalhadores.

¹⁹⁴ TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org.). **A FORMAÇÃO DAS TRADIÇÕES (1889 - 1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 54-100, p. 79.

¹⁹⁵ IDEM, p. 80 e 81.

A notícia da revolução socialista na Rússia provocou, no Brasil, o ódio bestial, o pânico e o estupor no seio dos grupos imperialista, dos latifundiários e da grande burguesia, com seus jornalistas e intelectuais. Desencadearam campanhas furiosas de calúnias e falsificações contra a revolução e os bolchevistas, que eles chamavam *maximalistas*. Encheram os jornais com os "telegramas de Riga", isto é, com torpezas fabricadas pelas agências da contra-revolução internacional. Exigiram medidas terroristas contra os movimentos dos operários avançados e intelectuais progressistas do Brasil.¹⁹⁶

Neste período há um fortalecimento da concepção sindicalista, mais que nos movimentos dos anos anteriores. Mas não é apenas o sindicalismo que se fortalece. Segundo Edilene Toledo¹⁹⁷, cresce nos trabalhadores e intelectuais da época o sentimento da necessidade de organização, seja em ligas, sindicatos ou partidos políticos.

As greves ocorridas nos anos de 1917 e 1919 são analisadas por parte da historiografia como um todo anarquistas ou anarcossindicalistas. Entretanto, consideramos que existiam diversas correntes políticas atuando no movimento dos trabalhadores, algumas mais próximas do anarquismo, outras ainda mais próximas do reformismo.

Além do mais, não é possível enquadrar de forma dogmática os militantes daquele período, pois, como já discutimos anteriormente, os livros teóricos existentes no Brasil até aquele momento eram muito escassos. Pouco se tinha traduzido e muito menos produzido. O *Manifesto do Partido Comunista* de Engels e Marx vai ser traduzido, pelo próprio Octavio Brandão, somente em 1924.

As informações que exerciam influência sobre os trabalhadores brasileiros eram as relativas à vitória da Revolução Russa. E como as informações eram escassas, por algum tempo os próprios anarquistas brasileiros reivindicaram completamente a revolução russa, apesar de sabermos que na União Soviética havia uma luta política contra alguns anarquistas que discordavam da forma de organização do estado soviético pós-revolução. Por isso, para nós, seria anacrônico, ainda, considerar os militantes da época anarquistas baseados no anarquismo que conhecemos atualmente. Ou socialistas baseado nos estudos marxistas que existem hoje. Estas concepções devem se analisadas de acordo com os próprios termos do período.

Segundo Carone¹⁹⁸, a burguesia e parte da população letrada conhece bem o francês e grande parte da leitura realizada são das publicações nesta língua. Mas essa realidade ainda

¹⁹⁶ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 165 e 166.

¹⁹⁷ IDEM.

¹⁹⁸ CARONE, Edgar. O Marxismo no Brasil - Das origens a 1964. In: SECCO, Lincoln; DEAECTO, Marisa Midori (Org.). **Leituras marxistas e outros estudos**. São Paulo: Xamã, 2004. p. 17-74.

estaria longe dos trabalhadores brasileiros, tendo em vista que o nível de analfabetismo no Brasil do início do século é alarmante.

Tiago Bernardon Oliveira afirma que no movimento operário da Primeira República brasileira coexistiram diversas tendências ideológicas, "de forma geral, até 1930 podemos encontrar tendências mutualistas, socialistas, anarquistas e comunistas, e em cada uma dessas orientações há distinções importantes a serem consideradas"¹⁹⁹.

Nesta pesquisa cabe, para nós, analisar as três principais correntes ideológicas que coexistiram no movimento dos trabalhadores no início do século, quais sejam: os anarquistas, socialistas e os sindicalistas revolucionários. A diferença entre estas tendências, por vezes, torna-se confusa, portanto, propomos uma análise mais voltada às práticas dos grupos, construídas estrutural e circunstancialmente, para não cairmos em comparações e definições estanques.

Estas tendências ideológicas tinha um objetivo comum: a transformação da sociedade capitalista. As grandes diferenças que as afastavam eram os meios escolhidos para chegar aos objetivos. Os socialistas, ao contrário dos anarquistas, considerados mais radicais, acreditavam que a luta deveria ser travada no campo das instituições políticas que já existiam na sociedade. Segundo Oliveira, os socialistas brasileiros do início do século preferiam a organização dos trabalhadores e operários dentro das estruturas organizativas como ligas e uniões de associações. Além disso,

Para os socialistas brasileiros, de forma geral, "Revolução" seria o estágio final de um processo evolutivo, inevitável e quase natural, no qual lhes era reservada a função de um "preparar o povo para receber a transformação social e não estorvar a marcha do progresso". Fazia parte dessa preparação à revolução a conquista de direitos para os trabalhadores, sobretudo sob forma de leis barganhadas e garantidas pelas instituições políticas, ainda que burguesas. Enquanto o termo "reformista" causa ainda hoje "calafrios" em muita gente que o considera uma ofensa, ele era abertamente aceito por muitos militantes da época, como justificativa para manter viva a propaganda em condições tidas como adversas.²⁰⁰

Existia ainda, segundo Oliveira, o grupo dos "colaboracionistas", que muitas vezes confundiam-se com os socialistas, apesar de existir distinções grandes entre eles. Para o pesquisador, os colaboracionistas eram "os grupos que foram organizados com objetivos oportunistas expressos (ainda que negados verbalmente pelos elementos envolvidos) de apoiar

¹⁹⁹ OLIVEIRA, Tiago Bernardon. **Mobilização operária na República excludente**: Um estudo comparativo entre o Estado e movimento operário nos casos de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul nas duas primeiras décadas do século XX. 2003. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003, p. 74.

²⁰⁰ IDEM, p.75 e 76.

ou favorecer políticos, governos ou mesmos industriais"²⁰¹.

A grande diferença entre estes e os socialistas é que não era objetivo nem de longe dos socialistas a colaboração com os governos ou com a burguesia. Por mais que os métodos utilizados estivessem dentro dos marcos da democracia burguesa, tendo em vista que se apoiavam nas instituições existentes, os socialistas tinham como seu norte a criação de uma nova forma de sociabilidade.

Já os colaboracionistas, segundo Oliveira, apenas objetivavam "algumas alterações que propiciassem a melhoria de condições de vida e de trabalho dos operários, sem questionar a estrutura social vigente, ou apenas tirar proveito ou beneficiar políticos e empresários"²⁰². Este grupo era combatido com muita força pelos anarquistas:

A oposição a esse grupo, por parte dos anarquistas, era intensa. A sua forma de influenciar e organizar o proletariado era vista como perniciosa e desmobilizadora pelos libertários, que rotulavam esse grupo de "amarelos" ou "pelegos", tanto por sua relação direta com grupos ou pessoas que usavam o proletariado para seu benefício exclusivo, como pela sua visão corporativista, sem ter em consideração uma visão mais abrangente do conjunto da sociedade e do capitalismo.²⁰³

Quanto ao anarquismo e ao sindicalismo revolucionário, cabe, nesta pesquisa, uma atenção especial, por serem as correntes das quais Octavio Brandão mais se aproximava até sua entrada no Partido Comunista Brasileiro, no final de 1922. O anarquismo era a corrente predominante no Brasil.

O termo "anarquia" é de origem grega e significa ausência de qualquer poder. E sempre que se faz menção ao anarquismo logo pensamos em destruição do capitalismo com a passagem direta a uma sociedade sem "patrões". Portanto, segundo Preobrazhenski os anarquistas seriam um grupo de "pessoas que aspiram a um regime social no qual não haja nenhum tipo de poder ou imposição no qual deve reinar a liberdade absoluta"²⁰⁴. Aqui no Brasil, o anarquismo, na verdade confundia-se com o sindicalismo revolucionário.

Aqui cabe uma ressalva: no Brasil de 1917-1919 as reivindicações de todas essas correntes intelectuais do movimento operário, sejam anarquistas ou socialistas, estavam ligadas muito mais ao esforço da democratização do país e garantias de direitos básicos do

²⁰¹ OLIVEIRA, Tiago Bernardon. **Mobilização operária na República excludente**: Um estudo comparativo entre o Estado e movimento operário nos casos de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul nas duas primeiras décadas do século XX. 2003. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003, p.76.

²⁰² IDEM, p.77.

²⁰³ IDEM, p.77.

²⁰⁴ PREOBRAZHENSKI, Evgheni. **Anarquismo e Comunismo**. São Paulo: Sundermann, 2013, p.17.

que a ruptura total com a sociabilidade. Ou seja, o esforço era para garantir, no mínimo, a possibilidade de existir um movimento e organização dos trabalhadores que pudessem ser reconhecidos como um elemento legítimo da sociedade.

Assim como outras ideias que circularam pelo mundo a fora, a imagem de uma sociedade de livres e iguais, em que o Estado, as Igrejas e o capitalismo tivessem desaparecido, povoou corações e mentes também no Brasil, entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Eram professores, médicos, advogados, mas também muitos operários que viram no anarquismo uma possibilidade efetiva de transformação de si mesmos e da sociedade em que viviam.²⁰⁵

Neste período, alguns teóricos costumam chamar o movimento dos trabalhadores de anarcossindicalista, tendo em vista a orientação dos operários e intelectuais que se identificavam com o anarquismo, de construir organizações e sindicatos dos trabalhadores. Apesar desta denominação e influência, Toledo²⁰⁶ afirma que o movimento operário brasileiro “foi muito mais sindicalista revolucionário do que anarquista”. E prossegue afirmando ser equivocado incorporar o sindicalismo revolucionário ao anarquismo, com o nome de anarcossindicalismo, posto que são movimentos diferentes.

Entre tantas diferenças, o sindicalismo revolucionário considerava que “os sindicatos não deveriam ser nem anarquistas, nem socialistas e nem de outra tendência, mas simplesmente operários”²⁰⁷, ou seja, pregavam uma independência do sindicalismo tanto ao socialismo como ao anarquismo.

Já os anarquistas, por sua vez, desejavam uma transformação completa da sociedade e acreditavam que sua tarefa seria transformar o homem e “convencê-los, despertar-lhes a vontade criadora e transformadora (...) e só a instrução poderia ser o caminho da conversão”²⁰⁸. Por isso, apostavam bastante na imprensa operária, pois esta seria o instrumento de maior e melhor alcance para a educação dos operários brasileiros.

Para Tiago Bernardon²⁰⁹, na verdade, o sindicalismo revolucionário não poderia ser considerado como uma corrente política em si, pois se tratava de uma das táticas adotadas pelos anarquistas do início do século, tendo em vista que seria uma forma de organizar

²⁰⁵ TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org.). **A FORMAÇÃO DAS TRADIÇÕES (1889 - 1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 54-100, p. 56.

²⁰⁶ TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e sindicalismo revolucionário**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 12

²⁰⁷ IDEM, p. 49.

²⁰⁸ IDEM, p. 43.

²⁰⁹ OLIVEIRA, Tiago Bernardon. **Anarquismo, Sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)**. 2009. 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1142.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

trabalhadores para combater com mais força os seus adversários, ou seja, o governo e os patrões. Ainda segundo Tiago Bernardon:

A aproximação deliberada dos militantes anarquistas do Brasil com os sindicatos se deu em meio a um contexto internacional, em que se tentou, a partir das experiências de lutas dos trabalhadores operários urbanos europeus do século XIX, dar novos contornos táticos e estratégicos, que permitissem a difusão dos ideais libertários concomitantemente ao exercício prático da organização e da mobilização reivindicatória. Essa aproximação se deu sob a influência direta do chamado sindicalismo revolucionário, cujos contornos se delineavam nos debates em torno da Confederação Geral do Trabalho francesa, desde os anos 1890, e se consolidaram na Carta de Amiens, de 1906, até serem euforicamente apresentados por Pierre Monatte, no ano seguinte, no Congresso Anarquista de Amsterdam.²¹⁰

Neste sentido, temos acordo com Tiago Bernardon. A própria trajetória de Octavio Brandão demonstra isso. A atuação em sindicatos era um instrumento que estava submetido a um objetivo maior. Para os anarquistas brasileiros, o sindicalismo era um meio imprescindível para a ação, ou seja, o sindicalismo não bastava em si mesmo.

Aos olhos dos militantes que pretendiam revolucionar a estrutura social, era preciso um insistente trabalho de militância para que as ações de trabalhadores pudessem resultar em ações revolucionárias. Por mais que se atribua ao anarquismo a crença quase dogmática na espontaneidade revolucionária das massas, que sabiam, quase que por instinto, provocar e promover efetivamente uma revolução, na realidade, os anarquistas, quando falavam em espontaneísmo, na maioria das vezes o faziam em uma perspectiva relativa, pois sabiam da necessidade constante de organização, propaganda e educação das massas para a promoção de práticas revolucionárias. Isso se torna mais evidente a partir dos debates em torno das formas de organização para a catalisação da ação direta, em especial da validade do sindicato como instrumento de luta rumo à anarquia. Afinal, o reconhecimento do sindicato como forma de organização não foi algo imediato, tampouco contou com a adesão de todos os grupos e militantes que se diziam anarquistas. Na história do anarquismo e do movimento operário, houve muita discussão em torno da funcionalidade do sindicato para os propósitos almejados por seu ideal. A ação direta se tornaria o principal meio que colocaria em evidência os propósitos da militância anarquista, constituindo-se na principal ferramenta política a contribuir para a proliferação de sindicatos e da relativa força que o movimento operário atingiria no Brasil da Primeira República.²¹¹

No Brasil, o movimento anarquista, segundo Toledo, tinha a função de difundir ideias libertárias para toda a sociedade. A denúncia das condições de vida e exploração dos

²¹⁰ OLIVEIRA, Tiago Bernardon. **PARA ALÉM DO SINDICALISMO: NOVOS INSTRUMENTOS E ALIADOS PARA A REVOLUÇÃO ANARQUISTA NO BRASIL (1917-1922)**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH, 26., 2011, São Paulo. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308190543_ARQUIVO_TiagoBernardondeOliveira-ANPUH2011-ParaalemDOSindicalismo-novosinstrumentosealiadosparaumarevolucaoanarquistanoBrasil.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2014.

²¹¹ OLIVEIRA, Tiago Bernardon. **Anarquismo, Sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)**. 2009. 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009, p.49.

trabalhadores e trabalhadoras nas fábricas das cidades, denúncia do Estado e da dominação do cristianismo, seus dogmas e moral. Tudo isso sob um objetivo principal: educar os trabalhadores para emancipar a humanidade. Afinal, somente um intenso trabalho de propaganda poderia "constituir esse grupo e preparar as bases de sustentação no momento do confronto"²¹². Por isso:

A educação ocupava um lugar central para os anarquistas, pois defendiam a ideia de que só a educação garantiria o êxito da revolução social, já que tinha a função de tornar possível o acesso à consciência revolucionária, o autodidatismo popular tinha lugar de destaque nos discursos anarquistas.²¹³

Um dos princípios do anarquismo é o repúdio à ideia de representação política, seja no parlamento ou fora dele. Por isso, segundo Oliveira, os anarquistas procuravam organizar os sindicatos onde atuavam de forma que evitassem processos de burocratização e criação de dirigentes profissionais completamente afastados da base. Desta forma, adotavam "medidas que garantissem uma rotatividade frequente dos cargos de direção (sempre não remunerados) e a inexistência da figura de um presidente"²¹⁴.

Apesar da grande ofensiva repressiva do governo em respostas a vitória da Revolução Russa e aos movimentos grevistas que tomaram o país em 1919, segundo Evaristo de Moraes Filho, neste ano são fundadas diversas Ligas Comunistas, "culminando com a criação do partido Comunista, mas de índole anarquista"²¹⁵.

Portanto, diante do contexto das grandes mobilizações que vinham em curso desde 1917, é sob a influência das notícias da Revolução Russa que em 1919 é criado no Rio de Janeiro o Partido Comunista do Brasil.

O Partido Comunista do Brasil foi um grupo político formado pelos militantes da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, que estavam sob a influência da Revolução Russa, em março de 1919. Criado no Rio de Janeiro, mas pretendendo ter uma abrangência nacional, recebeu a adesão de associações operárias de diversas regiões do país. Organizou manifestações, editou o jornal Spartacus e patrocinou uma Conferência Comunista na Capital Federal, com a participação de representantes de sete estados. Apesar

²¹² OLIVEIRA, Tiago Bernardon. **Anarquismo, Sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)**. 2009. 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1142.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2014, p.80.

²¹³ MARQUES, Carlos. A Imprensa Libertária: jornalismo operário e resistência anarquista na primeira década do Século XX. **Antíteses**, Londrina, v. 5, n. 10, p.855-864, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/9680/12139>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

²¹⁴ OLIVEIRA, Tiago Bernardon. **Anarquismo, Sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)**. 2009. 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1142.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2014, p.80.

²¹⁵ MORAES FILHO, Evaristo de. A Proto-História do Marxismo no Brasil. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et al. **História do Marxismo no Brasil: O impacto das Revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 15-46. (Volume I), p. 41.

destas tentativas de organização, as referências ao partido vão desaparecendo durante o ano de 1920, em meio à repressão ao movimento operário brasileiro e às divergências em torno das novas ideias que vinham da Rússia dos Soviets.²¹⁶

Sua formação é bastante ampla, chamava anarquistas, socialistas e quem estivesse disposto a construir uma sociedade comunista. A ideia de inspirar-se no exemplo russo predomina na cabeça dos revolucionários desde que as primeiras notícias começaram a chegar no Brasil. Tanto é que, a revolução russa passa a ser exemplo recorrente em diversos jornais operários da época. Bartz, dá alguns exemplos:

Em agosto de 1917, depois da Greve Geral de São Paulo, foi publicado pelo jornal anarquista A Plebe, um apelo aos soldados, para que se unissem aos operários no combate à burguesia; em Maceió, neste mesmo período, o jornal operário A Semana Social defendia abertamente que apenas a formação de um Comitê de Operários e Soldados poderia salvar o povo e em Porto Alegre, no mês de dezembro, Abílio de Nequete, militante operário com destacada participação na greve de agosto daquele ano, foi preso ao distribuir um panfleto assinada por um Grupo de Operários e Soldados Brasileiros, incitando estas categorias a se unirem.²¹⁷

Foram criadas células do partido em vários estados. O objetivo era ter uma organização forte que aglutinasse trabalhadores de todo o país. Segundo Cristina Feiber o programa do Partido Comunista do Brasil de 1919, "falava da reforma agrária, da divisão da produção, regulamentação das horas de trabalho e sua obrigatoriedade para todas as pessoas, liberdade de pensamento e livre acesso à educação"²¹⁸. Ainda segundo a pesquisadora, o partido organizava-se em núcleos e, apesar da amplitude, possui uma filiação baseada em oito pontos.

A tentativa de criar um partido forte que pudesse unir os trabalhadores das diversas vertentes ideológicas foi derrotada pela forte repressão do governo. Cada vez mais informações sobre a revolução russa chegavam ao Brasil, e os primeiros sentimentos de vitória que tomavam os corações dos intelectuais e militantes brasileiros, começaram a virar divergências mais claras entre o anarquismo e o bolchevismo. Segundo Bartz, o acirramento da luta política entre o anarquismo e o bolchevismo "provoca um refluxo no movimento, o que interfere no partido, cujas referências vão se perdendo ao longo do ano de 1920"²¹⁹. Ao

²¹⁶ BARTZ, Frederico Duarte. PARTIDO COMUNISTA DO BRAZIL (1919): lutas, divergências e esquecimentos. *Aedos*, Porto Alegre, v. 2, n. 4, p.318-330, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/10936/7492>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

²¹⁷ IDEM.

²¹⁸ FEIBER, Cristina Gabriela. O Partido Comunista Brasileiro de 1922: Seus antecedentes e sua formação. *Revista Latino Americana de História*, São Leopoldo, v. 1, n. 3, p.276-286, mar. 2012. Disponível em: <<http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/83/61>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

²¹⁹ BARTZ, Frederico Duarte. PARTIDO COMUNISTA DO BRAZIL (1919): lutas, divergências e esquecimentos. *Aedos*, Porto Alegre, v. 2, n. 4, p.318-330, nov. 2009. Disponível em:

longo do ano de 1920 novos grupos se gestam e a ampla unidade feita para a criação do Partido Comunista do Brasil vai ficando para trás.

A existência do Partido Comunista do Brasil de 1919 é, por vezes, considerada como mero acidente de percurso, porém acreditamos que é um dado importante para explicar o contexto da esquerda e de seus intelectuais no período em que estamos tratando nesta pesquisa.

3.2. A vida no Rio de Janeiro

Octavio Brandão chegou ao Rio de Janeiro em maio de 1919, depois de sair exilado de Alagoas em decorrência dos seus posicionamentos políticos, que faziam com que o jovem não fosse mais bem quisto na terra dos marechais.

Vivi no Rio de Janeiro, em 1919 - 1931. Anos tensos e intensos. Anos decisivos, determinantes. Todo um período de combates penosos e desiguais, contra forças imensas coligadas. Aí lutei e sonhei, sofri e trabalhei. Suportei inúmeras injustiças e incompreensões.²²⁰

A mudança para o Rio de Janeiro não representa um capítulo fácil da vida de Octavio Brandão. Suas lembranças são permeadas pelos percalços que passou, sejam financeiros ou emocionais. Mas é verdade, também, que a ida para a capital do Brasil serviu para aproximá-lo de tantos outros intelectuais e lutadores sociais. Serviu para que o jovem tivesse ainda mais experiência com a luta da classe trabalhadora e, assim, o fez avançar política e intelectualmente em seus posicionamentos.

Ao chegar na cidade maravilhosa, o jovem intelectual dedicou-se ainda mais as mais diversas leituras, tanto quanto a ciências naturais quanto a ciências políticas. Como já dissemos, tentou emprego na Biblioteca Nacional e tentou aprofundar mais suas pesquisas em ciências naturais. No entanto, desempregado, Octavio sabia que logo teria que procurar emprego para se manter na capital do país, posto que suas economias logo findariam. Mesmo nesta situação, nos primeiros meses da sua chegada ao Rio de Janeiro, segundo Brandão:

Desempregado, derrotado pelo triste ambiente dominante tirei partido da própria adversidade, em vista de um destino superior. Durante cerca de 10 meses, visitei assiduamente a Biblioteca Nacional, à Avenida Rio Branco. Aí continuei os estudos sobre literatura e filosofia, ciências naturais e ciências sociais. (...)Reestudei as páginas de Darwin e Humboldt.²²¹

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/10936/7492>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

²²⁰ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 136.

²²¹ IDEM, p.138.

No livro *Combates e Batalhas*, Octavio ressalta que foi neste período em que ele fez leituras dos grandes poetas e intelectuais da Índia Antiga, da Grécia Clássica e da Europa Moderna. Ele exemplifica os seguintes: Viasa, Valmiki, Kalidasa, Homero, Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Lucrécio, Virgílio, Shakespere, Byron, Goethe, Heine, Kapila, Kanada, Vrihaspati, Demócrito, Epicuro, Giordano Bruno, Spinoza e Diderot²²².

Neste mesmo período, cresceu, inevitavelmente, o prazer pela fruição das artes. Além disso, segundo Brandão, a mudança para Rio de Janeiro permitiu que ele conhecesse mais de perto muitos intelectuais brasileiros.

Conheci, então, muitos intelectuais: Coelho Neto, Alberto de Oliveira, Clóvis Beviláquia, Pontes de Miranda, Nestor Vítor, Hermes Fontes, Goulart de Andrade, Mário de Alencar, Elísio de Carvalho, Gustavo Barroso, Afonso Celso, Ramiriz Galvão e outros. Todos foram amáveis. Nada tenho a dizer no terreno pessoal. Mas as divergências eram profundas. Deixei de procurá-los.²²³

No entanto, dentro os intelectuais dos quais Octavio aproximou-se ele cita como verdadeiros amigos, apenas, Astrojildo Pereira, José Oiticica e o historiador Rocha Pombo. Da família, Octavio afastou-se cada vez mais. As ideias libertárias que defendia colocavam-no cada vez mais distante daqueles que o criaram.

O tio materno Alfredo Brandão morava à rua Joaquim Nabuco, em Copacabana. Mas se opunha à minha viagem ao Rio de Janeiro. Achava que eu estava "perdido" por causa das ideias avançadas. Rompeu relações comigo. Fiquei ainda mais só. O tio só reatou a amizade depois que, no fim de 1919, leu o apêndice de *Canais e Lagoas*. Sentiu-se comovido. Escreveu-me. Fui vê-lo. Infelizmente, as relações já não podiam ser as mesmas. Meu tio nunca me procurou, embora passasse sempre pela rua do Ouvidor, onde eu morava. Nunca mais se interessou por mim. Era progressista em face do Quilombo dos Palmares e episódios semelhantes do passado da História do Brasil. Mas atacava muito as ideias socialistas. Daí os choques e as divergências.²²⁴

Nos primeiros dez meses que passou no Rio de Janeiro, Octavio não conseguiu arranjar nenhum emprego. Sem ajuda da família e sem amigos influentes, o jovem passou por dificuldades financeiras. Desta forma, mandou vender sua farmácia em Alagoas. Da venda recebeu 8 contos e, com este dinheiro pensou em sair do Brasil, "deixar a Pátria cruel e madrastra, exilar-me pela segunda vez, viver modestamente em Paris, aí estudar e trabalhar, ir a Moscou para conhecer Lênin, compreender o marxismo e viver a Revolução Socialista"²²⁵.

²²² BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.138.

²²³ IDEM, p.140.

²²⁴ IDEM, p.149 e 150.

²²⁵ IDEM, p.154.

Segundo Octavio, a falta de militantes de esquerda no Brasil o fez desistir da partida. Vale ressaltar que, foi exatamente neste ano que houve um aumento da repressão no Brasil, quando muitos militantes foram deportados. Parece-nos que mesmo diante de tamanha repressão, Octavio não arrefeceu, pois encontramos muitos materiais em jornais da classe trabalhadora que comprovam que em 1920 Octavio mergulhou de cabeça no movimento dos trabalhadores e contribuiu muito para a imprensa operária.

Para sobreviver, com o dinheiro conseguido da venda da farmácia em Maceió, o jovem comprou outra farmácia no Rio de Janeiro:

Com o dinheiro da venda, em março de 1920, comprei uma pequena farmácia no Rio de Janeiro, à rua São Francisco Xavier 228, em frente ao Colégio Militar. Fui enganado pelo vendedor. Ela não estava em nome dele. Vendeu-a, recebeu o dinheiro e desapareceu. Lutei 17 meses, mas não pude legalizar os documentos, embora gastasse um dinheirão no Tesouro, na Prefeitura e com o despachante. Fui boicotado pela freguesia burguesa e intimado pelo Departamento de Saúde Pública a fechar o estabelecimento ou transferi-lo para outro local.²²⁶

Diante destas dificuldades, Octavio viu-se obrigado a procurar outro emprego, além da farmácia. Por isso, deixou um aprendiz em seu lugar para conseguir outro emprego, "aprendi o ofício de linotipista nas oficinas da *Gazeta de Notícias*, à rua 7 de Setembro, perto da Avenida Rio Branco"²²⁷.

Entretanto, nem todas as lembranças deste período são ruins. Foi no Rio de Janeiro que Octavio veio a conhecer aquele que seria o grande amor da sua vida, Laura Brandão. Laura era professora e morava no mesmo edifício que Octavio. De Laura, Octavio relembra com carinho.

Quando muitos me abandonavam, ela acreditou em mim e confortou-me. Tinha fé, amor, compreensão. Despertou belos pensamentos e nobres sentimentos. (...) Laura tinha a paixão e a convicção revolucionária. Dizia ser a minha discípula. Era a discípula diletta, predileta. Veio a ser a Egéria - a inspiradora, a animadora e a cooperadora. (...) Durante mais de 22 anos, deu-me toda a beleza do mundo. Debruçava-me sobre ela como sobre uma torrente de águas puras, cristalinas. E via nas profundezas das águas límpidas e luminosas, minha alma transfigurada pelo amor sublime de Laura!²²⁸

Com Laura, Octavio casou-se no dia 10 de abril de 1921 e teve três filhas. Laura foi mais que esposa para o jovem, era também companheira e militante ativa no movimento operário.

²²⁶ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.155.

²²⁷ IDEM, p.161.

²²⁸ IDEM, p.158 e 159.

3.3. A educação dos trabalhadores

Quanto ao movimento dos trabalhadores Octavio ressalta que chegou no Rio de Janeiro em um momento de efervescência política. Como já citamos, no ano de 1918-1919 a situação do povo brasileiro piorou, altos preços dos gêneros alimentícios, maior desemprego, salários baixos, etc. Sobre a luta dos trabalhadores e sindicatos da época, Octavio afirma:

Infelizmente, esse movimento não tinha clareza ideológica. Nem firmeza política. Encontrava-se sob a influência do anarquismo e do anarco-sindicalismo. Então, no Brasil, não existia nenhuma tradição marxista. Ninguém conhecia Marx, Engels e Lênin. Falava confusa, vaga e erroneamente sobre Marx como se se tratasse de um reformista do tipo da II Internacional. Erros terríveis.²²⁹

Por mais que anos depois Octavio considere que o movimento deste período tinha "pouca clareza teórica", durante os anos de 1919-1921 Octavio atuou dedicadamente no movimento dos trabalhadores, dizendo-se e defendendo abertamente o anarquismo. A educação dos trabalhadores passou a ser um dos nortes de sua militância, portanto, proferiu diversas conferências em cidades e sindicatos diferentes.

Parece-nos possível perceber que um dos objetivos principais de Octavio, assim como de vários militantes do período, era educar os trabalhadores brasileiros, para que entendessem que estes eram os sujeitos da revolução. Durante os anos de 1919 a 1922, Brandão dedica-se a alguns jornais, dentre eles o jornal *Spartacus*, que segundo Bartz²³⁰, era organizado pelo Partido Comunista do Brasil de 1919, e o *A Voz do Povo*, ambos do Rio de Janeiro.

3.3.1. Anarquismo e Religião

Entre os temas abordados por Brandão estão principalmente religião, miséria do povo e necessidade da revolução. Octavio não condena só o cristianismo e a Igreja católica, condena todas as religiões e formas de fanatismo. Por isso, boa parte da sua propaganda revolucionária é direcionada a esta questão. Acreditamos que Octavio, pela importância que seu rompimento religioso teve para sua formação enquanto militante revolucionário, acreditava que um dos primeiros passos para que o trabalhador pudesse ser um militante "anarquista" e revolucionário seria o rompimento religioso.

²²⁹ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 163.

²³⁰ BARTZ, Frederico Duarte. PARTIDO COMUNISTA DO BRAZIL (1919): lutas, divergências e esquecimentos. *Aedos*, Porto Alegre, v. 2, n. 4, p.318-330, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/10936/7492>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

As formas que escolhia para fazer este debate eram as mais diversas, iam desde os argumentos científicos a sátiras e ironias. Em 6 de setembro de 1919, Octavio Brandão publica o texto **Quando a Igreja era senhora do mundo**, no qual o jovem faz uma narração da história da Igreja durante a Idade Média, suas atrocidades e o destino dos que ousavam não acreditar. Ironiza algumas das lendas do cristianismo, para então, condenar o fanatismo. Termina o texto da seguinte forma:

Quando a Igreja era a senhora do mundo a humanidade tinha descido a um nível de boçalismo inominável.
Sombra, ignorância, fanatismo, escravização do Pensamento - eis aí a Idade Média.
Por isso a condeno como condeno a Igreja.²³¹

Outra maneira de fazer os trabalhadores romper com a religião era explicar científica e historicamente a origem dos mitos da Igreja. Em 27 de setembro de 1919, ele publicou o texto **O mito do Satan** no jornal *Spartacus*, no qual ele explica qual a origem da figura do Satã no cristianismo. O jovem intelectual resgata a lenda egípcia de Osíris, que é o deus bom, e de Set, o deus mau. A partir da explicação da lenda antiga, Octavio afirma: "Eis como o cristianismo, salada de todas as religiões da antiguidade, arranjou a fábula de Satan"²³². No texto **Analisando a Bíblia**, publicado no jornal *Voz do Povo*, em 29 de março de 1920, Octavio analisa diversos trechos da bíblia e satiriza:

Entretanto, dizem que Cristo foi gerado pelo Espírito Santo. Não compreendo esse embrulho. Tendo sido gerado pelo Espírito Santo, Cristo não podia ser filho de José, portanto, descendente de David?
Teria havido parthenogenese?
Curioso Espírito Santo:
Existem milhões de indivíduos que acreditam ou dizem acreditar em semelhante idiotice!²³³

O fanatismo era uma das características da fé que mais incomodava o jovem alagoano. Parecia muito difícil para o Octavio entender o porquê acreditar em Deus se não havia provas científicas da sua existência, aliás, as provas mostravam que o cristianismo era uma religião formada por um misto de outras tantas lendas. Além disso, a fé tornava as pessoas cegas e, para Octavio, impedia que elas partissem para a ação, portanto, as religiões seriam como "papões inventados para refrear e aterrorizar a meninada medrosa por aí que se chama humanidade"²³⁴. No texto **Idolatria**, publicado no dia 08 de agosto de 1920, no jornal *Voz do Povo*, Octavio repugna a idolatria de todas as formas. Para o autor, a idolatria seria um

²³¹ BRANDÃO, Octavio. **Quando a Igreja era a senhora do mundo....** *Spartacus*, Rio de Janeiro, 06 de setembro de 1919.

²³² BRANDÃO, Octavio. **O mito de Satan.** *Spartacus*, Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1919.

²³³ BRANDÃO, Octavio. **Analisando a Bíblia.** *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 29 de março de 1920.

²³⁴ BRANDÃO, Octavio. **O Desabar dos deuses.** *Spartacus*, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1920.

sentimento nocivo, portanto afirma: "O indivíduo que substitui no seu íntimo o culto de Deus ou do Cristo pelo culto da Razão ou da Liberdade - nada fez; ainda é um escravo"²³⁵. Por fim, Octavio chama a todos a romper com todas as formas de idolatria e religiões.

Os textos parecem servir também ao objetivo de reafirmar ao mundo que o jovem alagoano, sobrinho de seminarista, há muito tempo já havia rompido com as religiões. Portanto Octavio afirma:

Prefiro a agitação, a amargura produzida por uma verdade qualquer a calma interior originada por um mito, uma religião, cuja essência não sondei, cujos recessos não aprofundei. Isto é contra os que dizem, ainda mesmo que o catolicismo não fosse verdadeiro, que importa, se ele produz a paz interior? (...) Conheço muitos indivíduos que se dizem cristãos, mas no íntimo não passam de pagãos sensualistas, pois o que veem na sua religião é o lado exterior, que excita os sentidos: velas, imagens, sons de sinos, roupagens, etc.²³⁶

A citação acima demonstra-nos uma importante característica de Octavio: apesar da negação incansável da religião, o jovem ainda carrega ao longo dos anos características cristãs. O julgamento por comportamentos que seriam "amorais" ou "pagãos" é parte dos pilares que sustenta a religião até os dias atuais. Acreditamos que a negação da religião para Octávio Brandão, faz parte do processo de afirmação das suas práticas revolucionárias naquele período e negação do seu passado familiar. Além disso, posteriormente, acreditamos também que faça parte da afirmação de sua importância para o movimento dos trabalhadores, o que permeia todo o seu livro de memórias.

No texto **Kristo**, essa confusão permanece clara. Octavio crítica o dogmatismo religioso e ressalta que a luta pela mudança do mundo cheio de misérias em que vivemos é mais importante do que a fé e a religião, ou seja, a preocupação pelo próximo poderia ser um dos princípios ressaltados pela religião, no entanto não acontece.

Não o simpatizo, pelo seu dogmatismo ferrenho; quando fala num pseudo-juízo final - porque inferno pior, para as almas sensíveis, que o mundo atual, não pode existir - porque todos sofrem, do menor ao maior, e a alma agitada, inquieta de muitos ricos seria mais merecedora do tal reino dos céus, do que a alma cheia de paz e alegrias de muitos pobres que conheço.²³⁷

O texto em questão não é só de críticas a religiosidade, Octavio ressalta na vida de Jesus Cristo os aspectos que ele julga importantes para os homens.

Amo-o pela sua vida de aventureiro através das cidades e aldeias; quando acha bem-aventurados os limpos de coração, os perseguidos, os

²³⁵ BRANDÃO, Octavio. **Idolatria**. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1920.

²³⁶ BRANDÃO, Octavio. **O Desabar dos deuses**. *Spartacus*, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1920.

²³⁷ BRANDÃO, Octavio. **Kristo**. *Spartacus*, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1920.

pacificadores; quando ataca os escribas e os fariseus, antepassados dos burgueses, magistrados e clericais de hoje; quando prega a reconciliação; quando condena o juramento e exalta a firmeza na palavra dada; quando pede que sejamos perfeitos, embora eu saiba que isto não para tão cedo.²³⁸

A crítica à religiosidade foi elemento constante na trajetória de Octavio Brandão. Sua apologia contra a religiosidade causou críticas. No jornal *O Lynge*, de propriedade de Jesus de Oliveira, encontramos a seguinte crítica, referindo-se a uma das conferências de Octavio:

Constituiu um verdadeiro fracasso, o discurso, proferido no dia 1º durante a posse da nova diretoria da Federação Operária, pelo sr. Octavio Brandão, vindo do Rio, para esse fim.

O seu discurso, violentamente dito contra o catolicismo, protestantismo e a República, em que chamou de venal, foi uma audácia, que não agradou ninguém dos que estavam presentes.

Este senhor jovem e bem inteligente, como demonstrou ser, devia ter mais consideração com a assembleia que, em sua maioria era católica. (...)

Seguimos uma doutrina oposta às dos católicos e protestantes, porém, damos nossa solidariedade aos que ali se achavam e que foram tão insolitamente ofendidos.²³⁹

Aqui nos chama atenção outra característica: a crítica feita à religiosidade não era descolada das críticas sociais, muito pelo contrário, era feita a serviço destas. A crítica de Jesus de Oliveira ao Octavio Brandão não se resume a opinião de que o intelectual não tem cuidado político quanto a religiosidade dos presentes, o artigo apresenta também críticas acerca do posicionamento político apresentado por Octávio Brandão: Rompimento com o republicanismo e o anarquismo.

3.3.2. A responsabilidade dos intelectuais na educação para a revolução

Para Octavio, o contato e a participação dos intelectuais era muito importante para o desenvolvimento da revolução, tendo em vista a contribuição que estes podiam dar na formação e evolução das consciências da massa, além do desenvolvimento da teoria revolucionária. Por isso, enquanto esteve no Rio de Janeiro, procurou muitos intelectuais, tanto para apresentar seu trabalho, quanto para aproximar-se e trazê-los para o movimento revolucionário.

No entanto, logo o jovem percebeu que a conjuntura vivida entre 1917 e 1920 no Brasil e no mundo tiveram uma consequência para a intelectualidade, pois "suscitaram uma delimitação e diferenciação entre os intelectuais. De um lado, os progressistas. Do outro lado,

²³⁸ BRANDÃO, Octavio. **Kristo**. *Spartacus*, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1920.

²³⁹ **Um fracasso oratório**. *O Lynge*. Juiz de Fora, 07 de Maio de 1922.

os reacionários"²⁴⁰.

Entre os intelectuais progressistas, Octavio cita Lima Barreto e Astrojildo Pereira, entre os reacionários, Rui Barbosa, Graça Aranha, Olavo Bilac, José Veríssimo, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque e João do Rio. Para Octavio o que os tornava inimigos da classe trabalhadora era a defesa da Primeira Guerra Mundial e a discordância declarada com as ideias socialistas e anarquistas. Sobre Rui Barbosa, o jovem afirma: "Rui lançou libelos totalmente reacionários contra a revolução e o socialismo. Caluniou-os torpemente. Exerceu influência profundamente nociva. Era advogado da empresa imperialista Light"²⁴¹. Enquanto dedica grandes elogios a Lima Barreto que, para Octavio sustentou ideias avançadas, pois "em artigos publicados, manifestou sua simpatia pela revolução na Rússia. Saudou-a com um movimento que abalava os fundamentos da sociedade burguesa"²⁴², e, junto com outros intelectuais, teria dado continuidade à tradição progressista de Euclides da Cunha.

Diante desta perspectiva, vários foram os artigos de Octavio Brandão, dedicados ao chamado para que a intelectualidade participasse ativamente do movimento operário.

O povo não é o principal elemento da História. Os pensadores, os criadores também têm seu papel. Vou mais além: estes são os motores e aquele é a máquina, até aqui inconsciente, mas daqui em diante conscientíssima.²⁴³

Fica clara a importância que Octavio dava a intelectualidade, pois, para ele, era papel dos intelectuais educar as massas. Os intelectuais que não o faziam, na verdade, prestavam um desserviço para o desenvolvimento da humanidade. Era assim com Rui Barbosa, a quem Octavio declarou guerra. Em suas memórias, ele relembra de Rui Babosa como homem de intelectualidade nula, que se valia de uma camarilha que o cercava e que estava a serviço do imperialismo e contra a revolução. No entanto, apesar disso, era considerado ídolo, portanto, era papel de Octavio mostrar às massas sua verdadeira face²⁴⁴.

Hoje, só existem para o escritor, dois caminhos: o silêncio ou a rebeldia. Ou ele se cala por interesse ou por covardia, ou se revolta. Só mesmo uma profunda miséria moral nos escritores contemporâneos é que os leva a assistirem indiferentes ao drama do presente, continuando a fazer versos e crônicas às melindrosas, ou a tomarem a defesa das castas exploradoras.

Saibam escritores semelhantes de uma vez para sempre: eu, o anarquista, o rebelde, o indesejável, eu os desprezo como os cães mais baixos do universo!!!

A literatura sem libertação, pensamento que não redime, só é digno de

²⁴⁰ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 167.

²⁴¹ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 168.

²⁴² IDEM, p. 168.

²⁴³ BRANDÃO, Octavio. **Apontamentos**. *A Plebe*, São Paulo, 11 de Setembro de 1920.

²⁴⁴ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 203.

lacaio e bufão e não de homens e pensadores.

O primeiro passo para a libertação universal, não resta dúvida, é a libertação individual. (...) Rui é um "grande homem" por causa da nulidade da camarilha que o cerca; se esta valesse alguma coisa, ele não seria tão grande como o querem fazer passar.²⁴⁵

Este trecho nos dá pista para duas concepções de Octavio. A primeira é a que já ressaltamos, a importância do papel do intelectual para a revolução. A segunda é, talvez, mais importante para entender um pouco de sua trajetória durante os anos que tratamos nesta pesquisa, é a concepção de que a mudança da sociedade depende da mudança individual. Acreditamos que a sua visão do papel da intelectualidade é decorrente da segunda concepção que acabamos de citar. Além disso, a concepção do papel do indivíduo pode ser decorrência dos estudos sobre Nietzsche, que ainda eram muito presente nas leituras do jovem intelectual e, mesmo diante do afastamento da teoria de Nietzsche da que defendia por Octavio, ele continua a defender alguns pontos da teoria nietzschiana que considera importantes para a formação das massas.

Mesmo com a defesa do anarquismo mais clara em seus textos, muitas eram as alusões a Nietzsche, Stiner ou mesmo Kant.

Nietzsche e Stiner declararam-se inimigos do anarquismo, mas entretanto são *pontes* para o anarquismo. Isto é mais que verdadeiro, pois quem os lê adquire facilmente o desprezo pelas convenções, pelas mentiras sociais, pelos homens da política, pelos arrotos dos burgueses.

Nietzsche, pelo seu horror aos dogmatismos, pela insubmissão, pelo tom libertário, pela altivez, pela revolta, pelo desprezo ao Estado, à política, à sociedade, pelo amor à vida, pela sua crença numa Humanidade futura, é bem um autor que deve ser recomendado aos escravizados.

O que me corta o coração quando o leio, é ver as acusações injustas ou absurdas que profere contra o anarquismo, teoria na qual ele nada enxergou.²⁴⁶

Além do apelo aos intelectuais, neste período, Octavio continuou o apelo aos artistas por uma arte voltada a população brasileira, uma arte que não fosse inspirada na arte da Europa, mas que tivesse como inspiração o povo e a natureza brasileira.

Feliz a nação cujas primeiras manifestações literárias surgiram no seio do povo e não no seio dos ricos e aristocratas ociosos e amaneirados.

O povo é como a natureza; é tosco, rude, bárbaro mesmo, porém tem forças tão poderosas, tem inspirações tão ricas e divinas, que nele a arte não pode descer, só pode fugir, sob um invólucro de escórias, é verdade, porém escórias que o primeiro Goethe ou o primeiro Wagner eliminarão facilmente. A verdadeira Arte não deve ser oficial, nascer nos corredores dos palácios, mas sim brotar como uma flor selvagem e exótica na alma do povo. (...) E é por isto que o movimento literário brasileiro está em decadência, porque nossos poetas e prosadores são meros lacaios do governo ou da burguesia, tipos inferiores que não avaliam a grandeza do pensamento e vendem-se

²⁴⁵ BRANDÃO, Octavio. **Brados de Guerra**. A *Plebe*, São Paulo, 03 de julho de 1920.

²⁴⁶ BRANDÃO, Octavio. **Aforismos e anotações**. A *Plebe*, São Paulo, 24 de julho de 1920.

miseravelmente por qualquer emprego.²⁴⁷

A luta política de Octavio pela intelectualidade não ficou centrada apenas em textos. Ele aderiu ao Grupo Clarté de Paris que, segundo ele, era dirigido pelo escritor Henri Barbusse. No Brasil, fez parte do Grupo Comunista Zumbi, formado por intelectuais. O nome era inspirado em Zumbi dos Palmares, pois significava "a bandeira dos que se rebelam contra o jugo do sindicato político, clerical e industrial em cujas garras amarram nosso Brasil"²⁴⁸.

Dentre as bandeiras defendidas pelo grupo estava a liberdade do homem sobre a terra livre, a emancipação da mulher, a abolição dos privilégios de classe e a "República Universal onde todos trabalhem e onde todos tenham direito à vida"²⁴⁹. O Grupo brasileiro era filiado ao Clarté. A partir do contato com outros intelectuais do mundo, Octavio tentou fazer com que a situação no Brasil fosse conhecida por intelectuais de todo o mundo, para isso, então, enviou panfletos e artigos para intelectuais da América Latina, Europa, Ásia e África, dentre eles Máximo Górkki, Timiriazev, e José Ingenieros. De alguns, recebeu respostas, mas lamenta, "infelizmente, nada recebi de Górkki e Tagore, de Barbusse e Anatole France"²⁵⁰. Sobre o Clarté, Octavio escreve:

O fim do grupo "Clarté" é formar a Internacional do Pensamento que preparará a Internacional dos Povos. Se os governos dividem os povos é para reinar sobre estes. Nesta hora em que a humanidade inteira procura libertar-se das velhas leis opressoras, os homens de pensamento livre tem o dever de agrupar-se para exercer uma ação social. (...) Os intelectuais não ficarão impassíveis, eles não o podem. Mais ainda que um dever moral, mais que as exigências imperativas do ideal, é a paz e a vida de todos os homens que estão agora em questão.²⁵¹

Mesmo com o contato com alguns intelectuais, seus artigos, livros e os apelos à intelectualidade, Octavio não foi reconhecido como intelectual naquele período. A falta de reconhecimento, Octavio atribui a seus posicionamentos políticos.

Sustentando concepções opostas aos interesses dos capitalistas estrangeiros, das duas classes dominantes e de seus respectivos intelectuais, fui hostilizado em todos os terrenos: econômico e financeiro, político e social, moral e ideológico.²⁵²

As lutas intelectuais e políticas não cessaram pela falta de reconhecimento e, ao longo dos anos seguintes, intensificaram-se.

²⁴⁷ BRANDÃO, Octavio. **O palacianismo na Arte**. *Spartacus*, Rio de Janeiro, 25 de Outubro de 1919.

²⁴⁸ Núcleo Organizador. **Grupo Comunista Brasileiro "Zumbi"**. *Spartacus*, Rio de Janeiro, 03 de Janeiro de 1920.

²⁴⁹ IDEM.

²⁵⁰ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 140.

²⁵¹ BRANDÃO, Octavio. **Pela República Universal! O Imparcial**, Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 1920.

²⁵² BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 152.

3.3.3. A revolução será anarquista

A defesa de outra sociedade permeou os escritos de Octavio Brandão. Desde os primeiros momentos no qual viu, ainda em Alagoas, a situação de miséria do povo, sua militância foi centrada em procurar formas de mudar essa realidade. Em 1920, Octavio publica um texto chamado **As vendedoras de sururu**, no qual ele expõe a situação de pobreza do povo que vivia às margens da região dos canais e lagoas e chama os trabalhadores para mudar essa realidade.

Não há coisa mais triste, mais profundamente dolorosa e mais intensamente clamorosa que a vida dessas patrícias que todos os dias passam diante das nossas portas com o humilde tabuleiro a cabeça.

Muitas, no dia anterior, estavam dentro da Lagoa Mundaú, mergulhando na água fria e tiritando por causa do plaudismo horroso.

Muitas passaram a noite inteira sem dormir, descascando sururu. (...) Acorda, mocidade heróica! Protesta contra a miséria de tuas patrícias.²⁵³

Ainda sobre Alagoas, no mesmo ano, Octavio mandou um recado aos trabalhadores dizendo: "Não vos esqueci; e essas linhas escritas 8 meses depois de ter partido, acochado pela prepotência da casta maldita que vos explora, são testemunho verdadeiro"²⁵⁴. Neste texto, Octavio ressalta a sua vida dedicada à luta dos trabalhadores, contra a burguesia e a reafirmação que, mesmo depois da tentativa dos poderosos de calá-lo, sua luta continuava ainda mais viva.

Como a maioria dos militantes da época, Octavio procurou promover a educação através de seus textos nos jornais e diversas conferências. Foram dezenas de conferências aos operários, não só no Rio de Janeiro, mas em cidades como São Paulo, Petrópolis e Juiz de Fora também. Em 1919, estava muito envolvido com suas pesquisas naturais, esse tema ainda era permanente. Porém, a partir de 1920, fez dezenas de conferências sobre religião, a situação do povo brasileiro, necessidade de organização e revolução. Encontramos registros de conferências aos operários como gráficos²⁵⁵, tecelões²⁵⁶, caixoteiros²⁵⁷ e da construção civil²⁵⁸. Os convites aos trabalhadores eram feitos através de anúncios em jornais.

Quarta-feira, 14, às 8 horas da noite, o camarada Octavio Brandão fará uma conferência. O tema é dos mais sugestivos: - "Apelo a nacionalidade".

Não podia o comitê comemorar mais condignamente a tomada da Bastilha.

²⁵³ BRANDÃO, Octavio. **As vendedoras de sururu**. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1920.

²⁵⁴ BRANDÃO, Octavio. **Manifesto aos trabalhadores alagoanos**. *A Plebe*. São Paulo, 14 de agosto de 1920.

²⁵⁵ **Festival do sindicato dos trabalhadores Gráficos**. *Voz do Povo, Rio de Janeiro*, 20 de Novembro de 1920.

²⁵⁶ **Conferência**. *Voz do Povo*. Rio de Janeiro, 22 de Agosto de 1920.

²⁵⁷ **Associação dos Maleiros, Caixoteiros, Carroceiros, Seleiros e Artes Correlativas**. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1920.

²⁵⁸ **Ao raiar da nova era**. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1920.

O local da conferência será amanhã anunciado, sendo provavelmente nos Tecelões, à rua Acre, 19. Entrada Franca.²⁵⁹

Nesta conferência, Octavio chamou os trabalhadores à luta para a transformação do Brasil em país governado pelos trabalhadores. Ressaltou que só os trabalhadores conseguiriam uma verdadeira transformação social, "De pé, milhões de escravos que viveis no meu país! Só os batalhadores são dignos de viver"²⁶⁰. O jovem ainda ressaltou a situação de miséria do povo brasileiro e fez um apelo para a necessidade de greve geral no Brasil, por direitos e condições melhores de trabalho.

Já nesta conferência, nos chama atenção que o jovem passa a travar combates contra os parlamentaristas e socialistas do período. De forma ainda confusa, Octavio afirma:

Não consintamos a predominância de elementos parlamentaristas os socialisteiros no nosso meio, para depois não termos o trabalho de expulsá-los, a esses Thratis [sic] sem vergonha: Só existe um ideal para o proletariado: a Transformação. Só há um meio para isto: a Revolução Social. Tudo quanto não tender para o sindicalismo revolucionário deve encontrar-se a máxima expulsa no seio das massas conscientes. (...) Soldados da Rebeldia, avante! Que meu Apelo encontre eco nas vossas almas! Auxilia-me com as vossas terríveis talhadeiras! Empunhai outros seixos e lançai os com a mesma violência da minha funda! Trabalhai, cataputas de guerra! Quero assistir a derrocada do mundo velho. De pé, soldados da Rebeldia!²⁶¹

Acreditamos que encontra-se aqui um elemento importante de reflexão. Ao passo que a defesa da luta dos trabalhadores permeou sua vida, cada vez parece ficar mais clara para Octavio a necessidade de que, para mudar a forma de sociabilidade do Brasil, seria necessário uma revolução. À medida que o contato com o movimento de esquerda e com os trabalhadores se aprofunda, sua identificação com os anarquistas torna-se mais clara. Como já discutimos, dentre as vertentes de esquerda que existiam no período, era possível encontrar socialistas e colaboracionistas. É possível que, no texto acima, quando Octavio refere-se aos "socialisteiros", esteja falando dos colaboracionistas que buscavam acordos com os parlamentares do período, em detrimento de vitórias pequenas para os trabalhadores e vantagens para eles próprios.

A defesa da revolução e do anarquismo torna-se recorrente nos textos de Brandão. Até 1922, Octávio vai fazer grandes defesas de uma sociedade anarquistas. Sempre na perspectiva de explicar aos trabalhadores porque os métodos de luta do anarquismo são as melhores

²⁵⁹ C.D.D.H. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1920.

²⁶⁰ BRANDÃO, Octavio. **Apelo à nacionalidade brasileira: lido na sede dos Tecelões, a 14 de julho, em sessão comemorativa da Tomada da Bastilha, patrocinada pelo C.D.D.H.** *Voz do povo*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1920.

²⁶¹ IDEM.

formas de construir um mundo melhor, Octavio afirma:

Nós, anarquistas, que somos os homens mais ansiosos de Amor Espontâneo, seremos enérgicos se algum dia empunharmos o poder.
 Nossos inimigos, que não querem ceder com boas razões força-nos a realizar o nosso Ideal através de uma navegação perigosa por entre escolher e sorvedouros [sic]. Nós, que somos inimigos da Autoridade, vemos-nos obrigados a ser autoritários.
 Aí dos que entenderem então ser obstáculos à realização dos nossos ideais! Aí dos contra-revolucionários! Porque é impossível realizar a transcendência das nossas convicções com a sociedade atual... e não iremos recuar por causa de uns quantos retrógrados e estacionários.²⁶²

Apesar de morar no Rio de Janeiro, Octavio ainda carregava muitos dos elementos de sua formação em Alagoas e Pernambuco. No entanto, acreditamos que uma das coisas que mais pesava em suas análises era a análise da classe trabalhadora brasileira, que ainda era muito agrária. Portanto, a discussão com os trabalhadores do nordeste também era elemento marcante nos textos de Octavio Brandão.

Foi aí, nessa terra querida que sempre recordo com profunda saudade que comecei a abrir os olhos à Luz e à Beleza.
 Foi aí que sonhei os primeiros sonhos rebeldes que bebi as primeiras noções filosóficas e que minha alma se abriu para os mundos do Pensamento.
 Pernambuco, terra de heróis e mártires, estás fadada a tomar a dianteira do movimento revolucionário no Brasil. (...)
 O momento histórico é rubro, porque rubro é o estandarte da anarquia.
 Para construir um mundo novo é imprescindível derrubar o mundo velho.
 Pois bem: Pernambuco, terra do meu coração, é preciso soltar o grito:
 -Abaixo a sociedade burguesa!²⁶³

Para convencer os trabalhadores de que o caminho seria uma revolução anarquista, Octavio também tentou contrapor os discursos hegemônicos. Um deles era a ilusão da possibilidade de existir um bom governo, que torne a vida dos trabalhadores melhor. Para Brandão, isso seria impossível, afinal os governantes seriam "corjas exploradoras e não farão leis a favor do pobre, porque é fazer contra si"²⁶⁴. No limite, a crítica de Otavio era contra a ilusão de uma democracia no Brasil e pela desmistificação do anarquismo no ideário popular.

Nós, os ímpios, porque negamos a piedade, que ofende as almas heroicas; nós, os sacrilégios pois não respeitamos as pretendidas coisas sagradas (pois só merece respeito o que é justo e humano); nós, os heréticos, porque negamos redondamente a pseudoverdade católica; nós, os malditos, porque nos levantamos contra as castas dominadoras; nós, os loucos, porque vamos contra o bom senso imbecil; nós, os anticristãos, pois vamos contra os cristãos, corruptores das ideias de Cristo; nós os sem pátria enquanto a Pátria for simbolizada pelos governos exploradores; nós, os indesejáveis, porque os

²⁶² BRANDÃO, Octavio. **Sobre os escombros fumegantes**. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1920.

²⁶³ BRANDÃO, Octavio. **Manifesto aos trabalhadores pernambucanos**. *A Plebe*, São Paulo, 17 de julho de 1920.

²⁶⁴ BOMBARDA, Salomão. **Folhas esparsas**. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 06 de Maio de 1920.

desejados são os que pactuam com a marosca universal; nós, os ateus, porque acreditamos em fantasmas; nós, os amorais, porque negamos a Moral de hoje; temos glória nisto!

Precisamos desmentir esse lugar comum que se repete constantemente: o Brasil é o país mais liberal do mundo.

Depois de fatos de Canudos, da ilha das Cobras, do Satélite, do Contestado, e das chibatadas em Everardo Dias, nenhum homem consciencioso pode dizer tal coisa.²⁶⁵

Neste período, parece-nos que Octavio passa a uma análise mais profunda sobre a Revolução Russa, a partir das informações e leituras que fazia naquele período. Apesar de ressaltar a experiência vivida pelos trabalhadores a partir da Revolução na Rússia, Octavio passa a fazer críticas aos métodos de Lenin, no que diz respeito ao pós-revolução. No dia 26 de outubro de 1920, foi publicado no jornal *Voz do Povo* o artigo **Relâmpagos no Caos: Anarquismo e Bolchevismo**. Tratava-se de um texto no qual Octavio Brandão dedicou-se a analisar com mais profundidade a Revolução Russa. Octavio inicia o texto questionando a possibilidade de, no mundo, acontecer uma nova Revolução que, na opinião dele, deveria ser anarquista, porém sem que passasse pelo "desfiladeiro do bolchevismo e leninismo"²⁶⁶.

Para fazer o debate, Brandão parte da afirmação de que ele continua anarquista e repudia as agremiações socialistas ou burguesas e que continua livre do "pesadelo leninista". Além disso, reafirma seu apoio incondicional ao processo revolucionário na Rússia.

Devo ser leal; não quero enganar pessoa alguma. E por isso digo que sou a favor dos operários e camponeses da Rússia que realizaram desapropriações por auto decisões, sem consultas a tiranos ou ditadores, como sou contra aos Srs. Lenin e Trotsky ou quaisquer comparsas na tragédia moscovita.

Dizendo isto, poderei perder a simpatia dos operários. Mas que importa? Eu não sirvo a partidos nem a panelinhas. Sirvo à causa da verdade e da justiça. Não vos deveis iludir comigo, ó trabalhadores.²⁶⁷

As críticas de Octavio continuam a partir das práticas para a manutenção da revolução na Rússia, a exemplo da continuidade de existência de moedas. A culpa, segundo Octavio, não era só de Lenin ou Trotsky, era da existência de um Partido, o Bolchevique. Sobre os dirigentes do Partido Bolchevique, Octavio afirma: "A verdadeira Revolução Social não poderá ser feita com truões como Lenin, com tarimbeiros como Trotsky e caixeiros viajantes como Krassine"²⁶⁸.

O questionamento do intelectual era sobre o porquê, depois de tomar o poder, não teria sido ainda implantado o comunismo, ou seja, a ditadura do proletariado. Sobre isso, Octavio

²⁶⁵ BOMBARDA, Salomão. **Folhas esparsas**. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 06 de Maio de 1920.

²⁶⁶ BRANDÃO, Octavio. **Relâmpago e Caos: Anarquismo e Bolchevismo**. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 1920.

²⁶⁷ IDEM.

²⁶⁸ IDEM.

afirma:

Posse de poder... Ditadura do proletariado... Já não creio mais na infalibilidade destas xaropadas, porque nascem como *pecado original*, o mal da origem, o mal dos males, a autoridade. Um anarquista não pode falar em ditadura de quem quer que seja, sob pena de não mais ser anarquista. É preciso não esquecer que a nossa obra deve consistir apenas em levar a consciência revolucionária às massas, educá-las num sentido anarquista, para que cada indivíduo fique em condições de tomar auto-deliberações. Isto é muito diferente de ser guia de cego, pastor de rebanho, como no bolchevismo, onde bois-homens obedecem porque há o ferrão, a aquilhada [sic] indiscutível. Dentro do proletariado, essa obra, para ser bela terá de ser anti-autoritária; será como labor do pai que quer ensinar o filho a caminhar: segurando-o pelo braço, leva-o a fazer pequenos percursos, que irão aumentando pouco a pouco, até que um dia, já moço forte possa empreender livres, só, sem auxílio algum, as grandes caminhadas através do áspero cascalho da Reação, do deserto da Indiferença, da cratera terrível da Revolução e chegue enfim aos vergel grandioso da Acrácia.²⁶⁹

Em outro texto do mesmo ano, **Os anarquistas e a defesa da Revolução Russa: Machno e seus partidários**²⁷⁰, Brandão continua a defesa dos trabalhadores russos, mas sua guerra contra Lenin não acaba. Contrapõe as ideias de Machno com as dos Bolcheviques e sai em defesa de Machno e suas ideologias, deixando claro a necessidade de organizações coletivas, como as comunas, propaganda ativa, conferências sobre assuntos variados e o fim das políticas de transição bolcheviques.

Apesar da defesa clara e intransigente de Octavio quanto ao anarquismo, em suas memórias, Brandão não se atém a este período. A negação do anarquismo é marcante durante toda a construção do *Combates e Batalhas*. No livro, Brandão afirma:

O anarquismo é próprio dos países atrasados industrialmente, como o Brasil e os outros da América Latina, Portugal e a Espanha. Não tinham a grande indústria. Nem um proletariado poderoso. Em contraste, a pequena burguesia era numerosa. Exercia bastante influência. Nela, existiam muitos pequeno-burgueses exasperados e desesperados com o empobrecimento. (...) O anarquismo floresceu no Brasil em 1917-1920 não foram orientados pela ideologia marxista-leninista. Não havia, na época, dirigentes marxistas. Não existia um Partido Comunista, forte nos terrenos ideológico, político e orgânico, um partido de classe, de combate e de massas, para dirigir as batalhas, educar e organizar os trabalhadores.²⁷¹

Brandão prossegue afirmando que seria impossível que os anarquistas triunfassem em uma revolução, pois faltavam-lhes noções básicas quanto a teoria da luta de classes, necessidade de um Estado Proletário, análise conjuntural para saber a correlação de forças de

²⁶⁹ BRANDÃO, Octavio. **Relâmpago e Caos: Anarquismo e Bolchevismo**. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 1920.

²⁷⁰ BRANDÃO, Octavio. **Os anarquistas e a defesa da Revolução Russa: Machno e seus partidários**. *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 22 de Novembro de 1922.

²⁷¹ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas: Memórias**. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.209.

cada momento e, por fim, luta parlamentar e extraparlamentar. Para Octavio, os militantes anarquistas do período não passavam de grandes oportunistas de esquerda, e o grande legado do anarquismo seriam derrotas do movimento operário e popular em países como Brasil, Portugal, Espanha e Itália.

Acreditamos que a análise das posições de Octavio até aqui, somada com a análise de suas opiniões no fim da sua vida, através de suas memórias, nos levam a crer que não é possível entender a trajetória política e intelectual de Octavio Brandão como um percurso linear que culminou, conseqüentemente, sua adesão ao comunismo. Na verdade, sua trajetória é marcada por diversas lutas políticas e intelectuais que se apresentam constantemente em seus textos pela afirmação dura de seus pensamentos. Desta forma, concordamos com Amaral, que afirma que "sua aderência às fileiras do comunismo nacional processou-se de maneira diversa, bastante sinuosa, onde as alternativas eram apresentadas e as escolhas iam sendo feitas"²⁷².

Até 1922 encontramos textos publicados de Octavio no qual ele defende o anarquismo abertamente. No entanto, a postura é completamente diferente de outrora. O sentido do texto é muito mais unitário.

Estamos vendo que uma parte do proletariado está deixando-se levar por uma luta inglória, sem beleza, contra o Grupo Comunista, composto de elementos ainda ontem da vanguarda social.
 Paz entre nós, guerra aos senhores!
 A burguesia está triunfante. Ela agradece o serviço inestimável que os exaltados de ambos os lados estão prestando.
 Camaradas, que luta esteril a vossa, combatendo irmãos e deixando o capitalismo em paz! (...)
 Bolchevistas, deixai em paz os anarquistas; fazei a vossa obra contra o capitalismo; preparai as forças proletárias para a Revolução social. (...)
 Quem vos fala assim continua com a mesma atitude de outrora, não aderi aos bolcheviques; não concordo com a ditadura.
 Mas também não concordo com a exaltação doentia de muitos elementos das fileiras anarquistas.
 Este combate aos bolchevistas irá completar a obra de erros anteriores. Completará a obra da reação policial.²⁷³

É possível que o texto acima seja resultado do momento de diminuição das lutas e forte repressão que se abateu sobre o Brasil a partir de 1920. O próprio Octavio foi preso neste ano, afinal, sua propaganda sistemática de uma nova sociedade não poderia passar impune no governo de Epitácio Pessoa. Octavio foi preso na noite do dia 24 de março de

²⁷² AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma Memória Silenciada: Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917 - 1980)**. 2003. 351 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003, p.63.

²⁷³ BRANDÃO, Octávio. **Paz entre nós, guerra aos senhores**. *Voz do Povo*. 1º de Maio de 1922.

1920. Além dele, outros dois redatores do jornal *Voz do Povo*, Fábio Luz e Alvaro Palmeira, também foram levados. Segundo Brandão, o motivo de sua segunda prisão era pelo "crime de solidariedade moral com a greve dos ferroviários da Leopoldina"²⁷⁴.

A prisão dos três redatores do *Voz do Povo* causou revolta entre alguns dos integrantes de esquerda, pois, as primeiras notícias quanto a prisão era confusas, inclusive afirmavam a prisão de José Oiticica, que não ocorreu. Os amigos dos jovens foram à polícia saber o que tinha ocorrido com os redatores e, no primeiro momento, a polícia negava-se a informar onde os três estavam. No dia seguinte à prisão, lia-se notas em alguns jornais do campo da esquerda, no periódico *O Jornal*, o questionamento era **Desaparecidos ou presos?**

Apesar dos esforços empregados pelos seus amigos e pessoas de família, não foi possível ontem serem encontrados os seguintes redatores e colaboradores do diário operário "Voz do Povo", srs. Fábio Luz, professor e escritor, Alvaro Palmeira, aluno da Faculdade de Medicina e professor da escola pública de Ramos, Octávio Brandão, autor do livro "Canais e Lagoas" e José Oiticica, professor do Pedro II.

Apesar de serem procurados até na polícia, esta declarou que não sabia onde eles se encontravam.²⁷⁵

Octavio Brandão passou 36 horas preso que foram, segundo o autor, horas de fome²⁷⁶. Recebeu mensagens de solidariedade, publicadas em jornais do Rio de Janeiro, como *A Razão*, *O Jornal*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, e, no próprio *Voz do Povo*. No jornal *A Notícia*, do Rio de Janeiro, questionava-se a arbitrariedade da prisão.

Não sabemos se é uma grande tolice perguntar a um chefe de polícia que é bacharel e desembargador, só não é um constrangimento ilegal prender-se um cidadão por mais de 24 horas sem flagrante delito ou mandado de autoridade judiciária.

Como não temos ainda uma resposta, porque também só agora é que estamos formulando essa inocente pergunta, queremos dizer que o farmacêutico Octávio Brandão, preso anteontem por ordem do desembargador Germiniano da Franca, está sofrendo um constrangimento ilegal, havendo mais a circunstância de que as autoridades policiais, côncias de que estão praticando violência, permitiram fosse noticiado que o ilustre moço, posto sob os cem olhos d'Argos na imundice onde está preso, havia mandado em paz, conjuntamente com o Dr. Fábio Luz.

Nenhum constrangimento será mais desastroso do que este, porque a violência policial vai acarretar um prejuízo irreparável a uma pessoa que começava sua vida e que, posta incomunicável, não poderá sequer entender-se na vista mesmo de alguns beaguins, com as pessoas com as quais tem compromissos que deviam vencer-se hoje.²⁷⁷

²⁷⁴ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 173.

²⁷⁵ **Desaparecidos ou presos?** *O Jornal*, Rio de Janeiro, 25 de Março de 1920.

²⁷⁶ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 174.

²⁷⁷ **O Constrangimento ilegal à pessoa do escritor Octavio Brandão.** *A Notícia*, Rio de Janeiro, 26 de Março de 1920.

A repressão nos anos seguintes não parou. Até 1931, Octavio foi preso 15 vezes. Sua farmácia passou a ser vigiada, pois servia como espaço de discussão e ponto de encontro entre os militantes do movimento operário. Sobre as prisões, Brandão afirma que seu lar "foi invadido, dezenas de vezes, pelos esbirros policiais. Suportei as mais duras masmorras. Conheci a penúria, o abandono e a solidão"²⁷⁸.

Em suas memórias, Octavio deixa claro, ao longo do texto que, apesar das duras perseguições e repressão, nunca desistiu de ser um militante combatente da esquerda. Nos parece claro isso, afinal, foram diversas conferências e visitas a fábricas para conscientizar os operários, além de tentativa de organizações. Mas é possível perceber um certo desânimo em seu discurso nos anos de 1921. No jornal *O Imparcial*, encontramos o seguinte trecho: "Contudo, minha alma transborda de esperanças. Queres apagar acaso o que cair? Pois fica sabendo que somente esse resquício darão para encher tua alma até transvazar. Não avaliais como é fundo o cofre da minha Esperança!"²⁷⁹.

Mesmo assim, a luta de Octavio não cessou, e em setembro de 1921 foi um dos fundadores de Comitê de Socorro aos Flagelados Russos²⁸⁰, junto com a companheira Laura Brandão, Astrojildo Pereira, José Oiticica, dentre outros camaradas²⁸¹.

Em 25 de março de 1922 é fundado o Partido Comunista do Brasil. Os militantes que logo aderiram ao partido eram os mesmos que faziam parte da luta política no campo do anarquismo no ano anterior. A primeira direção do PCB, segundo Octávio Brandão, era composta por Abílio de Naquete, Astrojildo Pereira, Antônio Canellas, Luiz Peres e Cruz Junior²⁸².

Octavio só veio compor as fileiras do PCB a partir de novembro de 1922. Segundo ele o principal motivo para a adesão posterior eram a falta de conhecimento das obras marxistas, pois ele acreditava que "não poderia aderir com um simples membro da base. Teria que aderir como combatente, militante, com certa formação teórica"²⁸³.

Segundo Brandão, a partir de 1922, o seu esforço foi no sentido de buscar bases teóricas quanto à superação do anarquismo ou, pelo menos, de conhecer melhor o comunismo leninista e da Revolução Russa.

²⁷⁸ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.173.

²⁷⁹ BRANDÃO, Octavio. **Esperança**. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 09 de Maio de 1921.

²⁸⁰ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.213.

²⁸¹ **Solidariedade**. *A Plebe*, 1º de Novembro de 1921

²⁸² BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p.225.

²⁸³ IDEM, p. 221.

Assim na pequena farmácia da rua General Câmara 307, a partir de meados de 1922, *pela primeira vez na vida*, li em traduções francesas os livros de Marx, Engels e Lênin - os três maiores mestres de toda a Humanidade. (...) Procurei adquirir a necessária *base teórica*. Iniciei o estudo do materialismo histórico, da dialética marxista-leninista como ciência - a ciência das leis gerais do desenvolvimento da vida e do universo, da sociedade e do pensamento. Tratei de ser materialista em todos os domínios - naturais e sociais. Vi no idealismo filosófico, o chamado espiritualismo, uma forma de capitulação no altar da mística, da teologia e da reação.²⁸⁴

Astrojildo Pereira, amigo e militante, foi decisivo neste processo. Segundo Brandão, ele ia sempre a farmácia e emprestava livros marxistas para ele, mesmo sem discutir o tema com Octavio. Assim, a partir das leituras e experiências vividas nos anos anteriores, Octávio deu aquele que chamou de Terceiro Passo Libertador da sua vida, entrou no PCB e afastou-se do anarquismo, tornando-se comunista.

Na pequena farmácia, a 15 de outubro, assinei a papeleta de adesão. Astrojildo resolveu tornar solene o ato e recomendou como data de adesão: 7 de novembro de 1922.

Neste dia, apesar do estado de sítio, a sede do sindicato têxtil, à rua Acre 19, ficou cheia de trabalhadores, que foram comemorar o 5º aniversário da revolução proletária na Rússia. Nessa reunião, Astrojildo anunciou minha adesão ao PCB. Falei exaltando a revolução socialista e expliquei porque me tornara comunista, partidário da doutrina de Marx, Engels e Lenin.²⁸⁵

Acreditamos que esta fase da vida de Octavio é significativa para entender sua trajetória. Percebe-se um esforço intelectual para o avanço na consciência política, deixando de ser anarquista e virando comunista, rompendo com amizades antigas e importantes, como a de José Oiticica, para defender uma nova visão de como construir uma nova sociedade para os trabalhadores. Essa transição não foi fácil, nem muito menos linear. No entanto, acreditamos que partiu de um esforço consciente baseado em suas experiências práticas e teóricas.

3.4. Breves Conclusões

Octavio Brandão, enquanto morou no Rio de Janeiro, teve uma vida permeada pelas lutas junto à classe trabalhadora. Fez dezenas de conferências, escreveu artigos em vários jornais e esteve presente em várias fábricas, aproximando-se do cotidiano dos trabalhadores. Assim como os anarquistas da década de 20, Octavio prezava muito pela educação das massas, portanto, em seus artigos, discussões sobre religião, revolução e situação do povo brasileiro eram recorrentes.

²⁸⁴ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 231.

²⁸⁵ IDEM, p. 233.

Além disso, Octavio profere a intelectualidade um papel protagonista na luta pela conscientização das massas, portanto, em várias oportunidades faz chamados aos intelectuais a virem construir o anarquismo. O que nos chama mais atenção nos textos é a defesa do anarquismo e, por vezes, inclusive, com discussões sobre o regime que estava sendo proposto na Rússia pós-revolução e em contraposição aos intelectuais que ele vai reivindicar nos anos posteriores, a exemplo de Lenin.

A entrada no PCB marca a fase de rompimento com o anarquismo e a adesão ao socialismo bolchevique, mas não é possível entender essa passagem de forma linear, tendo em vista todas as dificuldades do período e própria trajetória que Octavio trilhou até entrar no PCB em outubro de 1922.

Conclusão

A vida de Octavio Brandão foi permeada por grandes batalhas em torno dos seus ideais. Quando garoto, teve que lutar pelo reconhecimento daquela que seria para o intelectual a grande obra de sua vida, *Canais e Lagoas*, depois as ideias anarquistas e revolucionária e, já no Rio de Janeiro, o rompimento com estas para a construção do Partido Comunista do Brasil a serviço da experiência da Revolução Russa.

Durante toda a construção de suas memórias, é possível perceber que Octavio tenta construir a imagem de um garoto que viveu em terras alagoanas em uma infância que não o permitiu o carinho dos pais e teve que trabalhar muito cedo. Na verdade, Octavio coloca a sua infância a serviço da sua formação enquanto revolucionário. Não é à toa que o intelectual expõe as dificuldades vividas pelo pai, as dívidas do avô, que era senhor de engenho, e o contato com a situação de pobreza do povo de Viçosa que visitava a farmácia de seu pai.

A paixão pelas ciências naturais é também colocada a serviço da construção dele enquanto revolucionário. As pesquisas na região dos canais e lagoas o colocou em contato direto com a miséria do povo ribeirinho. Acreditamos que, de fato, isso despertou no garoto uma indignação, afinal, em um estado dominado por oligarquias açucareiras, onde poucas famílias têm terras a perder de vistas, causa indignação a situação vivida pelos ribeirinhos das lagoas alagoanas.

Quanto ao *Canais e Lagoas*, não queremos aqui defender que este é um grande clássico da literatura e geologia brasileira. Porém, achamos que tem importância histórica e científica sobre o tema que trata, por mais que seja cheio de confusões literárias e teóricas, principalmente no que diz respeito ao entendimento de toda a construção da memória de Octavio Brandão.

É sintomática a forma como Octavio trata toda a discussão sobre a falta importância intelectual dada ao livro, mesmo anos depois quando ele volta para o Brasil e o petróleo já é uma realidade. O desenvolvimento tardio da exploração do petróleo no Brasil é visto por Octavio como "conspiração do silêncio" voltada contra ele. A diferença de análise sobre a exploração tardia do petróleo entre Monteiro Lobato e Octavio Brandão salta aos olhos. Enquanto o Monteiro apresenta argumentos que comprovam que a tardia exploração do petróleo no Brasil é decorrência do desenvolvimento do capitalismo e do imperialismo, para os quais era mais rentável manter o petróleo nas mãos dos grandes trustes imperialistas. Desta

forma, não havia, para os trustes imperialista, motivos que justificassem a exploração do petróleo no Brasil na década de 20. Já Octavio Brandão, atribui a tardia exploração do petróleo a uma "conspiração do silêncio", que seria voltada contra ele e que o acompanharia durante toda a sua trajetória.

A vida militante de Octavio esteve ligada diretamente com suas escolhas políticas e trajetória intelectual. Desde os primeiros anos de militância, ainda em Alagoas, o jovem naturalista de apenas 19 anos, defendeu a divisão de terras, melhores condições de vida e trabalho para os trabalhadores e povo pobre, além disso, criticou os grandes capitalistas brasileiros que estavam lucrando com a guerra, enquanto o povo estava à míngua. Pela defesa de suas ideias, foi preso em Alagoas pela primeira vez, e, alguns meses depois de chegar ao Rio de Janeiro, foi preso lá também.

Sua vida militante nos anos em que estamos pesquisando foi intensa. Octavio escreveu artigos em diversos jornais, visitou fábricas, panfletou, participou de greves e fez dezenas de conferências para trabalhadores de diversas categorias, na perspectiva de educá-los e ganhá-los para a concepção revolucionária. A educação da população era uma das características dos militantes anarquistas na década de 20, neste sentido, Octavio escreveu diversos artigos sobre temas como religião, revolução e situação do povo brasileiro.

A influência de Nietzsche é evidente em seus textos durante este período. O jovem reivindica as formulações sociais do intelectual. Acreditamos que tanto algumas formulações sobre sociedade quanto algumas sobre moral, combinadas com o contato com a miséria do povo alagoano, contribuíram para que Octavio mergulhasse ainda mais na vida militante, rompendo de vez com a religião e a família. Ao longo da sua trajetória, o contato com outros intelectuais faz com que a admiração que Octavio tinha por Nietzsche fosse rompida e fique cada vez mais no passado.

Outro aspecto da trajetória de Octavio é o papel protagonista que ele dedica à intelectualidade. Nas formulações do intelectual, fica claro que aos intelectuais resta a tarefa de atuar na luta pela conscientização das massas, portanto, em várias oportunidades faz chamados aos intelectuais a virem construir o anarquismo e a revolução. Posteriormente, vai lamentar os poucos intelectuais presentes nos primeiros anos do PCB²⁸⁶.

Durante os anos de 1919, 1920 e 1921, a defesa do anarquismo é elemento constante nos textos de Octavio. O jovem produz textos mais densos, nos quais dedica-se a discutir o

²⁸⁶ BRANDÃO, Octavio. **Combates e Batalhas**: Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978, p. 218.

porquê da situação em que vivem os trabalhadores brasileiros é necessário que se faça uma revolução anarquistas. Em 1920 e 1921, apesar de defender a experiência dos trabalhadores na Revolução Russa, faz discussões e críticas fortes contra Lenin e Trotsky, questionando o Estado de Transição que se instaurou no pós-revolução e o modelo econômico que não extinguiu as moedas.

A entrada no PCB marca a fase de rompimento com o anarquismo e a adesão ao socialismo bolchevique, mas não é possível entender essa passagem de forma linear, tendo em vista todas as dificuldades do período e a própria trajetória que Octavio trilhou até entrar no PCB em outubro de 1922. Octavio não era apenas um intelectual, era também militante, por isso acreditamos que as derrotas sofridas pelo movimento dos trabalhadores em virtude da forte repressão no Brasil, combinada com a fundação do PCB por anarquistas que eram, também, referências e amigos de Octavio, como Astrojildo Pereira e Antônio Canellas, são elementos determinantes para esse rompimento e posterior negação do anarquismo.

Quanto às produções de Octavio Brandão, João Quartim de Moraes acredita que são pioneiras, pelas formulações teóricas e políticas, a partir da realidade do povo brasileiro. Sobre o livro *Agrarismo e Industrialismo*, que foi escrito em 1925, quando Octavio já fazia parte do PCB, o autor afirma:

De poucas obras dir-se-á com razão de serem tão paradoxais quanto *Agrarismo e Industrialismo*. Seus defeitos saltam aos olhos, mas não devem fazer perder de vista nem o pioneirismo doutrinário, que pensamos haver convincentemente ressaltado, nem a percepção, que nos parece justa, de que o principal conflito no Brasil de então opunha os interesses da nação dos das oligarquias agrárias. Também são globalmente justas suas observações sobre o imperialismo e a subordinação econômica dos interesses agrários à alta finança inglesa, bem como sobre as perspectivas sombrias que nos reservava nossa posição de maior exportadores de café²⁸⁷.

A filiação ao anarquismo não faz, em nossa opinião, de Octavio Brandão um intelectual menos importante. Acreditamos que sua trajetória se confunde com a trajetória de outros anarquistas que, posteriormente, filiaram-se ao PCB. Explica-se pela conjuntura política que era vivida no Brasil e no mundo e nos apresenta elementos para compreender melhor a história das correntes políticas da esquerda naquele período, sejam anarquistas, sindicalistas-revolucionárias ou socialistas.

²⁸⁷ MORAES, João Quartim de. A influência do leninismo de Stalin no comunismo brasileiro. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et al. **História do Marxismo no Brasil: O impacto das Revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 47-87. (Volume I), p. 79.

Referências Bibliográficas

Fontes Documentais

ALBUQUERQUE, A. de. **Tiro de misericórdia.** *Jornal de Alagoas*, Maceió, nº: 175. 07 de Agosto de 1918.

Ao raiar da nova era. *Voz do Povo*. Rio de Janeiro, 26 de julho de 1920.

Associação dos Maleiros, Caixoteiros, Carroceiros, Seleiros e Artes Correlativas. *Voz do Povo*. Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1920.

B. Sobre o livro Canais e Lagoas. IN: *A Batalha*. 12 de junho de 1920.

BOMBARDA, Salomão. **Folhas esparsas.** *Voz do Povo*. Rio de Janeiro, 06 de Maio de 1920.

_____. **Sob o tremular do estandarte socialista.** IN: *O POVO*, Maceió, nº: 4, 2 de setembro de 1918.

BRANDÃO, Octavio. **Ação.** IN: *A Plebe*, São Paulo, 3 de Julho de 1920.

_____. **Aforismos e anotações.** *A Plebe*, São Paulo, 24 de julho de 1920.

_____. **A Mãe – Maximo Gorki.** *A Semana Social*, Maceió, nº: 25, 27 de Outubro de 1917.

_____. **Analisando a Bíblia.** *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 29 de março de 1920

_____. **Apelo à nacionalidade brasileira: lido na sede dos Tecelões, a 14 de julho, em sessão comemorativa da Tomada da Bastilha, patrocinada pelo C.D.D.H.** *Voz do povo*. Rio de Janeiro, 17 de julho de 1920

_____. **Apontamentos.** *A Plebe*, São Paulo, 11 de Setembro de 1920.

_____. **Aspectos Pernambucanos no fim do século XVI.** IN: Arquivo Edgar Leuenroth, Fundo Octávio Brandão.

_____. **As vendedoras de sururu.** *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1920.

_____. **Brados de Guerra.** *A Plebe*, São Paulo, 03 de julho de 1920.

_____. **Esperança.** *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 09 de Maio de 1921.

_____. **Folhas Esparsas.** *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1922.

- _____. **Idolatria.** *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1920.
- _____. **Kristo.** *Spartacus*, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1920.
- _____. **Manifesto aos trabalhadores alagoanos.** *A Plebe*. São Paulo, 14 de agosto de 1920.
- _____. **Manifesto aos trabalhadores pernambucanos.** *A Plebe*. São Paulo, 17 de julho de 1920.
- _____. **Os anarquistas e a defesa da Revolução Russa: Machno e seus partidários.** *Voz do Povo*, Rio de Janeiro, 22 de Novembro de 1922.
- _____. **O Desabar dos deuses.** *Spartacus*, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1920
- _____. **O Desabar dos deuses.** *Spartacus*, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1920.
- _____. **O mito de Satan.** *Spartacus*, Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1919.
- _____. **O que é Patriotismo?** *A Semana Social*, Maceió, nº 25, 27 de Outubro de 1917.
- _____. **O palacianismo na Arte.** *Spartacus*, Rio de Janeiro, 25 de Outubro de 1919.
- _____. **Paz entre nós, guerra aos senhores.** *Voz do Povo*. Rio de Janeiro, 1º de Maio de 1922.
- _____. **Pela República Universal!** *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 1920
- _____. **Quando a Igreja era a senhora do mundo....** *Spartacus*, Rio de Janeiro, 06 de setembro de 1919.
- _____. **Relâmpago e Caos: Anarquismo e Bolchevismo.** *Voz do Povo*. Rio de Janeiro, 26 de Outubro de 1920.
- _____. **Sobre os escombros fumegantes.** *Voz do Povo*. Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1920.
- _____. **Vida Vivida - Recordações.** IN: Arquivo Edgar Leuenroth , Fundo Octavio Brandão.
- C.D.D.H.** *Voz do Povo*. Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1920.
- CANELLAS, Antonio. **O atentado governamental contra a vida e sossego do povo:**

Bruscamente e contra a vontade quase unânime da nação, os dirigentes levam o país a guerra. *A Semana Social*, Maceió, 03 de Novembro de 1917.

CAVALCANTI, Povias. **Nacionalismo.** *Jornal de Alagoas*, Maceió, nº: 157, 18 de Julho de 1918.

CONFERENCIAS. *Jornal de Alagoas*, Maceió, nº: 42, 22 de Fevereiro de 1917, nº:42.

CONFERENCIAS. *Jornal de Alagoas*, Maceió, nº: 228, 07 de Outubro de 1917, nº:228.

Conferência. *Voz do Povo*. Rio de Janeiro, 22 de Agosto de 1920.

Desaparecidos ou presos? *O Jornal*, Rio de Janeiro, 25 de Março de 1920.

Dr. José de Oiticica. *Tribuna do Povo*, Orgam da federação de resistencia das classes trabalhadores de Pernambuco, Recife, nº 28, ANNO I, 20 de Dezembro de 1918.

Em torno de um apello, *Tribuna do Povo*, Recife, nº 12, ANNO I, 1 de Julho de 1918.

Festival do sindicato dos trabalhadores Gráficos. *Voz do Povo*. Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1920.

História Natural Aplicada ao Brasil. *O Caduceu*, Maceió, Ano III, Nº 3, 18 de Agosto de 1918.

O Constrangimento ilegal à pessoa do escritor Octávio Brandão. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 26 de Março de 1920.

O Maximalismo. *Jornal de Alagoas*, Maceió, nº: 68, 28 de Março de 1919.

Maximalismo em ação: Documentos importantes. *Jornal de Alagoas*, Maceió, nº:57, 14 de Março de 1919.

Núcleo Organizador. **Grupo Comunista Brasileiro "Zumbi"**. *Spartacus*, Rio de Janeiro, 03 de Janeiro de 1920.

Octavio Brandão o pioneiro do petróleo brasileiro desde 1917 (recorte de jornal). Coleção Octávio Brandão. IHGAL.

OLIVEIRA, Faustino. **Canaes e Lagoas.** *Jornal do Comércio*. Maceió, 13 de Janeiro de 1920.

REGRAS, João das. **Canaes e Lagoas – por Octávio Brandão.** *A Notícia*, Rio de Janeiro, 22 de Outubro de 1919.

Solidariedade. *A Plebe*, São Paulo, 1º de Novembro de 1921.

Tribuna do Povo, Viçosa, ANO I, nº:6, 21 de setembro de 1916.

Um fracasso oratório. *O Lynge*. Juiz de Fora, 07 de Maio de 1922.

Uma peregrinação espiritual. *O Caduceu*, Maceió, Ano III, Nº 5, 01 de Setembro de 1918.

Bibliografia

ALMEIDA, Luiz Sávio de. **Crônicas Alagoanas:** Notas sobre poder, operários e comunistas em Alagoas. 2. ed. Maceió: Edufal, 2013.

AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma Memória Silenciada:** Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917 - 1980). 2003. 351 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

ARAÚJO, Silvia; CARDOSO, Alcina. **Jornalismo e militância operária.** Curitiba: Editora da Ufpr, 1992.

BARTZ, Frederico Duarte. **Partido Comunista do Brasil (1919):** lutas, divergências e esquecimentos. **Aedos**, Porto Alegre, v. 2, n. 4, p.318-330, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/10936/7492>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

BATALHA, Claudio H. M. **A Difusão do Marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX.** In: MORAES, João Quartim de (org.) **História do Marxismo no Brasil**, Vol II. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **O movimento operário na Primeira República.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BELLOTTO, Heloísa. **Arquivos permanentes:** tratamento documental. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BRANDÃO, Octávio. **Canais e Lagoas.** Maceió: Edufal, 2001. 1 v.

_____. **Combates e Batalhas:** Memórias. São Paulo: Alfa-omega, 1978.

_____. **O Caminho.** Maceió: Edufal, 2007.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia:** a história entre incertezas e inquietude/ Roger Chartier, trad. Patricia Chittone Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. Intelectual (História). IN: BURGUIERE, André (org.). **Dicionário das Ciências Históricas.** Trad. Henrique de Araujo Mesquita, Rio de Janeiro: Malo, 1993.

CARONE, Edgar. O Marxismo no Brasil - Das origens a 1964. In: SECCO, Lincoln; DEAECTO, Marisa Midori (Org.). **Leituras marxistas e outros estudos.** São Paulo: Xamã, 2004.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **O Bangüê nas Alagoas:** Traços da influência do sistema

econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional. 3ª Maceió: Edufal, 2012.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

FEIBER, Cristina Gabriela. O Partido Comunista Brasileiro de 1922: Seus antecedentes e sua formação. **Revista Latino Americana de História**, São Leopoldo, v. 1, n. 3, p.276-286, mar. 2012. Disponível em: <<http://projeto.unisinus.br/rla/index.php/rla/article/view/83/61>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios).

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GONÇALVES, Adelaide (Org.). **Ceará Socialista**: anno 1919. Florianópolis: Insular, 2001.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!:** memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3ed. rev. e ampl. - São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

Inventário analítico do acervo Octávio Brandão/ coord. Elaine Marques Zanatta. Campinas: Editora Unicamp, 1986.

KHOURY, Yara Aun. Edgar Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A formação das tradições: 1889-1945**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: A recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5ª Edição. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LIMA, Jorge de. *Minhas memórias - Tempos de Magia e Contemplação*. Apud: AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma Memória Silenciada: Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão (1917 - 1980)**. 2003. 351 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

LINDOSO, Dirceu. Representação Social na Escrita da Cultura Alagoana do Século XIX. In: LINDOSO, Dirceu. **Interpretação da Província**. Maceió: Secult, 1985. p. 49-78. (Cultura Popular/Cadernos de Cultura).

LOBATO, Monteiro. **O escândalo do petróleo e ferro**. São Paulo: Brasiliense Ltda, 1957. 7 v. (Obras Completas de Monteiro Lobato)

MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. **Trabalhadores, Identidade de Classe e Socialismo: Os gráficos de Maceió (1895-1905)**. 3ª Maceió: Edufal, 2009.

MADEIRA, Maria Das Graças de Loiola. Itinerário do Educador Alagoano Francisco Domingues da Silva (1847-1918). In: VERÇOSA, Élcio. **Intelectuais e Processos Formativos em Alagoas (séculos XIX e XX)**. Maceió: Edufal, 2011.

MARQUES, Carlos. A Imprensa Libertária: jornalismo operário e resistência anarquista na primeira década do Século XX. **Antíteses**, Londrina, v. 5, n. 10, p.855-864, jul. 2012.

Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/9680/12139>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MORAES, Dênis de. **O velho Graça**: Uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo, 2012.

MORAES FILHO, Evaristo de. A Proto-História do Marxismo no Brasil. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et al. **História do Marxismo no Brasil: O impacto das Revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 15-46. (Volume I).

MORAES, João Quartim de. A influência do leninismo de Stalin no comunismo brasileiro. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et al. **História do Marxismo no Brasil: O impacto das Revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 47-87. (Volume I).

OLIVEIRA, Tiago Bernardon. **Anarquismo, Sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)**. 2009. 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1142.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

_____. **Mobilização operária na República excludente**: Um estudo comparativo entre o Estado e movimento operário nos casos de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul nas duas primeiras décadas do século XX. 2003. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5524/000427464.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

_____. **Para além do sindicalismo: Novos instrumentos e aliados para a revolução anarquista no Brasil(1917-1922)**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH, 26., 2011, São Paulo. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308190543_ARQUIVO_TiagoBernardondeOliveira-ANPUH2011-Paraalemdosindicalismo-novosinstrumentosealiadosparaumarevolucaoanarquistanoBrasil.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2014.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte; PINHEIRO, Luiz Balkar Sá Peixoto (Org.). **Imprensa Operária na Amazonia**. Amazonia: Edua, 2004.

PLANCHAREL, Alice Anabuki. **Memórias & omissão**: Anarquismo & Otávio Brandão. Maceió: Edufal, 1997.

PREOBRAZHENSKI, Evgheni. **Anarquismo e Comunismo**. São Paulo: Sundermann, 2013.

RAFAEL, Ulisses. **Xangô rezado baixo: religião e política na Primeira República.** Maceió/Aracaju: EDUFAL/EDUFS, 2012.

RAMOS, Graciliano. **Infância.** 11. ed. São Paulo: Record, 1976.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. **Contribuição à história do açúcar em Alagoas.** Recife: Museu do Açúcar/IAA, 1970.

SCHIMIDT, Benito Bisso. **Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas.** Porto Alegre: Editora Livraria Palmarinca, 2004.

TENÓRIO, Douglas Apratto. **Metamorfose das Oligarquias.** Curitiba: Hd Livros, 1997.

TOLEDO, Edilene. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Org.). **A FORMAÇÃO DAS TRADIÇÕES (1889 - 1945).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 54-100, p. 79.

_____. **Anarquismo e sindicalismo revolucionário.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.